

Maíra Kaminski da Fonseca

**DA CRUELDADE A LIBERTAÇÃO:
ANÁLISE DOS NÍVEIS DE SENSIBILIDADE EM RELAÇÃO
AOS ANIMAIS NO BRASIL PÓS DÉCADA DE 1970**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Mestre em
História
Orientador: Prof. Dr. João Klug

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Fonseca, Maira Kaminski da
DA CRUELDADE A LIBERTAÇÃO: : ANÁLISE DOS NÍVEIS
DE SENSIBILIDADE EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS NO BRASIL
PÓS DÉCADA DE 1970. / Maira Kaminski da Fonseca ;
orientador, João Klug, 2018.
156 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. História. 2. História Ambiental . 3. Animais
não humanos. 4. Sensibilidade. 5. Ética. I. Klug,
João. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Não se faz uma dissertação sozinha, apesar dos mecanismos da Pós-Graduação nos fazerem acreditar que sim. Muitas pessoas, humanas e não humanas, tem papel fundamental na conclusão desse trabalho. Em primeiro lugar, agradeço a mim mesma, que por mais que tenha passado por inúmeras situações desfavoráveis nessa trajetória, não desisti e cheguei até aqui.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. João Klug, que com sua sabedoria, paciência, compreensão e extremo profissionalismo me conduziu nesse trabalho, nunca deixando a humanidade de lado. Agradeço a cada palavra de apoio e de incentivo, que me fizeram manter o coração quente e a cabeça fria, mesmo quando a situação não era das mais fáceis. Agradeço também ao Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental da UFSC (LABIMHA), junto com a Prof. Dra. Eunice Nodari, pelo acolhimento e incentivo à pesquisa, assim como aos colegas de laboratório pelas discussões sempre tão enriquecedoras.

Agradeço imensamente e infinitamente à minha mãe Sonia Kaminski e sua fé inabalável, por ser meu esteio, meu exemplo, meu orgulho e minha fonte de inspiração e persistência. Agradeço também aos meus familiares, em especial meu irmão André Felipe por ser meu exemplo de pessoa dedicada aos estudos.

Agradeço aos amigos e amigas de longa data, Simone, por ser minha parceira na vida por mais de 18 anos. Agradeço à minha parceira Jessica, por tudo que passamos juntas desde o primeiro ano da graduação, até hoje, e também William e Daniela por todo companheirismo que começou na graduação e se estendeu pra vida.

Agradeço aos novos amigos e amigas conquistados durante esses anos de mestrado, em especial Bruno, Cecilia, Silvia e Esther, pelo companheirismo, ombro amigo, risadas, cervejas, e principalmente por terem sido ponto de apoio nos momentos difíceis e de solidão. Agradeço também à Priscilla, Andressa, Marina, Mariane e Fabiana.

Agradeço às pessoas que dividiram moradia comigo e que além de dividir as contas, compartilharam a vida, Luisa, Vitória, Talita, Morgani, e em especial Leonardo por ter se tornado tão importante na minha vida.

Agradeço aos professores da graduação, em especial meu orientador Jó Klanovicz por ter dado a primeira oportunidade de pesquisa, e sempre me incentivado a continuar a vida acadêmica e sua esposa Luciana Klanovicz, por ser a melhor professora que tive. Agradeço-os também por terem se tornado amigos para além da graduação.

Agradeço às pessoas que me cederam entrevistas para compor esse trabalho, Karina, Karila, Vinicius, em especial Joelton pelo companheirismo, por acreditar em mim, pela paciência, amizade, apoio e por ter compartilhado um tanto da sua caminhada comigo.

Por último, mas não menos importante, agradeço às pessoas não humanas que tutelei junto com minha família desde criança, que me ensinaram o amor puro e sincero que surge da amizade entre animais humanos e não humanos, os gatos Pepeca, Torresmo, Boneco, e os cães Espoleta, Pantaleão, Fefe, Mico, Doninha, Sly, Belinha, Polenta, e minha atual e fiel companheira Duca.

“Os animais do mundo existem por suas próprias razões. Não foram feitos para os seres humanos, do mesmo modo que os negros não foram feitos para os brancos, nem as mulheres para os homens.”
(Alice Walker)

RESUMO

Nos últimos anos estamos acompanhando uma mudança significativa na maneira como os animais humanos interagem com os animais não humanos na sociedade. É visível que uma outra relação está sendo criada, e as sensibilidades para com esses seres vem sofrendo alterações importantes de serem analisadas historicamente. Apesar disso, percebemos que muito do pensamento moderno cartesiano de que animais não humanos não são dignos da preocupação ética dos animais humanos ainda persiste. Essas assertivas nos dão a entender que dentro da sociedade encontramos níveis de sensibilidade para com animais não humanos que variam de 0 a 3. Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é analisar a partir da História Ambiental, em conjunto com a História das Sensibilidades, como essas mudanças na relação animal humanoXanimal não humano vem se delineando no Brasil, em que medida atingem a sociedade e que tipo de alteração efetiva de mentalidade vem surgindo a partir desse debate que envolve ética, direito, antropologia, e sociologia. Partindo de uma ideia de níveis de sensibilidade, busca-se demonstrar as variantes dessa mudança e o que ainda permanece. Toma-se como ponto de partida a década de 1970 por ser um período em que fervilhava no mundo ocidental a preocupação com a degradação do meio ambiente, e consequentemente com a degradação da vida animal no planeta.

Palavras-chave: História Ambiental. Animais não humanos. Sensibilidade. Ética.

ABSTRACT

In recent years we have been following a significant shift in the way human animals interact with nonhuman animals in society. It is apparent that another relationship is being created, and the sensitivities to these beings have undergone important changes to be analyzed historically. Despite this, we realize that much of the Cartesian modern thought that nonhuman animals are not worthy of the ethical concern of human animals still persists. These assertions tell us that within society we find levels of sensitivity to nonhuman animals ranging from 0 to 3. In this sense, the objective of this research is to analyze from the Environmental History, together with the History of Sensitivities, how these changes in the human animalsXnonhuman animals relation is being outlined in Brazil, to what extent they affect the society and what kind of effective change of mentality has emerged from this debate that involves ethics, law, anthropology, and sociology. Starting from an idea of levels of sensitivity, we try to demonstrate the variants of this change and what still remains. It takes as starting point the 1970s as a period in which the Western world was preoccupied with the degradation of the environment, and consequently with the degradation of animal life on the planet.

Keywords: Environmental History. Nonhuman animals. Sensibility. Ethic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Notícia sobre a legalização de brigas de galo na Bahia, Folha de São Paulo 11 de novembro de 1991.....	49
Figura 2 - Nota do Ministério Público solicitando a suspensão das brigas de galo, Folha de São Paulo 22 de novembro de 1991.....	49
Figura 3 - Notícia sobre lei que proíbe a criação de cães da raça Pitt Bull, Folha de São Paulo 12 de março de 1999.....	53
Figura 4 - Propaganda da South African Airways, Folha de São Paulo 16 de maio de 1975.....	58
Figura 5 - Comentários do site de notícias Exame sobre a morte do leão Cecil, 29 de julho de 2015.....	63
Figura 6 - Classificados oferecendo “serviços” ligados à zoofilia, Folha de São Paulo 12 de janeiro de 1997; 9 de fevereiro de 1997.....	68
Figura 7 - Campanha contra o abandono de animais da Prefeitura Municipal de Blumenau/SC.....	78
Figura 8 - Campanha contra o abandono de animais da Prefeitura Municipal de Porto Alegre/RS.....	79
Figura 9 - Campanha para guarda responsável de animais da Prefeitura Municipal de Curitiba/PR.....	81
Figura 10 - Insensibilização por dardo cativo.....	85
Figura 11 - Comentários retirados do site YouTube.....	86
Figura 12 - Comentários retirados do site YouTube.....	87
Figura 13 - Trecho de entrevista realizada com diretor de marketing da Federação Nacional do Rodeio Completo, Folha de São Paulo 21 de dezembro de 1997.....	101
Figura 14 - Campanha do Senador Otto Alencar a favor da vaquejada.....	102
Figura 15 - Campanha “Tortura não é Cultura” do Fórum Nacional de Proteção e defesa animal.....	103
Figura 16 - PrintScreen da página de Luisa Mell no site Facebook, 29 de setembro de 2017.....	112
Figura 17 - Comentários da publicação de Luisa Mell em sua página do site Facebook, 29 de setembro de 2017.....	113
Figura 18 - Comentários da publicação de Luisa Mell em sua página do site Facebook, 29 de setembro de 2017.....	113
Figura 19 - Comentários no site do G1 sobre reportagem de resgate de Luisa Mell, 29 de setembro de 2017.....	114
Figura 20 - PrintScreen de publicação feita em um grupo de resgate animal da cidade de Guarapuava/PR.....	117

Figura 21 - Comentários da publicação de um grupo de resgate animal da cidade de Guarapuava/PR.....	118
Figura 22 - Matéria retirada do site BBC Brasil sobre os riscos da dieta vegana.....	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDA – Agência Nacional de Direitos Animais.
CRMV – Conselho Regional de Medicina Veterinária.
FNRC – Federação Nacional do Rodeio Completo.
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis.
IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.
MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.
ONG – Organização Não-Governamental.
PEA – Projeto Esperança Animal.
PETA – People for the Ethical Treatment os Animals.
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro.
RSPCA – Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals.
SPAG – Sociedade Protetora dos Animais de Guarapuava/PR.
SUIPA – Sociedade União Internacional Protetora dos Animais.
SVB – Sociedade Vegetariana Brasileira.
UIPA – União Internacional Protetora dos Animais.
ULA – União Libertária Animal.
UNESP – Universidade Estadual Paulista.
USP – Universidade de São Paulo.
WSPA – World Society for the Protection os Animals.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	19
2	CAPÍTULO 1 - “ANIMAIS SÃO MÁQUINAS VIVAS”: A SENSIBILIDADE DE NÍVEL ZERO	29
2.1	MAUS-TRATOS, ABANDONO, MORTE.....	30
2.2	RINHAS.....	40
2.3	CAÇA:	54
2.4	O PARADOXO DA ZOOFILIA	63
3	CAPÍTULO 2 - “MAS ELES NÃO ESTÃO SOFRENDO”: A SENSIBILIDADE DE NÍVEL 1	70
3.1	O AMOR PELOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: POSSE OU GUARDA?.....	72
3.1.1	Espécies privilegiadas:	74
3.1.2	Guarda responsável:	77
3.2	ABATE HUMANITÁRIO:.....	83
3.3	DIVERSÃO DUVIDOSA: RODEIOS E CIRCOS.....	88
3.3.1	Circos:	89
3.3.2	Rodeios:.....	94
4	CAPÍTULO 3 – OS “BEM-ESTARISTAS”: A SENSIBILIDADE DE NÍVEL 2	105
4.1	REVOLTA COM ATITUDES EXTREMAS:.....	106
4.2	ONGS DE PROTEÇÃO ANIMAL:	115
4.3	PERMANÊNCIA DOS HÁBITOS DE CONSUMO:	122
5	CAPÍTULO 4 – OS “ABOLICIONISTAS”: A SENSIBILIDADE DE NÍVEL 3	125
5.1	OVOLACTOVEGETARIANISMO:	126
5.2	VEGETARIANISMO ESTRITO:.....	131
5.3	VEGANISMO:.....	133
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
	REFERÊNCIAS.....	153

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o debate a respeito da relação entre animais humanos e não humanos¹ é ainda muito recente e isso se deve, em certa medida, aos processos também recentes de modernização das relações entre humanos e não humanos, a partir da industrialização de alimentos. Segundo Juliana Vergueiro Gomes Dias, o país teve uma inserção tardia na produção de carne em escala industrial², em relação aos países vizinhos como Uruguai e Argentina, o que adiou ainda mais as discussões acerca de bem estar e direito animal.

O historiador Keith Thomas em sua conhecida obra “**O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**” (2010) traz uma reflexão profunda sobre as transformações na percepção sobre os animais não humanos no cotidiano da sociedade inglesa dos séculos XVI, XVII, XVIII e início do XIX. Thomas delinea toda a trajetória do pensamento sobre esses animais, desde as concepções ligadas exclusivamente às questões religiosas até a rejeição da crueldade extrema. Após uma longa discussão sobre as práticas consideradas cruéis e seu gradual repúdio, o autor traz um capítulo essencial para entendermos o início sutil da alteração da sensibilidade para com os animais. “O destronamento do homem” tem seu prelúdio já no final do século XVII. Segundo o autor:

Em fins do século XVII, a própria tradição antropocêntrica sofria atenuada erosão. A aceitação explícita da ideia de que o mundo não existe somente para o homem pode ser considerada como uma das grandes revoluções no moderno pensamento ocidental, embora raros historiadores lhe tenham feito justiça.³

¹ A utilização do termo “animais não- humanos” acaba por mudar os sentidos simbólicos da separação homem/animal.

² DIAS, Juliana Vergueiro. **O rigor da morte**: a construção simbólica do “animal de açougue” na produção industrial brasileira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Campinas, Campinas: [s.n.], 2009. p. 35.

³ THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 235.

Baseado na discussão que travou anteriormente, Thomas argumenta que o fato de tirar o caráter antropocêntrico da humanidade, destituiu de legitimidade que se maltrate desnecessariamente animais não humanos, apesar da ideia de que eles foram feitos para servir o homem ainda fosse (e é) considerada uma verdade, mesmo que muitos pensadores tenham argumentado o oposto⁴. Essa ideia está ainda muito atrelada ao discurso de René Descartes. Para ele, os animais não passam de máquinas vivas, que não sentem como os humanos, e não são dignos de empatia, sensibilidade e muito menos de preocupação moral.

O fato de serem descobertos animais e micro-organismos que vivem completamente independentes da vida humana acabou por destituir a unanimidade da “antiga ilusão antropocêntrica”⁵ O abandono dessa visão é aliado com a mudança nos marcos cronológicos que José Augusto Pádua⁶ colocou como uma das principais mudanças no entendimento humano em relação ao ambiente. José Augusto Drummond aprofunda mais essa questão, que está intimamente ligada a determinadas concepções cristãs de contagem do tempo. Em algumas interpretações do livro do *Gênesis*, ligadas à algumas vertentes religiosas, no Antigo Testamento da Bíblia, coloca-se que o mundo foi criado há seis mil anos, e até 150 anos atrás, essa afirmação não havia sido amplamente contestada⁷. O autor coloca que “foi a ciência natural – e não a social – do século XIX, a ‘história natural’, (...) a primeira a literalmente *exigir* outras unidades de medida de tempo, e principalmente, *muito mais tempo*” [grifos do autor]⁸ Evidentemente, para a maioria das pessoas, principalmente ligadas à religião, essa perspectiva estava fora de cogitação. Darwin causou desconforto ainda durante o século XIX através

⁴ Antes de Descartes podemos citar Leonardo Da Vinci (1452-1519), Michel de Montaigne (1533-1592), Giordano Bruno (1548-1600) que frisaram a compaixão que se deveria demonstrar pelos animais. Após podemos destacar Voltaire (1694-1778) que desenvolveu uma crítica ao pensamento cartesiano em relação aos animais não humanos em obras como *O filósofo ignorante e Dicionário Filosófico*. TRINDADE, Gabriel Garmendia. **Animais como pessoas**: a abordagem abolicionista de Gary L. Francione. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pós-Graduação em Filosofia. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

⁵ Idem, p.239.

⁶ PADUA, José Augusto. Bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, p. 81-101, 2010.

⁷ DRUMMOND, José Augusto. Por que estudar a história ambiental do Brasil? – ensaio temático. **Varia Historia**. Belo Horizonte, n.26, 2002, p. 13-32, p. 178.

⁸ Idem, p. 178

da teoria da evolução, mais um argumento que combate o antropocentrismo e a ideia de que todos os seres teriam sido criados por Deus somente para servir o homem⁹. Ainda que a empatia para com os animais não humanos tenha se alterado de lá pra cá, essa concepção continua sendo hegemônica nas sociedades ocidentais.

A visão antropocêntrica que persiste até os dias atuais, influencia diretamente no consumo exacerbado de carne. Aliada à modernização da produção da mercadoria, e às transformações socioeconômicas do mundo ocidental como um todo, a ingestão de carne na segunda metade do século XX aumentou consideravelmente. Warren Dean (1996), ao falar da devastação da Mata Atlântica no Brasil, comenta sobre o “vício”¹⁰ do brasileiro em consumir carne bovina especialmente a partir do segundo governo Vargas, enfatizando-se nos anos 1960:

No início dos anos 60, o consumo anual per capita em São Paulo chegava a 51 quilos de carne de boi; no Rio de Janeiro, a 61 quilos. Embora esses totais fossem comparáveis aos padrões europeus da época, ocultavam uma enorme demanda reprimida, porque a ingestão de carne de boi, um hábito diário ou duplamente diário dos abastados, ainda não passava de um luxo de feriado para os pobres acostumados ao arroz com feijão. À medida que o desenvolvimento econômico aumentava marginalmente o poder aquisitivo da classe trabalhadora, o primeiro luxo adicionado ao cardápio era a carne de boi.¹¹

Percebe-se, portanto, que o consumo de carne pode ser visto como uma “ascensão” social das classes mais baixas e a história social da alimentação no Brasil mostra interessantes insights nesse sentido¹², inclusive na atualidade. Podemos perceber como essa questão da inserção da carne como melhora na vida do brasileiro acontecia na década de 1970 em uma reportagem da *Veja* de 7 de maio de 1975. A publicação se refere ao pouco que o trabalhador ganha, e tem de sustentar a família com o

⁹ THOMAS, *op. cit.*, p. 240.

¹⁰ Termo utilizado pelo autor.

¹¹ DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das letras, 1996

¹² CARNEIRO, Enrique S. Comida e Sociedade: Significados sociais na história da alimentação. **Revista Questões & Debates**. Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005.

salário mínimo da época: “Ainda assim diz que não consegue saldar regularmente as contas de luz – ‘só este mês foram 72 cruzeiros’ – e afirma categórico: ‘para conseguir colocar carne na mesa eu sozinho teria de ganhar pelos meus cálculos uns 950 cruzeiros’”¹³. Ou seja, “colocar carne na mesa” se torna fator determinante de um bom salário.

O Atlas da Carne da Fundação Heinrich Böll, confirma a ascensão social através do consumo de carne no mundo. Nos países da Europa e da América do Norte, o consumo de carne cresce lentamente, e talvez possa até estar estagnado. Porém nos países emergentes como Índia e China, em que vem aumentando consideravelmente a classe média, o consumo de carne tem aumentado exponencialmente¹⁴.

A partir dessa discussão inicial, percebemos que a sensibilidade em relação aos animais vem ganhando mais espaço nos debates recentes, tanto academicamente quanto socialmente. Tratar animais não humanos como sujeitos de direito perpassa meandros éticos, morais e práticos da vida em sociedade. Como já colocado, no Brasil, esse debate ainda pode ser considerado novo, e dentro da disciplina de História um tanto quanto ausente, estando mais presente nas agendas da filosofia, direito e antropologia¹⁵. É nesse contexto que esse trabalho se insere, com intuito de dar conta de uma demanda histórica e social do lugar da mudança de sensibilidade para com esses seres, percorrendo a trajetória nacional dessa mudança, e fazendo um paralelo com lugares onde o debate já tem avançado consideravelmente¹⁶. Trata-se de um processo lento, que conta com idas e vindas, avanços e retrocessos, opiniões contrárias e favoráveis.

A década de 1970, que é o recorte inicial da pesquisa, se torna um período interessante por ser uma época em que fervilhavam no mundo discussões sobre meio ambiente e manejo de recursos naturais. A Conferência das Nações Unidas Para o Meio Ambiente Humano, conhecida como Conferência de Estocolmo, ocorrida em 1972 pode ser vista como o marco inicial dessas novas discussões. A preocupação com o futuro do planeta, ultrapassando fronteiras e se tornando um problema

¹³ VEJA, Ed. 348, 7 de maio de 1975, p. 93.

¹⁴ Heinrich Böll Foundation. **Atlas da carne**: fatos e números sobre os animais que comemos. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Heinrich Böll Foundation, ISBN: : 978-85-62669-16-3, 2015, 68 p.

¹⁵ Como o já citado trabalho de Juliana Dias na antropologia, os trabalhos de Sonia T. Felipe na filosofia, entre muitos grupos de pesquisa na área do direito.

¹⁶ Caso dos Estados Unidos, com trabalhos como Libertação Animal (1974) de Peter Singer, The case for animal rights (1983) de Tom Regan, trabalhos de Gary Francione, etc.

mundial, motivou o surgimento de novas perspectivas de pensar a natureza e a possível escassez de seus recursos, dando início a uma série de debates ambientais não mais locais, mas numa perspectiva global. Nesse sentido, a conferência foi de extrema importância para a efetiva criação de aparatos jurídicos que preservassem a natureza em nível de humanidade, e não mais de fronteiras. O Brasil acaba por acompanhar essas tendências ambientalistas (mais na teoria do que na prática), e em relação aos animais não-humanos, essa época também marca o aumento do número de instituições preocupadas com o bem-estar destes. A publicação do livro de Peter Singer **Libertação Animal** em 1974 é também um marco para o início das discussões mundiais acerca do tratamento ético destinado a animais não humanos. A pesquisa se estende até os dias atuais, por se perceber nos últimos anos uma explosão de novas discussões sobre ética e direito animal, núcleos de pesquisa são cada vez mais comuns, e uma mudança de hábitos sociais que envolvem exploração animal também vem se operando de forma mais intensa.

O surgimento de conceitos como “especismo”, “abolicionismo animal” e “senciência” são importantes passos em direção a essas mudanças. Segundo Sonia T. Felipe, “a palavra especismo foi criada por Richard D. Ryder, na década de 70 do século 20 na Inglaterra, para dar nome ao conceito fundamental da primeira concepção ética animalista, elaborada por Humphry Primatt, músico e teólogo inglês”¹⁷. O especismo, nada mais é, que o preconceito de uma espécie em relação a outras espécies, julgando-se superior e mais merecedora de seu lugar na terra do que indivíduos que não são da sua espécie. O único animal que pratica o especismo, nesse sentido, é o animal humano, dotado de racionalidade se julga superior a outras espécies. O especismo é análogo do racismo e do machismo, onde dentro da própria espécie, indivíduos são discriminados e inferiorizados por sua cor de pele e seu sexo biológico. Sendo assim, o conceito de “abolicionismo animal”, encontra respaldo na libertação total da exploração de animais não humanos, assim como aconteceu nos séculos XVIII e XIX com a escravidão humana. Os maiores expoentes dessa visão são Gary Francione, Tom Regan, e em nível nacional, Sônia T. Felipe.

Para que tomemos esses dois conceitos como premissa da libertação animal, o conceito de sentiência se torna de fundamental importância. Ainda segundo Sônia Felipe, sentiência é a junção de duas palavras: sensibilidade e consciência, e “designa a condição mental,

¹⁷ FELIPE, Sônia T. Glossário. In: **Acertos Abolicionistas, a vez dos animais: crítica a moralidade especista**. São José: Ecoânima, 2014, p. 25.

afetiva, emocional e consciente de todos os animais”¹⁸. Ou seja, ser senciente é ter consciência de sua existência no mundo, sentir dor, prazer, ter memória emocional, capacidade de tomar decisões em favor da preservação da sua vida. Portanto, para os abolicionistas, todos os animais possuem senciência, e essa capacidade, por si só, deve garantir o direito de todos os animais humanos e não humanos à vida sem exploração.

A questão central dessa dissertação, nesse sentido, é analisar no período que concerne a pesquisa, como as mudanças de sensibilidade em relação aos animais não humanos, vêm se delineando no país, em que medida atingem a sociedade humana e não-humana, e que tipo de alteração efetiva de mentalidade vem surgindo através desses debates.

A partir disso, busca-se observar as intersecções entre diferentes estratos de sensibilidade, e como esses estratos se apresentam na sociedade através de mídias sociais, mídias impressas, entrevistas, etc. Para operacionalizar a pesquisa, então, partiu-se da ideia da existência de “níveis” de mudança de sensibilidade, por perceber que dentro da sociedade a mudança não é linear e nem evolutiva, podendo contar com vários graus de empatia para com os animais não humanos, e também com nenhum, no mesmo espaço de tempo e lugar. A ideia de operacionalizar o trabalho dessa maneira surgiu no decorrer da análise das fontes, onde pude perceber a presença desses diferentes graus de sensibilidade, porém não encontrei na bibliografia uma metodologia que me permitisse explorá-los de uma maneira mais eficaz. Ao observar que esses diferentes graus estavam presentes na sociedade, inseridos nos mais variados espaços e convivendo paralelamente, entendi que dividi-los em níveis me proporcionaria uma visão mais abrangente, além de facilitar a separação dos capítulos da dissertação. Portanto, este trabalho será dividido em quatro capítulos, onde cada um representa um nível de sensibilidade que parte de uma crueldade extrema (ou nível zero) até a total mudança de hábitos que atingem a vida dos animais (veganismo). Essa metodologia eu desenvolvi com o objetivo de entender as relações entre animais humanos e não humanos no que diz respeito à sensibilidade propriamente dita.

Esse tema surgiu para mim como uma inquietação pessoal. Tendo me tornado vegetariana em janeiro de 2009, venho desde então, pesquisando e procurando conhecer melhor os ideais que regem essa escolha de vida. A sensibilidade em relação aos animais não humanos sempre foi presente na minha trajetória. Desde muito pequena sempre tive contato com animais de estimação, e apesar de não entender os

¹⁸ Idem, p. 28.

mecanismos que nos fazem consumir produtos, e tê-los consumido até os 20 anos de idade, sempre me incomodou ter contato, ou saber sobre maus-tratos infringidos a animais. Foi quando em mim nasceu a dúvida, se eu amo os animais, porque me alimento deles? Quando ingressei no curso de História, e tive contato com a História Ambiental, percebi que esse podia ser um tema importante para ampliar as discussões acadêmicas sobre animais não humanos, muito presentes em outras áreas.

Como foram utilizadas as mais variadas fontes, desde jornais de circulação nacional, até entrevistas, os textos clássicos de metodologia da história se mostraram de grande importância para as análises propostas.

Para trabalhar com a imprensa, o texto de Maria Helena Capelato ainda é extremamente atual e nos dá direção a seguir. Segundo Capelato “a imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma batalha pela conquista dos corações e mentes”.¹⁹ Ou seja, a imprensa é um campo de batalha, lutando por aceitação e instituição de verdades. Nesse sentido, jamais neutra, ela influencia, escolhe e estabelece eventos, ao mesmo tempo em que se apropria de tantos outros oriundos das demandas sociais, uma vez que, também, é mercado. Quando pensamos as revistas de circulação nacional e as notícias e propagandas que elas vinculam, é fundamental considerar, portanto, que cada colocação, cada artigo, cada manchete, cada publicidade dentro dela passa por um crivo editorial extremamente marcado pelos interesses tanto da editora, como do editor, e até a localização geográfica da notícia em uma página precisa ser perscrutada nesse jogo de interesses. Ao partir dessas considerações, entendemos que cada periódico é, portanto, fruto de uma função e posição sociais, ou seja, não podemos desconsiderar quem escreve e pra quem escreve uma determinada reportagem ou revista. Consequentemente, como expõe Tania Regina de Luca:

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina, e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público.²⁰

¹⁹ CAPELATO, Maria Helena. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988., p. 13.

²⁰ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2ª Ed., 2008, p.139.

Maria Helena Capelato aponta, ainda dentro da subjetividade da imprensa, que essa é uma empresa que visa lucro, ou seja “a informação é um direito público, mas o jornalismo é, geralmente, uma atividade exercida no setor privado”²¹. Essas duas perspectivas de trabalho com a imprensa se complementam e nos dão uma direção a seguir nas análises realizadas, visto que a imprensa é uma indústria que vive de vender notícias, e a aceitação dos seus leitores é sua principal premissa. Baseando-se nisso, podemos entender o aumento significativo de reportagens e notícias sobre animais não humanos na imprensa, e sustentar a teoria da existência de níveis de sensibilidade em relação a eles, visto que existe hoje uma demanda social maior que em anos anteriores pelo bem estar dos animais.

Outra metodologia que se torna importante para esse trabalho é a análise de “fontes orais”. Utilizo essa conceituação por acreditar, assim como coloca Philippe Joutard em seu texto **História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos**²², que “história oral” acaba por dar sentido ambíguo ao uso das fontes, dando a ideia de que o trabalho é fruto de uma disciplina independente e alheia a ciência histórica. Esse trabalho de dissertação, portanto, utiliza de diversos tipos de fonte, sendo a fonte oral uma delas, que permite que se analise a questão animal diretamente com quem vivencia a experiência com animais não humanos. Foram entrevistadas apenas pessoas intimamente ligadas a algum tipo de causa animal, pessoas que se encaixam nos níveis 2 e 3 de sensibilidade.

Sendo assim, os capítulos estão divididos pelos níveis de sensibilidade que dividi em 4. No primeiro capítulo, ou seja, o que versa sobre a sensibilidade de nível 0, a questão central será analisar algumas práticas consideradas de extrema crueldade, em que nenhum tipo de sensibilidade pode ser observada em seus praticantes, partindo-se, claro, de uma perspectiva de abolicionismo animal, ou seja, de libertação animal.

O segundo capítulo, denominado de sensibilidade de nível 1, tem por objetivo demonstrar esse primeiro nível de sensibilidade, onde as pessoas já não aceitam a crueldade gratuita para com os seres não-

²¹ CAPELATO. *Op. cit.*, P. 18

²² JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Madeta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 43-62.

humanos, porém não mudam qualquer hábito de consumo ou de ação. Continuam se alimentando de animais, não participam de nenhuma campanha pró animais, etc.

No capítulo três, sensibilidade de nível 2, será dado ênfase a esse segundo nível de sensibilidade em que já se assume uma postura de “proteção animal”. Nesse nível se inserem aquelas pessoas que de alguma forma se envolvem em ONGs, projetos e ações diretas de proteção animal, porém quando o assunto é consumo, nenhum hábito que explora animais não-humanos é abandonado.

Por fim, o último capítulo é dedicado a demonstrar a mudança de sensibilidade em seu último nível, a sensibilidade de nível 3, ou seja, total abandono de práticas que explorem animais não-humanos em todos os sentidos. Nesse capítulo o ponto central é o surgimento e gradual aumento de grupos chamados “veganos”.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é dar um panorama geral das diferentes visões que se tem em relação aos animais não-humanos, de forma a se entender historicamente como essa nova caracterização de animais como sujeitos de história e de direito, vem se delineando no país nos últimos anos.

2 CAPÍTULO 1 - “ANIMAIS SÃO MÁQUINAS VIVAS”: A SENSIBILIDADE DE NÍVEL ZERO

Quando um animal geme, não é uma queixa, mas apenas o ranger de um mecanismo que funciona mal. Quando a roda de uma charrete range, isso não quer dizer que a charrete sofra, apenas que ela não está lubrificada. Devemos entender da mesma maneira o gemido dos animais e é inútil lamentar o destino de um cão.²³

A afirmação de René Descartes de que animais são apenas “máquinas vivas” define bem o ponto central deste capítulo. A visão cartesiana de tratar os animais não humanos foi durante muito tempo utilizada como forma de legitimação de atos cruéis e exploração sem causar peso na consciência nos membros da sociedade. Talvez hoje essa teoria não seja usada conscientemente por quem pratica violência com animais, porém se relaciona intensamente com o tema proposto para a primeira parte desse trabalho de dissertação.

Neste sentido, este capítulo tem como escopo o que convençionei chamar de sensibilidade de “nível zero”, por tratar de casos em que animais humanos se utilizam de animais não humanos como meros objetos de prazer e entretenimento, praticam atos de crueldade e violência, sem levar em consideração o bem-estar e as possíveis vontades destes animais, nem se preocupar com possíveis danos físicos e psíquicos que possam vir a desenvolver.

Existem muitas práticas que poderiam ser inseridas nesse tópico, como a “farra do boi”²⁴ ou as touradas, por exemplo, porém, selecionei as que acredito serem as mais conhecidas e corriqueiras na sociedade brasileira de uma maneira ampla, até porque o espaço de uma dissertação não esgota as possibilidades do tema proposto. Em um primeiro momento será trabalhada a questão dos maus tratos, abandono, espancamentos e mortes de animais mais próximos do ser humano, os chamados pets.

²³ René Descartes colocava os animais como meros autômatos, “máquinas vivas” que poderiam ser utilizadas pelos seres humanos da maneira que bem entendessem. DESCARTES, R. **Descartes Philosophical Letters**. Trad. A. Kenny. Oxford: Oxford University Press, 1970.

²⁴ A farra do boi é uma festa tradicional do litoral do Estado de Santa Catarina, onde os farristas soltam um boi pelas ruas e o seguem armados de paus, pedras, lanças e outros artefatos, mutilando o animal até sua morte. No final, é preparada uma festa sendo a carne do boi perseguido o alimento principal.

Gatos e cachorros tem uma longa trajetória de aproximação com a sociedade, e a relação entre eles e as pessoas mudou consideravelmente durante esse tempo. O número de pet shops aumentou exponencialmente, entretanto, ainda encontramos notícias de extrema crueldade para com esses animais, muitas vezes acabando em morte.

Num segundo momento, será colocada a questão das rinhas clandestinas. Vários tipos de animais são utilizados nesses eventos macabros como galos, cachorros, e até canários. É uma prática cruel que obriga animais a se digladiarem na maioria das vezes até a morte, com intuito único de “divertir” os expectadores.

Na sequência, colocarei a caça e a chamada “caça esportiva”²⁵ como centro do debate por entender a prática como mero exibicionismo de perversidade, visto que hoje essa prática é absolutamente dispensável para a sobrevivência humana, principalmente nos meios urbanos, e mesmo nos rurais.

Por último, um tema polêmico que suscita discordância, a zoofilia. Suscita discordância por trazer à tona duas visões diferentes sobre a prática. Para os militantes da causa animal trata-se de uma crueldade sem tamanho visto que pode ser considerada um estupro, até porque o animal não pode responder se é consensual ou não. Para os adeptos da prática, o argumento é que se tem uma empatia tão grande com o animal, que possibilita inclusive um “relacionamento amoroso”. Enquanto militante da causa animal, me posiciono contrária a prática, colocando-a, conseqüentemente, na posição de sensibilidade de “nível zero”.

2.1 MAUS-TRATOS, ABANDONO, MORTE

O cão que foi espancado por uma idosa em Cachoeiro de Itapemirim, no Sul do Espírito Santo, está em estado grave. Segundo o veterinário que está dando suporte ao animal voluntariamente em uma clínica particular, ele está tomando antibiótico e não há previsão de alta. O caso aconteceu nesta quinta-feira (28), no bairro Boa Vista. A idosa, que era tutora do animal, usou um pedaço de pau para agredi-lo. Um vizinho filmou toda a cena e

²⁵ Existe a Lei da Fauna, nº 5.197/67 que proíbe a caça profissional, mas permite a prática amadora.

publicou em uma rede social. O vídeo teve centenas de compartilhamentos.²⁶

O caso citado acima ocorreu no dia 28 de julho de 2016 em Cachoeiro do Itapemirim/ES e teve grande repercussão nas mídias digitais e redes sociais. Uma onda de indignação se espalhou pelos sites e blogs. Casos como esse costumam reaparecer de tempos em tempos, demonstrando que a ideia de níveis de sensibilidade para com os animais é uma categoria de análise que se torna interessante na História Ambiental, principalmente por se apresentar diluída e interseccionada na sociedade. A História Ambiental se torna importante nesse sentido, por abrir um leque de possibilidades, e por ser interdisciplinar por natureza. Estudar os níveis de sensibilidade em relação aos animais não humanos, através dessa perspectiva, destitui a ideia do ser humano como um ser descolado do ambiente, e o torna participante de um sistema maior do que a sociedade do qual pertence.

Sendo assim, quando falamos de sensibilidade em relação aos animais não humanos, percebemos que todos os níveis coexistem independente do período que se estuda, o que muda é a quantidade de pessoas que se encontra em cada nível. O exemplo do cão espancado no Espírito Santo é emblemático justamente por ter tomado uma proporção de nível nacional. Essa também é uma característica comum entre os casos de extrema violência para com os animais. Alguns ganham repercussão, são julgados, outros tantos são negligenciados pelas próprias autoridades responsáveis pela punição dos agressores.

Para além dos casos de violência extrema, ainda temos o problema do abandono de animais, de cativeiros sem as mínimas condições de bem estar, animais presos em correntes sem água, comida ou abrigo. Animais domésticos como cães e gatos podem ser considerados os mais “privilegiados” na escala da hierarquização²⁷ de sentimentos, entretanto isso não os exime de sofrer violência, ainda que velada.

Keith Thomas em sua obra **“O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)”** (2010) dedica um capítulo ao tema da “Compaixão pelas Criaturas

²⁶ CALIMAN, Beatriz. Cão agredido por idosa no ES está em estado grave, diz veterinário. Site do G1 Espírito Santo, 29 de julho de 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/07/cao-agredido-por-idosa-no-es-esta-em-estado-grave-diz-veterinario.html> >. Acesso em 02 out. 2016.

²⁷ Eu usei o conceito de hierarquização do sentimento, Sonia T. Felipe conceitua essa postura como “especismo eletivo”. FELIPE, *op. cit.*, p.33.

Brutas”²⁸. Neste capítulo de sua obra, Thomas comenta sobre as caçadas e os esportes cruéis praticados pela aristocracia inglesa em séculos anteriores ao XVIII. A primeira sessão do capítulo é intitulada “Crueldade”, onde o autor traz um panorama de como essa mudança de visão em relação a animais foi se delineando na Inglaterra. Thomas coloca que:

Além desses métodos elegantes e muito formais de atormentar os animais, havia uma infinidade de modos informais. Era corriqueiro os meninos pequenos se divertirem com a perseguição e tortura de criaturas vivas. (...) Fora da escola, as crianças roubavam ninhos de passarinhos, caçavam esquilos com tambores, gritos e alarido, capturavam pássaros para lhes arrancar os olhos, amarravam garrafas ou latas às caudas dos cães, matavam sapos colocando-os num dos extremos de uma alavanca e golpeando a outra ponta, derrubavam gatos de grande altura para ver se aterrissariam em pé, cortavam rabos de porcos como troféus e inflavam os corpos de rãs vivas soprando dentro delas com canudos de palha²⁹

Robert Darnton na apresentação do livro “**O grande massacre de gatos: e outros episódios da História Cultural Francesa**” (2010) ao falar da história das mentalidades também nos mostra uma perspectiva interessante para pensarmos mudanças de sensibilidades. Coloca que os outros povos são diferentes e que cada cultura em um determinado período pensa e entende o mundo de uma outra maneira. O livro de Darnton é na realidade uma coletânea de textos clássicos do século XVIII na França, reunidos com intuito do autor de demonstrar não só o que a sociedade pensava naquele período, mas como pensava. O texto sobre o episódio do “grande massacre de gatos”, apresenta a história de funcionários de uma fábrica que eram tratados piores que os animais de estimação dos patrões. Darnton coloca:

Dormiam num quarto sujo e gelado, levantavam-se antes do amanhecer, saíam para executar tarefas o dia inteiro, tentando furtar-se aos insultos dos oficiais (assalariados) e aos maus-tratos do patrão

²⁸ Título do capítulo.

²⁹ THOMAS, *op. cit.*, 208.

(mestre), e nada recebiam para comer, a não ser sobras. Achavam a comida especialmente mortificante. Em vez de jantar à mesa do patrão, tinham de comer os restos de seu prato na cozinha. Pior ainda, o cozinheiro vendia, secretamente as sobras, e dava aos rapazes comida de gato – velhos pedaços de carne podre que não conseguiam trazer e, então, passavam para os gatos, que os recusavam. Essa última injustiça levou Contat ao assunto dos gatos. Eles ocuparam um lugar especial em sua narrativa, como ocupavam na casa da Rua Saint-Séverin. A mulher do patrão os adorava (...).³⁰

O que se segue é a narrativa de como os funcionários da fábrica se vingaram de seus patrões sequestrando e mutilando até a morte seus tão adorados animais de estimação. Sobre isso, o autor comenta:

O episódio em conjunto, o massacre dos gatos acrescido de ‘copies’, é destacado como o mais hilariante de toda a carreira de Jerome. No entanto, o fato surpreende o leitor moderno, que não o acha engraçado, mas quase repulsivo. Onde está o humor, num grupo de homens adultos balindo como bodes e batendo seus instrumentos de trabalho, enquanto um adolescente reencena a matança ritual de um animal indefeso?³¹

O autor não está falando especificamente da mudança de sensibilidade para com os animais, mas de uma percepção diferente do que é engraçado ou não. Porém, muito da repulsa que o autor diz que o episódio causa no leitor de hoje, pode ser associado ao fato da crueldade extrema para com os seres não-humanos, de uma maneira geral, não seja mais tão aceita, como coloca Keith Thomas³² mais adiante em seu trabalho.

³⁰ DARNTON, Robert. “Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint-Severin”. In: _____. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 2ª edição, 1988, p. 103-104.

³¹ DARNTON, *op. cit.*, p. 106.

³² THOMAS, *op. cit.*, p.235.

Se na Inglaterra, a mudança de sensibilidade para com os animais começa a se delinear a partir do século XVIII, no Brasil, foi no início do século XX que essa discussão começa a ganhar força. Samylla Mól e Renato Venancio no livro **“Proteção jurídica aos animais no Brasil: uma breve história”** (2014) colocam como uma iniciativa importante para os estudos animais a criação em 1907 da “Sociedade Brasileira Protectora dos Animaes” com sede no Rio de Janeiro, e que alguns anos depois já estava com projetos de lei de proteção animal no país³³. O primeiro decreto que faz uma compilação de várias atitudes que podem ser consideradas maus-tratos surge no ano de 1934 sob o número 24.645 de 10 de julho. Esse decreto estipulou 31 atitudes humanas que seriam consideradas maus-tratos. Os autores separaram algumas delas em sua obra:

Art. 3º Consideram-se maus-tratos:

I – praticar ato de abuso ou crueldade em qualquer animal;

II – manter animais em lugares anti-higiênicos ou que lhes impeçam a respiração, o movimento ou o descanso, ou os privem de ar ou luz;

III – obrigar animais a trabalhos excessivos ou superiores às suas forças e a todo ato que resulte em sofrimento para deles obter esforços que, razoavelmente, não se lhes possam exigir senão com o castigo;

[...]

X – utilizar, em serviço, animal cego, ferido, enfermo, fraco, extenuado ou desferrado, sendo que este último caso somente se aplica a localidade com ruas calçadas;

[...]

XVIII – conduzir animais, por qualquer meio de locomoção, colocados de cabeça pra baixo, de mãos ou pés atados, ou de qualquer outro modo que lhes produza sofrimento;

XIX – transportar animais em cestos, gaiolas ou veículos sem as proporções necessárias ao seu tamanho e número de cabeças, e sem que o meio de

³³ MOL, Samylla; VENANCIO, Renato. **A proteção jurídica aos animais no Brasil: uma breve história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 22.

condução em que estão encerrados esteja protegido por uma rede metálica ou idêntica que impeça a saída de qualquer membro do animal;

XX – encerrar em curral ou outros lugares animais em número tal que não lhes seja possível moverem-se livremente, ou deixa-los sem água e alimento mais de 12 horas;

[...]

XXVI – despelar ou depenar animais vivos ou entrega-los vivos à alimentação de outros;

XXVII – ministrar ensino a animais com maus-tratos físicos;

XXVIII – exercitar tiro ao alvo sobre patos ou qualquer animal selvagem exceto sobre os pombos, nas sociedades, clubes de caça, inscritos no Serviço de Caça e Pesca;

XXIX – realizar ou promover lutas entre animais da mesma espécie ou de espécie diferente, touradas e simulacros de touradas, ainda mesmo em lugar privado;

XXX – arrojear [lançar] aves e outros animais nas casas de espetáculo e exibi-los, para tirar sortes ou realizar acrobacias;

XXXI – transportar, negociar ou caçar, em qualquer época do ano, aves insetívoras, pássaros canoros, beija-flores e outras aves de pequeno porte, exceção feita das autorizações para fins científicos, consignadas em lei anterior³⁴

Esse decreto perdeu seu status de lei alguns anos depois, e só voltou a ter esse caráter no ano de 1952, sob o número 30.691, de 29 de março. Hoje a lei que rege atitudes consideradas nocivas aos animais é a Lei de Crimes Ambientais nº 9.605 de 1998. Ainda segundo Mol e Venancio, em 2013 “a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei (PL Nº 2833/2011) que criminaliza condutas praticadas contra cães e gatos, endurecendo as penas já existentes”³⁵.

Notícias sobre maus-tratos a animais no Jornal Folha de São Paulo são um tanto quanto escassas, porém algumas se tornam interessantes para análise, principalmente por demonstrarem similitude de atitudes no

³⁴ MOLL; VENANCIO, *op. cit.*, p.26.

³⁵ *Idem*, p. 29.

decorrer dos anos. O fato de existirem poucos casos que ganham repercussão na mídia se repete desde o começo do período estudado.

É interessante perceber a hierarquização do sentimento para determinados animais, visto que animais silvestres e domésticos como cães e gatos, recebem uma atenção diferente dos animais de produção, como bois e vacas, quando vítimas de maus-tratos. A sensibilização para com os primeiros diz respeito ao sofrimento, para com os segundos, diz respeito à rentabilidade.

Como exemplo, a reportagem “Os animais sofrem, mas há sempre alguém que trabalha por eles: o fone é 32-3773” de 2 de junho de 1975, demonstra a preocupação de uma das entidades de proteção aos animais mais antiga do país:

Numa rua do Bosque da Saúde, uma senhora maltrata um cão preto com uma vara. Na Penha, um criador há vários dias não alimenta seus pássaros. Em Santana, alguém está liquidando a tiros os gatos da vizinhança de uma pequena travessa. Diariamente, o telefone 32-3773 toca muitas vezes com reclamações semelhantes. Dias e noites são semelhantes: enquanto os chamados chegam de vários pontos da cidade, a União Internacional Protetora dos Animais recorda seus anos de vida em São Paulo. (...) O telefone 32-3773 é só o início da luta que a UIPA trava diariamente. Todas as queixas são investigadas e, assim, alguns inimigos dos animais acabam processados.³⁶

Segundo a notícia, essa entidade existe no país desde 1895, e além de combater denúncias de maus-tratos a animais domésticos, também se empenhava em desestruturar rinhas, touradas, em acabar com a vivisseção em escolas e resgatar animais de locais turísticos como o “Simba Safari”³⁷. Nada se comenta sobre os animais de abate.

³⁶ Folha de São Paulo. “Os animais sofrem, mas há sempre alguém que trabalha por eles: o fone é 32-3773”, 2 de junho de 1975, p.8.

³⁷ Simba Safari na década de 1980, era um zoológico que fazia lembrar uma selva, em que se percorria de carro as ruas de dentro do parque como se faz em safaris da África, porém aqui os animais são trazidos de outros lugares do mundo com objetivo de entreter os seres humanos. O lugar existe até os dias atuais com o nome de Zôo Safari.

Alguns anos mais tarde encontra-se uma reportagem sobre os gatos que viviam na Praça Ramos em São Paulo:

Os gatos da praça Ramos de Azevedo, já considerados uma tradição da cidade de São Paulo, tem sido muito maltratados pelos seres humanos. Há quem os mate “por brincadeira” ou para utilizá-los em rituais macabros. Outros transformam os animais em esquisitos churrasquinhos ou em alimento para as feras do circo. (...) De acordo com Yara Pereira, 30, uma funcionária pública que, juntamente com meia dúzia de dedicadas voluntárias, vai todos os dias à praça para cuidar (com recursos próprios) dos cerca de 130 bichanos que vivem por ali, boa parte dos maus-tratos é imposta por uma turma de garotos – entre 9 e 14 anos – que circulam pela região. “São uns doze. Eles cortam os rabos dos gatos, as orelhas, furam seus olhos, tentam afogá-los e até chegaram a amarrar uma pedra no pescoço de um dos animais e jogá-lo no espelho d’água de uma altura de cinco metros. O bicho morreu, assim como alguns outros que eles agridem”, conta Yara.³⁸

Fazendo uma busca no jornal com a palavra-chave “maus-tratos” não se encontrou entre as décadas de 70 e 90 nenhuma notícia de um animal específico vítima de agressão como o colocado no início dessa sessão. Isso demonstra que a sensibilização de casos isolados de maus-tratos é um fenômeno recente, podendo ser associado à também recente discussão sobre ética e direito animal no país. A primeira notícia de um caso com essas características aparece em dezembro de 2011, quando uma enfermeira de uma cidade do interior de Goiás é filmada espancando seu cão da raça Yorkshire. A reportagem diz o seguinte:

A enfermeira Camila de Moura, 22, foi filmada agredindo um cão da raça yorkshire e despertou a ira de internautas. As imagens foram publicadas nas redes sociais anteontem e ela chegou a ser ameaçada de morte na rede. [...]. As agressões aconteceram em novembro, em Formosa (GO), mas o vídeo só foi divulgado agora. A polícia

³⁸ **Folha de São Paulo**, 8 de junho de 1985.

afirma que o cão morreu e que foi aberta uma investigação por suspeita de maus-tratos.³⁹

Em contrapartida a essas notícias de violência contra animais domésticos, duas outras se mostram interessantes por seu caráter monetário e utilitarista de bem-estar animal, uma de 1976:

Primeiro, a jaguatirica foi capturada ainda novinha e trazida para São Paulo, sendo logo castrada, depois, teve suas unhas arrancadas e amputadas as últimas falanges de cada dedo – para que não pudesse arranhar nada e ninguém. Por fim, o dono tentou limar os dentes do animal, a fim de torna-los rombudos. O fim dessa história ainda não aconteceu: totalmente deformada, a jaguatirica está recolhida ao Zoológico, onde não pode subir em árvores nem conviver com outros animais da sua espécie, nem sequer se defender ou se reproduzir, representando uma despesa a mais no orçamento já magro da Fundação Parque Zoológico de São Paulo. (...) Com frequência cada vez maior o Zoológico vem recebendo pedidos de ajuda de pessoas assustadas com o grau de agressividade de animais “que pareciam tão mansos nas mãos do vendedor”. Essas pessoas acabam deixando seus animais no Zoo, onde eles consomem alimentos caros, exigem tratadores e são gastos pesado – não representam nenhum interesse científico nem servem para serem expostos ao público, pois a Fundação já tem animais semelhantes na sua coleção. Por outro lado, soltá-los nas matas da Cantareira ou do Sul do Estado também não encerra a melhor solução, pois eles não sobreviveriam numa região que não lhes apresenta condições ideais de vida.⁴⁰

E outra de 1985:

³⁹ Folha de São Paulo. “**Vídeo mostra agressão a cão e revolta internautas**”, 17 de dezembro de 2011.

⁴⁰ **Folha de São Paulo**, 11 de maio de 1976, p.14.

A cena é comum: a dona de casa chega ao açougue e escolhe a carne vermelha e macia, em detrimento da de coloração escura, um roxo de hematoma, aparentemente velha e mal conservada no frigorífico. O cientista canadense Andrew Frazer, 56, da Memorial University, de Terra Nova, resolveu estudar os motivos desta diferença de coloração. E descobriu que a cor suspeita de vários tipos de carne decorre das péssimas condições em que os animais são transportados, dos maus-tratos, confinamento excessivo e tensão a que são submetidos durante a fase de criação ou instantes antes de seu abate nos matadouros. “Quando a indústria pode fazer um acompanhamento melhor da forma como são transportados os animais e providencia mais espaço nos pátios de abate, a carne mantém a cor que todo mundo deseja”, explicou o professor (...).⁴¹

Ou seja, nesses dois exemplos o interesse em manter o bem-estar dos animais não humanos não está associado à sensibilidade, mas ao custo que os maus tratos dão às instituições públicas e privadas.

O nível 0 de sensibilidade se apresenta, então, nesse sentido, através de atos de extrema crueldade, ou de total insensibilidade no manejo de animais, tanto domésticos de estimação, quanto domésticos de consumo. É interessante notar a coexistência dos níveis de sensibilidade através dos discursos nesses casos de violência. Quando um cachorro ou um gato é espancado, morto ou abusado, a revolta é visível, como no caso do yorkshire apresentado. Mas percebemos a coexistência, e a hierarquização do sentimento entre espécies⁴², quando em uma notícia sobre um acidente envolvendo um caminhão que transportava porcos, alguns se solidarizavam com os animais mortos, ou machucados, e outros faziam comentários como: “hum, bacon!”; “eles iam morrer de qualquer jeito”; “porco bom é na panela mesmo”⁴³.

⁴¹ **Folha de São Paulo**, 8 de junho de 1985

⁴² Sobre isso será tratado com mais ênfase no capítulo 2, ao se tratar das espécies privilegiadas.

⁴³ Esses comentários podem ser encontrados no link <<https://www.youtube.com/watch?v=FR7WfTabYvU>>. Acesso em 02 out. de 2017.

Com o advento das redes sociais, perceber como a sensibilidade em relação aos animais não humanos se apresenta ficou mais fácil e acessível, visto que as pessoas se sentem livres para tecer seus comentários sobre qualquer assunto. Quando se trata de maus-tratos, as duas pontas da sensibilidade são visíveis e podem ser chocantes pela frieza que algumas pessoas apresentam tanto nos atos de violência, quanto nos comentários que tecem.

2.2 RINHAS

Proíbe o funcionamento das rinhas de "briga de galos" e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o art. 87, nº I, da Constituição,

CONSIDERANDO que todos os animais existentes no País são tutelados do Estado;

CONSIDERANDO que a lei proíbe e pune os maus tratos infringidos a quaisquer animais, em lugar público ou privado;

CONSIDERANDO que as lutas entre animais, estimuladas pelo homem, constituem maus tratos;

CONSIDERANDO que os centros onde se realizam as competições denominadas "brigas de galos" converteram-se em locais públicos de apostas e jogos proibidos,

Decreta:

Art. 1º Fica proibido em todo o território nacional, realizar ou promover "brigas de galo" ou quaisquer outras lutas entre animais da mesma espécie ou de espécies diferentes. (Decreto nº 50.620, de 18 de Maio de 1961)

A determinação de Jânio Quadros sobre brigas entre animais no início da década de 60 não foi novidade no Brasil. Em 1934 foi aprovado um decreto, já citado nesse trabalho, que definia “31 atitudes humanas que poderiam ser consideradas ‘maus-tratos a animais’”⁴⁴, e as chamadas rinhas já faziam parte desse compilado de ações no parágrafo XXIX do Art. 3º.

⁴⁴ MOLL; VENANCIO, *op. cit.*, p.25.

Entretanto, nem em 1934, nem em 1961, e nem atualmente as brigas entre animais foram extintas do país. Em notícia do jornal Folha de São Paulo de 8 de maio de 1970, a pauta entra novamente em discussão com a iminência de um projeto de lei da Câmara de Deputados que volta a permitir a realização de rinhas de galo e outros animais, que não foi aprovado. Só em 1998 outra lei mais específica, a já citada Lei dos Crimes Ambientais, entra em vigor com medidas de proteção ao meio ambiente, em que se encontra um artigo referente a abuso e maus-tratos para com os animais, estipulando pena de 3 meses a um ano de detenção e multa⁴⁵.

Rinha de animais, nada mais é do que uma prática em que animais não humanos são confinados, treinados, e em algumas modalidades, são aparamentados com instrumentos de luta⁴⁶, para que em dias e locais destinados a prática, entrem em conflito com outros animais da mesma espécie em ringues, e lutem, muitas vezes até a morte, para que animais humanos assistam e apostem dinheiro no qual acreditam que irá ganhar o embate.

Em 2004 o publicitário Duda Mendonça, na época marqueteiro da campanha de Marta Suplicy para a prefeitura de São Paulo, e dois anos antes responsável pela candidatura e vitória do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, foi preso por participar e ser entusiasta das rinhas de galo, o caso ganhou repercussão nacional⁴⁷. E ainda em 2016 temos notícias de rinhas fechadas pela polícia em cidades do interior do país⁴⁸. Ou seja, mesmo ilegal, as brigas entre animais continuam acontecendo por todo o território nacional. Os casos de ataques de cachorros da raça pit bull, criados originalmente para a realização de brigas também foi pauta nos anos de 2007 e 2008⁴⁹.

Keith Thomas aborda essa temática a partir de sua perspectiva britânica da mudança de atitudes para com os animais não humanos.

⁴⁵ Lei 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.

⁴⁶ Caso dos bicos e esporões de ferro nos galos.

⁴⁷ Várias reportagens foram publicadas seguidamente sobre o assunto na Folha de São Paulo: “Indiciado, Duda paga fiança e obtém liberdade” (23 de outubro de 2004, p.8); “Ministério público denuncia Duda Mendonça por maus-tratos a animais” (17 de dezembro de 2004, p. 10).

⁴⁸ “Polícia descobre rinha e apreende mais de 500 galos de briga no Paraná” (30 de junho de 2016). **Site da Folha de São Paulo**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/06/1787315-policia-descobre-riinha-e-apreende-mais-de-500-galos-de-briga-no-parana.shtml>>. Acesso em 04 out. 2016.

⁴⁹ “Ataques derrubam preços de pit bulls” (Folha de São Paulo, 30 de setembro de 2016, p.16).

Thomas comenta sobre o choque dos britânicos do século XVIII que viajavam para países em que espetáculos protagonizados por animais em sofrimento, como as touradas espanholas, eram comuns⁵⁰. Porém, o autor segue argumentando que em anos anteriores “os próprios ingleses foram famosos entre os viajantes por sua crueldade para com os seres brutos. As apresentações de brigas entre animais eram das formas mais comuns de diversão”⁵¹. Açulamento de touros e ursos⁵², corridas de touros⁵³, brigas de galo e caça⁵⁴, eram o entretenimento preferido tanto da realeza quanto das classes mais populares. Thomas coloca:

As brigas de galo também foram populares desde pelo menos o século XII. No período Stuart, eram frequentes nas feiras e nas corridas de cavalo. O galo, mantido sob rigorosa dieta, era especialmente treinado para a rinha. Suas asas eram cortadas, as barbelas e a crista aparadas e os pés equipados com esporas artificiais.⁵⁵

Essa modalidade de briga foi a que se tornou mais comum e famosa no Brasil desde a época colonial. Segundo Misael Correa, as brigas de galo foram introduzidas na América pelos portugueses e espanhóis⁵⁶ na época da conquista, e se arrasta até os dias atuais, sendo considerada então, a partir da lei de 1998, um crime ambiental⁵⁷.

As mudanças nas leis e a diminuição de aceitação desse tipo de prática, podem ser analisadas a partir de uma perspectiva de mão dupla: muda-se a sensibilidade em relação aos animais que conseqüentemente gera uma mudança de leis, porém a mudança nas leis também abre portas

⁵⁰ THOMAS, *op. cit.*, p. 202.

⁵¹ *Idem.*

⁵² “O açulamento de touros e ursos era efetuado com os animais presos a uma corrente, e atacados por cães – geralmente em sucessão, mas, as vezes, todos juntos”. THOMAS, *op. cit.* 2010, p. 202.

⁵³ *Idem*, p.203.

⁵⁴ Estudada melhor na próxima seção.

⁵⁵ THOMAS, *op. cit.*, p.204.

⁵⁶ CORRÊA, Misael Costa. **Costume Proibido: A rinha de galos na grande Florianópolis (1980-2011)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

⁵⁷ Já citada lei de crimes ambientais nº 9.605. Todos os tipos de briga entre animais entram nessa lei, mas a de galos é mais comum.

para quem ainda não possuía uma empatia para com os animais pensar sobre isso, e talvez criá-la baseada na ilegalidade que agora se impõe. Keith Thomas coloca que na Inglaterra a mudança de sensibilidade já vinha se operando desde o século XVII, mas que é a partir do século XVIII que ela se intensifica. Nas palavras do autor:

Ela nasceu da tradição cristã (heterodoxa) segundo a qual o homem devia cuidar da criação divina. Foi reforçada pela dissolução da velha tese de que o mundo existia exclusivamente para a humanidade; e finalmente se consolidou graças a ênfase na sensação e no sentimento como os fundamentos autênticos para a consideração moral. Dessa maneira, por uma sutil dialética, a tradição antropocêntrica foi reajustada até introduzir os animais na esfera de preocupação moral.⁵⁸

No Brasil, apesar de já existirem leis de “proteção” aos animais de caráter utilitarista⁵⁹ desde o final do século XIX⁶⁰, é a partir do início do século XX que a defesa dos seres não humanos começa a aparecer de fato. A primeira sociedade de proteção aos animais com ações mais ligadas a legislação, é criada no ano de 1907⁶¹, e a partir daí, se inicia um processo de alteração e criação de novas leis.

Observar a trajetória das rinhas em geral a partir da mídia impressa, nos dá um panorama das mudanças de sensibilidade para com os animais que foram se operando no Brasil. Parto da década de 1970 por ser o recorte temporal da pesquisa, e por observar que é a partir dessa época que o debate sobre bem-estar animal e suas implicações para a sociedade começa a ganhar mais força, mundial e localmente.

No dia 8 de maio de 1970 o jornal Folha de São Paulo noticiava o projeto de lei que visava legalizar novamente as brigas de galo, e outros animais, no país. Com título “Brigas de galo: protesto”, a reportagem demonstra a indignação de membros de entidades de proteção animal diante do projeto. Coloca na íntegra a carta enviada ao presidente da época General Emílio Garrastazu Médici:

⁵⁸ THOMAS, *op. cit.*, p.256/257.

⁵⁹ Caráter utilitarista é quando o bem-estar do animal só é interessante quando apresenta algum caráter útil, por exemplo na produção de carne.

⁶⁰ MOL; VENANCIO, *op. cit.*, p.21.

⁶¹ *Idem*, p.22.

Numa hora em que vemos despontar no coração do nosso povo a esperança de um Brasil melhor, mais digno e capaz, muito nos entristece e surpreende ver surgir anseios de legalizar as rinhas de aves e animais, jogo de sadismo e corrupção que atenta diretamente contra a moral e a segurança da família brasileira. Apelamos a V. Exa., que sempre conduziu com desvelo e carinho os assuntos de nosso país, mais uma vez proteja da ameaça os princípios cristãos do nosso povo.⁶²

Três publicações referentes ao assunto seguiram a colocada anteriormente, todas com conteúdo muito parecido: “Briga de galo vai agora a plenário” (10 de maio de 1970, p.8), “Novo protesto contra brigas” (12 de maio de 1970, p.13) “Briga de galo: mais protestos” (14 de maio de 1970, p.16). A mensagem que vem das sociedades de proteção animal é a mesma em todas: o ataque a moral e ao ideal cristão. Nesse sentido, percebemos que existe uma possibilidade de que não fosse a sensibilidade para com esses animais que estava em jogo, mas uma suposta “preservação” dos “bons costumes”. Ou talvez, o apelo a esse tipo de justificativa seja uma estratégia das instituições para ajudar esses animais de alguma forma, visto que a sensibilidade poderia não tocar as autoridades e a sociedade de maneira efetiva para acabar com a prática. As informações presentes nas reportagens não permitem que se afirme categoricamente a intenção das instituições em nenhuma dessas duas hipóteses. Porém, esse “zelo” pelos “bons costumes” já se percebia no decreto do presidente Janio Quadros de 1961, que além de proibir as rinhas no país, proibia também o uso de biquínis muito cavados nos concursos de misses, e a prática de corridas de cavalos durante a semana⁶³, três coisas que parecem não estar interligadas, mas se analisarmos a proposta de governo de Janio de varrer a corrupção do país, elas fazem sentido por serem tidas como práticas imorais, e no caso das brigas e corridas, de ocuparem um tempo, que poderia estar sendo dedicado ao trabalho, em “jogos” de apostas⁶⁴.

É interessante notar que a sensibilidade é praticamente nula quando se fala de brigas de galo. Mesmo vinda das organizações responsáveis pela proteção animal. Nos dias 16 de maio e 23 de maio de 1970

⁶² **Folha de São Paulo**, 8 de maio de 1970, p.7.

⁶³ Lei que abre a seção.

⁶⁴ BENEVIDES, 1981 *apud*. CORRÊA, *op.cit.*, p.16.

encontram-se cartas de leitores sobre as reportagens anteriores. Na primeira, uma leitora, esposa de um membro da União Internacional Protetora dos Animais, coloca (equivocadamente):

É sabido que as repúblicas latino-americanas, de Sul a Norte, bem como os Estados Unidos e Canadá, com exceção do Haiti, não permitem as rinhas de galos. Não vamos sequer citar a Europa, onde não há país que permita as sangrentas rinhas, verdadeira selvageria, indigna de caracteres bem formados.⁶⁵

Percebe-se, nesse sentido, que a preocupação não é com os animais de fato, mas com a imagem que as rinhas passam: barbárie, selvageria, que nos envergonha frente as potências de primeiro mundo e países desenvolvidos.

Mais adiante, no dia 23 de maio uma nova carta de leitor reforça a falta de sensibilidade para com os animais de rinhas de galo. Um assinante se coloca a responder a leitora da carta anterior, explicando que esta estava equivocada com as informações colocadas, porque sim, essa prática ocorre nos países citados por ela, e fazendo um contraponto com a falta de sensibilidade para os pássaros engaiolados (Folha de São Paulo, 23 maio de 1907, p.4). No dia 18 de junho do mesmo ano, outro leitor se utiliza de uma comparação com frangos destinados a alimentação para defender a briga de galos:

Quando a cozinheira desce a escada e se encaminha para o quintal, trazendo em suas mãos uma faca reluzente ao sol, os frangos de panela ficam com lágrimas nos olhos, e os de briga se encontram na maior tranquilidade. Se você, amigo, perguntasse a esses dois frangos o que eles prefeririam ser – de briga ou de panela – qual seria a resposta? Responda sem fugir do assunto. É claro! É inofismável: ambos diriam – de briga!⁶⁶

A comparação é interessante porque demonstra também um outro âmbito da sensibilidade para com os animais, que é a diferenciação entre

⁶⁵ **Folha de São Paulo**, 16 de maio de 1970, p.4.

⁶⁶ **Folha de São Paulo**, 18 de junho de 1970, p.4.

animais de consumo, animais de diversão e animais de estimação, como já colocado anteriormente com a comparação dos pássaros em gaiolas. Esse tema será abordado com mais profundidade mais adiante neste trabalho.

Podemos observar, portanto, através das notícias e das cartas dos leitores que nesse período pouco se preocupava com as rinhas de galo. Inclusive em reportagem de 30 de julho um coronel se coloca a defender piamente a prática (Folha de São Paulo, 30 de julho de 1970, p.13).

Voltando a questão da sensibilidade percebemos que como acontece com outros tipos de maus-tratos, a hierarquização do sentimento para com determinados animais também é perceptível nas rinhas. Em 1976 várias notícias sobre briga de canários tomam outra conotação. O título da matéria do dia 4 de maio já diz alguma coisa: “Canários: personagens de um triste espetáculo”. Apesar de a matéria se focar em explicar como as brigas de canários ocorrem, o autor em um momento coloca a prática como barbárie: “Muitas senhoras dessas regiões⁶⁷ gostam de pássaros e mesmo as que não gostam de animais ficam chocadas com tal barbaridade” (Folha de São Paulo, 4 de maio de 1976, p.13). No dia 13 do mesmo mês, na sessão mulher, algumas leitoras se mostram indignadas com como a natureza tem sido tratada no Brasil, e falam sobre as rinhas de canários com pesar e revolta. O título da sessão é “Para a preservação da natureza”, e conta com 5 cartas de leitoras. Seguem alguns trechos:

“Lendo a reportagem publicada neste matutino, na página **NOVAMULHER**, deparei com espanto que a referida comunicava o artigo ‘Canários, personagens de um triste espetáculo’. Primeiramente senti-me revoltada pela narrativa e na expectativa de que as autoridades competentes ajam com o máximo rigor contra essas rinhas de pássaros, proibindo terminantemente que esses lamentáveis e cruéis espetáculos tenham fim e que esses homens lembre-se que os pássaros, além de sua beleza e de seu canto mavioso, fazem parte integrante do equilíbrio ecológico” (...) (Olívia Leite). “(...) As criaturas estão se tornando, com exceção e poucas, em pessoas furiosas, sem sensibilidade, sem amor. (...) Espero que assim

⁶⁷ Nesta notícia, as regiões citadas são pertencentes à cidade de São Paulo: Vila Guarani, Diadema, Cumbica e Guarulhos.

como eu li esta denúncia, as autoridades competentes também tenham lido e tomem imediata providência para com esses assassinos de pássaros, para que ajudem a salvar os indefesos pássaros da ganância, da loucura desses apostadores e comerciantes inescrupulosos” (Odete Leite).⁶⁸

Nota-se claramente a diferença do discurso dos leitores em relação às brigas de galo e as brigas de canários. Para com os primeiros nem se fala sobre crueldade, falta de amor, beleza, equilíbrio ecológico, como se coloca com os segundos. Nesse sentido, isso nos remete a história das sensibilidades humanas e sua trajetória que toma rumos diferentes e “hierarquiza” sujeitos e objetos “dignos” de sensibilidade. Daniel Wickberg coloca que a história cultural foca na primazia dos objetos representados, como o corpo ou a raça por exemplo, enquanto que na história da sensibilidade o foco está na primazia das variadas formas de percepção e sentimentos, os termos e as formas em que os objetos foram concebidos, experimentados e representados no passado⁶⁹. Esses processos e mudança de sentimentos não são lineares, e nem fixos. No caso dos animais, percebemos que as mudanças ocorrem, porém, muito permanece. Como, por exemplo, o trâmite que estava ocorrendo na câmara de deputados na primeira semana de julho de 2016, que visava colocar rodeios, vaquejadas e eventos semelhantes como patrimônio nacional da cultura brasileira⁷⁰. As redes sociais viraram campo de batalha entre favoráveis e contrários ao projeto. Em novembro de 2016, o projeto foi aprovado.

Em 1987 uma única reportagem fala sobre um torneio de rinhas de galo em Belo Horizonte/MG. Nesse estado, alguns anos antes, enquanto primeiro ministro, Tancredo Neves tinha liberado as rinhas, sendo esse torneio, inclusive, protegido por policiais armados. Essa notícia é interessante pois, mesmo 10 anos depois das colocadas anteriormente, a sensibilidade para com os galos de briga ainda não aparece no jornal. É

⁶⁸ **Folha de São Paulo**, 13 de maio de 1976, p.5.

⁶⁹ WICKBERG, Daniel. What Is the History of Sensibilities? On Cultural Histories, Old and New. **American Historical Review**. Jun. 2007, p. 661-684.

⁷⁰ “**Rodeios e vaquejadas podem se tornar patrimônio cultural do país**” (08 de setembro de 2016). Disponível em:

<<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/09/08/rodeios-e-vaquejadas-podem-se-tornar-patrimonio-cultural-do-pais>> . Acesso em 04 out. 2016.

colocada a fala de Jandovir Prandi, então presidente da Sociedade Avícola de Fronteira, organizadora do evento:

Prandi diz que não concorda com os que afirmam que briga de galo é sadismo. Para ele é “esporte, lazer, paixão, tradição e confraternização de amigos”. Para Florideu Gervásio, 80, poeta e membro da Academia de Letras de Rio Claro (SP), iniciado no “esporte” desde os seis anos, em Fronteira “só tem uns dez sádicos, os outros são movidos pela paixão, como quem tem paixão por Pelé e Garrincha, e a maioria é movida pelo dinheiro”.⁷¹

E continua:

Os galistas afirmam que não mal tratam as aves. Dizem, ao contrário, tratá-las muito bem. Prandi diz que a luta tem tempo determinado (uma hora e quinze minutos), “pois caso contrário, por instinto, eles lutariam até a morte”. Durante as lutas, a morte deles é bastante comum.⁷²

O jornal não faz nenhuma ressalva, e continua explicando como funcionam os tempos e as regras. Em 1990, a briga de galos é legalizada na Bahia (Folha de São Paulo, 11 de novembro 1990, p.1). Em novembro de 1991, o Ministério público se coloca contra (Folha de São Paulo, 22 de novembro de 1991, p.4/5). A diferença no tamanho das reportagens que notificam rinhas, abertura de leis e explicam regras quase que de maneira “neutra” e as que são contra são gritantes.

⁷¹ **Folha de São Paulo**, 13 de maio de 1987.

⁷² *Idem.*

Figura 1 - Notícia sobre legalização das brigas de galo no Estado da Bahia.

cidades

FOLHA DE SÃO PAULO Luzimburgo, 11 de novembro de 1990 C-1

Briga de galo é legalizada na Bahia

Regras dão máximo de 1h15 de luta

Da Securral de Salvador

LUÍZ FRANCISCO
Da Securral de Salvador

Pela proibida no Brasil desde 1961 pelo então presidente Juscelino Kubitschek, a briga de galo foi legalizada em Salvador há um mês através de um projeto aprovado no decorrer do prazo da vereador Edvaldo Teixeira (PPS), 42.

"Os criadores de galo não tratam os animais com crueldade, ao contrário, cuidam deles com carinho. Na luta, o que ocorre é apenas a utilização das instintos naturais desses animais", justificou o vereador.

A aprovação do projeto modificou o existente em Salvador, que agora, pela lei, devem obedecer a critérios mínimos para funcionar, como a apresentação de exame veterinário das aves envolvidas, proibição de ingresso a menores de 18 anos e existência de medicamento de emergência para tratamento dos galos. Pelo projeto de Edvaldo Teixeira, as **rinhas** que não o licenciam poderão ter a licença suspensa por no mínimo dois anos.

O vice-presidente do Clube de Galo da Bahia, Gilmarino da Silva, 41, disse que a liberação do esporte é um prêmio para uma categoria que ficou muitos anos na clandestinidade. Ele afirmou que "o vereador Edvaldo Teixeira recebeu inúmeros telegramas de apoio de políticos da maioria dos Estados brasileiros".

Um galo de boa procedência vale de Cr\$ 250 mil a Cr\$ 300 mil. Para cuidar tão caro, os galos são tratados com verduras e grãos variados, principalmente milho. Diariamente eles fazem exercícios físicos, exercitando-se nos passadores, e quando chegam aos 13 meses, pesando em média 2,2 quilos, os galos estão aptos para competir nos ri gues, de onde devem sair quando completarem cinco anos.

O galo foi considerado um animal sagrado por vários povos da antiguidade. Os gregos e os romanos o usavam para prefezir o futuro. Segundo o livro "Campeões da Arena", de Luis Campello, publicado em 1954, a briga de galo é o mais antigo esporte conhecido —originou-se na Índia em época incerta. O livro cita como aficionados do galinho Pablo Picasso, Ernest Hemingway e ANAS Chacabartial.

O projeto do vereador Edvaldo Teixeira liberando a briga de galo em Salvador prevê que 30% do lucro líquido obtido com a exploração das rinhas devem ser aplicados na concessão de bolsas de estudos para os setores públicos e 20% devem ir para o setor de saúde, beneficiando as associações e sociedades sem fins lucrativos. Nos fins-de-semana, as rinhas de Salvador chegam a arrecadar mais de Cr\$ 1 milhão.



Apostadores assistem briga de galos no Clube do Galo, Salvador

Pelo regulamento da coordenação de galinhas do Brasil, as brigas não podem ultrapassar uma hora e quinze minutos. O dois primeiros rounds duram 15 minutos e os animais têm 3 minutos de descanso. Os outros rounds duram 20 minutos.

O vereador Edvaldo Teixeira, frequentador assíduo dos **rinhas**, diz que de cada 50 galos apenas um chega a morrer durante as lutas. "Quando isto acontece, o próprio dono leva o animal para ser de alimentação."

Considerada muitos anos como esporte passatempo, a briga de galo deixou os terreiros do fundo de quintal e se transferiu para clubes organizados. As apostas podem chegar a Cr\$ 100 mil, mas a notícia na **rinhas** de Salvador é de Cr\$ 8 mil por luta.

Fonte: Folha de São Paulo, 11 de novembro 1991, p.1.

Figura 2 - Nota do Ministério Público para suspender brigas de galo.

Inamps reajusta diárias de hospitais conveniados

O Inamps autorizou aumento em novembro de 30% para os serviços dos hospitais conveniados. O reajuste, segundo a Federação Nacional dos Hospitais, não resolve a crise.

Padre nega atuação em tráfico de bebês

O padre José Benone Nascimento, 31, de Bocaiúva (MG), atribui a interesses contrários ao trabalho da igreja as acusações de sua participação no tráfico de bebês para a Alemanha.

Lançado em MG livro com história da cachaça

Está sendo lançado em Belo Horizonte o "Almanaque da Cachaça", um livro com muitas ilustrações e que conta um pouco da história da bebida em Minas Gerais a partir do século 18.

Ministério Público quer fim de briga de galos

O Ministério Público da Bahia ingressou ontem no Tribunal de Justiça com uma ação pedindo a suspensão de uma lei que permite a briga de galos em Salvador, onde há cerca de 300 **rinhas**.

Fonte: Folha de São Paulo, 22 de novembro de 1991, p.4/5.

No ano seguinte, mais uma reportagem sobre as brigas de galo de luxo no Amazonas é publicada (Folha de São Paulo, 15 de março 1992, p.4). Em um canto, um subtítulo é colocado explicando como os galos são tratados, teoricamente à "mel e aveia". Mais uma matéria que não

demonstra nenhuma sensibilidade para com esses animais, justificando, inclusive, que eles são muito bem tratados, visto a sua alimentação.

A próxima reportagem sobre rinhas de galo no jornal só aparece em abril de 1998, quatro linhas falando sobre uma nota de repúdio de um vereador contra um deputado que lança, mais uma vez, um novo projeto de lei para legalizar as brigas de galo. Mesmo ano que, em fevereiro, se aprova a já mencionada Lei dos Crimes Ambientais (Lei Nº 9605-98):

(...) dispondo sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente. No artigo 32 registra-se: “Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”, pena – detenção, de três meses a um ano, e multa.⁷³

É a partir dos anos 2000 que começa a aparecer uma certa sensibilidade para com esses animais. Com casos de rinhas de cachorros da raça pit bull, e a prática galista de Duda Mendonça, o tema volta a tona. A notícia do dia 23 de outubro de 2004 que anuncia o pagamento de fiança e liberdade de Mendonça traz pela primeira vez a expressão “maus-tratos” quando se fala de rinhas de galo: “O publicitário ficará em liberdade provisória, mas foi indiciado sob a acusação de formação de quadrilha, maus-tratos a animais e apologia ao crime (no local foram apreendidos cartazes e panfletos incentivando a rinha)” (Folha de São Paulo, 23 de outubro de 2004, p.8). A página inteira é dedicada ao assunto, mas em nenhum outro momento se fala da questão dos maus-tratos para com os animais que participavam das rinhas.

No dia 25 de outubro, dois dias depois da matéria anterior, uma carta de leitor aponta para uma nova sensibilidade:

O indiciamento do marqueteiro Duda Mendonça, detido em briga de galos no Rio, serviu para revelar a crueldade que certas pessoas pouco evoluídas espiritualmente praticam ao causar dor e sofrimento aos animais. As rinhas de galo são verdadeiros espetáculos da estupidez humana e deveriam ser fortemente combatidas. Mais triste é ver Duda Mendonça pretender defender o

⁷³ CORRÊA, *op. cit.*, p 37.

indefensável, ao afirmar que esse é o seu “hobby” e tudo bem. (Renato Khair, São Paulo/SP).⁷⁴

Mas é interessante notar que o jornal não se posiciona em nenhum momento sobre o assunto, desde a década de 70, até às matérias mais atuais. A última notícia que cita as brigas de galo e a participação de Duda Mendonça, a partir da pesquisa com a palavra-chave “rinhas” é de janeiro de 2006, com a descoberta de cheques do publicitário usados em clubes de rinha.

Os argumentos que se utilizam para justificar a prática do galismo⁷⁵ é de que este é uma prática cultural ou um esporte. Existem, inclusive, até hoje, páginas e blogs na rede mundial de computadores que se dedicam a defender a prática com essas justificativas. Fernanda Luiza Fontoura de Medeiros e Leticia Albuquerque⁷⁶ em seu texto **Rinha de galo: uma expressão de cultura, uma atividade esportiva ou uma ofensa a constituição?** fazem uma análise da jurisprudência brasileira para derrubar essa argumentação. Em relação a justificativa através da cultura, elas colocam que:

(...) nesse mapa abrangente de entendimento de cultura, podemos, ainda, entendê-la como um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento, assim como um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens não se encontra guarida de qualquer ordem para acobertar o ilícito das rinhas de galo, independentemente de ter qualquer relação cultural. Nessa linha, o próprio autor [Geertz] faz referência às rinhas de galo e consequentes massacres em Bali e suas explorações e ilações religiosas e sociais.⁷⁷

⁷⁴ **Folha de São Paulo**, 25 de outubro de 2004, p.31.

⁷⁵ Galismo é o nome que se dá à prática de rinhas de galo.

⁷⁶ ALBUQUERQUE, Leticia; MEDEIROS, Fernanda Luiza Fontoura de. **Rinha de galo: uma expressão de cultura, uma atividade esportiva ou uma ofensa a constituição?** Florianópolis: CONPEDI, 2015.

⁷⁷ *Idem*, p. 515.

Ou seja, por mais que tenha status de cultura, nenhuma ação repleta de perversidade pode ser justificada dessa forma. Sobre a caracterização de esporte, elas argumentam que:

No entanto, essa não é a questão em foco, uma vez que a própria Constituição prevê, em se artigo 225, a proteção da fauna e sua cobertura em relação a atos de crueldade e maus-tratos, assim como sua matança injustificada. Uma simples objeção ao enquadramento da rinha de galo como esporte situa-se na clara distinção de que, em qualquer esporte, mesmo os de contato, como MMA, não há vítimas e muito menos mortes; há atletas. E esses, assim como seus técnicos ou responsáveis, buscam não causar malefício aos envolvidos, ao meio ambiente e à atividade.⁷⁸

Uma outra prática de brigas entre animais começa a aparecer a partir do final dos anos 90 e início dos anos 2000, as rinhas de cachorros. Apesar de ser uma prática já antiga, começa a ganhar visibilidade no país com o aumento da popularidade dos cães da raça pitbull. No jornal Folha de São Paulo no ano de 1999, chama a atenção a reportagem sobre a cadela “Catita”, uma vira-lata que salvou um garoto de 4 anos do ataque de um pitbull na cidade de Campos no Rio de Janeiro (Folha de São Paulo, 7 de março de 1999, p.9). Esse fato levanta a temática da presença da raça na sociedade brasileira, e o que se torna mais interessante é que a medida tomada para parar os ataques é acabar com os animais, e não penalizar os tutores pelos treinos para rinhas.

A raça pit bull é muito usada em rinhas (brigas de animais). No Rio de Janeiro, foi adotado também por praticantes de jiu-jitsu. “Pretendemos erradicar essa raça no Rio dentro de dez anos. Sacrificar os cães já existentes seria uma medida radical”, afirma Mauricio Lobo, secretário municipal do Meio Ambiente do Rio.⁷⁹

No dia 12 de março do mesmo ano na sessão opinião, um colunista coloca mais uma vez a culpa nos cachorros:

⁷⁸ *Ibidem.*

⁷⁹ **Folha de São Paulo**, 7 de março de 1999, p.9.

Figura 3 - Notícia sobre lei que visava proibir a criação de cães da raça pitt bull.

Pit bull na mira da lei

LUIZ CAVERSAN

Rio de Janeiro — A Assembléia Legislativa daqui deu mostras ontem de que vai aprovar lei que proíbe a criação no Estado dos famigerados cães pit bull, espécie de arma de quatro patas que virou moda entre certa juventude vitaminada do país. As comissões da Assembléia avalizaram o projeto de lei que propõe a esterilização dos animais, primeiro passo para sua aprovação definitiva em plenário.

O preferido das gangues de jovens que aprendem jiu-jitsu para praticar toda sorte de violência, o cãozinho é uma fera incontrolável.

Já são inúmeros os casos de pessoas feridas em ataques de animais dessa raça, o mais famoso deles envolvendo a cadela vira-lata Catita, que interferiu no ataque de um pit bull a uma criança, acabando por salvá-la das mandíbulas trucidantes do animal.

A força do maxilar do pit bull, dizem seus próprios defensores, é algo espantoso. Dada a mordida, é praticamente impossível abrir a boca do bicho, a não ser que ele próprio tome a iniciativa. Quase nunca ele toma.

Mesmo assim, proprietários de pit

bulls insistem em afirmar que o cão só ataca se provocado. Quem já viu um cachorro desses em ação sabe que não é bem verdade.

Tanto que as **rinhas** de pit bull proliferam no Rio. Arma-se verdadeiro circo para as brigas, com apostas e tudo. Basta aproximar os animais que eles se engalfinham. Em geral, lutam até que um dos animais morra. Ou seja, o pit bull mata mesmo.

Mas há quem defenda o direito de sua existência, recorrendo até a argumentos religiosos, como o que evoca a exclusividade de Deus em dar e tirar vidas, até para cães.

É uma posição a ser levada em conta, sem dúvida. Como deve-se considerar que, qual delinquentes comprovadamente perigosos, os pit bulls em geral não estão aptos ao convívio social.

Que o digam todos os que um dia levaram uma dentada daquelas.

O fato é que a lei contra os cães tem sua razão de ser.

Mas, assim como tantas outras, ela provavelmente não vai "pegar". No mínimo porque os pit bulls andam sempre escoltados por caras fortes e violentos.

Quem vai desafiar ambos?

Fonte: Folha de São Paulo, 12 de março de 1999.

Nesse sentido, a hierarquização da sensibilidade aparece mais uma vez, mas agora na questão de raças. Qual tipo de raça de cachorro merece mais sensibilidade? Hoje em dia existem várias campanhas na internet para desmistificar a raça pitbull como violenta⁸⁰, demonstrando que a violência do animal está mais associada ao tipo de criação do que à raça em si.

Essa discussão sobre alguns tipos de rinhas mais comuns no Brasil demonstra como a visão acerca dos animais envolvidos varia de espécie

⁸⁰ “Campanha mostra que Pit Bulls podem ser cachorros dóceis e amáveis”. Disponível em: <http://www.94fmdourados.com.br/noticias/natureza/campanha-mostra-que-pit-bulls-podem-ser-cachorros-dceis-e-amveis>. Acesso em 04 out. 2016.

para espécie, de raça pra raça, de prática para prática. É uma visão panorâmica, pois o foco da pesquisa é observar a sensibilidade que se apresenta em relação aos animais, e não discutir as práticas. Desse modo, a partir dessas reportagens nota-se que no senso comum, os animais ainda são muito subalternos, ficando a cargo das organizações protetoras de animais, através de seus veículos próprios (como sites, blogs e páginas na internet), a função de problematizar as práticas de rinhas no país.

2.3 CAÇA:

Art. 29. Matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida:

Pena - detenção de seis meses a um ano, e multa.

§ 1º Incorre nas mesmas penas:

I - quem impede a procriação da fauna, sem licença, autorização ou em desacordo com a obtida;

II - quem modifica, danifica ou destrói ninho, abrigo ou criadouro natural;

III - quem vende, expõe à venda, exporta ou adquire, guarda, tem em cativeiro ou depósito, utiliza ou transporta ovos, larvas ou espécimes da fauna silvestre, nativa ou em rota migratória, bem como produtos e objetos dela oriundos, provenientes de criadouros não autorizados ou sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente.⁸¹

O artigo exposto na abertura dessa seção é o que rege atualmente a legislação de caça no Brasil. Ele é parte da Lei de Crimes Ambientais de 1998, porém o primeiro decreto que coloca regras um pouco mais rigorosas para a atividade é de 1934, já citado anteriormente. Dentro da lei, algumas coisas mudaram em relação a essa prática. Adilson Luís Franco Nassaro em seu artigo “**A evolução do aparato normativo de proteção à fauna diante dos atos de caça no Brasil**”⁸² separa essas mudanças em cinco cenários: (1) até 1934; (2) de 1934 até 1967; (3) de

⁸¹ **Lei 9.605**, de 12 de fevereiro de 1998.

⁸² NASSARO, Adilson Luis. A evolução do aparato normativo de proteção à fauna diante dos atos de caça no Brasil. **Tempos Históricos**, Marechal Candido Rondon, v. 1, n. 2, p. 15-44, 2º semestre/2011.

1967 até 1988; (4) de 1988 até 1998; e (5) de 1998 até a publicação do artigo em 2011. Até 1934 as irregularidades da caça no país eram associadas a propriedade privada ou do Estado, como por exemplo, invadir um terreno particular para exercer a caçada. Nesse sentido, casos que não infringiam essas regras eram regulares, como coloca o autor, caça de “animais sem dono constituía *res nullis*, na mesma concepção do direito romano de propriedade”⁸³. Em 1934 com o Código de Caça e Pesca, se proibiu:

(...) a caça exercida por profissionais, a captura de animais considerados úteis à agricultura, de pássaros canoros de ornamentação e de outros de pequeno porte, a captura em locais de domínio público ou em locais de domínio privado sem autorização do proprietário ou representante, a caça sem licença estabelecida – no caso a amadora - , a caça nas zonas urbanas e suburbanas e em áreas interditas, ou mediante utilização dos seguintes instrumentos: visgos, esparrelas, alçapões, arapucas, gaiolas com chamarizes, redes, laços, mundéus, armadilhas de qualquer espécie, ‘armas que surpreendam a caça, explosivos, venenos, bem como, a noite, o emprego de fachos e faróis.⁸⁴

Ou seja, o exercício da caça ficou extremamente restrito. Em 1939 um retrocesso na lei revogou o decreto de 1934, criando duas modalidades de caçadores: profissionais⁸⁵ e amadores, permitindo a caça mantendo algumas restrições do antigo decreto. Em 1967 surge a “Lei de Proteção à Fauna”, que proibiu o exercício da caça profissional por colocar na tutela do Estado os animais silvestres do país, permitindo a caça amadora em algumas situações. Em 1988 é criada a “Lei Fragelli” proposta pelo então senador Mato-Grossense José Fragelli, como um meio de frear a matança indiscriminada de jacarés do Pantanal brasileiro. Entretanto, o texto da lei acaba por abarcar toda a fauna silvestre, e impõe medidas extremas de punição aos pegos em flagrante cometendo atos de caça. O que causou discordância em relação a essa nova lei foi a

⁸³ NASSARO, *op. cit.*, p.24. *Res nullis* no Direito Romano eram as coisas sem dono e que nunca foram apropriadas (MACHADO, 2004).

⁸⁴ *Idem*, p.26/27.

⁸⁵ Aqueles que caçam para obter lucro com a venda de animais e produtos advindos.

desproporcionalidade das ações de repressão e das penas aplicadas aos caçadores. Como coloca Nassaro:

(...) por exemplo, um morador da área rural que fosse surpreendido por um policial nos limites de sua propriedade caçando um tatu para alimentar-se, era preso em flagrante – prisão inafiançável – e poderia ser condenado a três anos de reclusão pela prática da caça ilegal. Se porém, o mesmo indivíduo, com bons antecedentes e residência fixa, não tivesse caçando o tatu e sim praticando um homicídio, responderia a ação penal em liberdade.⁸⁶

Nesse sentido, todo tipo de caça ficou passível de punição severa (inclusive aquelas que tinham como justificativa o controle de população de animais, controle de pestes e as de “pesquisa”), sendo divulgado na mídia com teor de indignação, principalmente por parecer rígida demais em comparação com outros delitos considerados mais graves.

Com o advento da Lei dos Crimes Ambientais, já citada, muda-se um pouco o contexto. No texto da lei, busca-se uma conciliação. Nassaro coloca que “a mudança drástica na esfera penal foi imediatamente notada pela diminuição das penas e pelo fato do infrator não mais permanecer preso durante o processo”. Contudo, mesmo em vigência, seguiu recebendo críticas e propostas de maior rigidez nas penas, principalmente no que dizia respeito a tráfico de animais e biopirataria⁸⁷.

Para essa pesquisa o que se demonstra com essas mudanças nas leis é que o bem-estar e a sensibilidade para com os animais não é a prioridade nesse sentido. O interesse é em manter o “patrimônio natural faunístico”⁸⁸.

No Brasil hoje, somente a caça do javali é permitida por lei, e a da capivara vem sendo cogitada há alguns anos por apresentar as mesmas características “prejudiciais” dos javalis, no que concerne a reprodução desenfreada por não existir predadores naturais no ambiente⁸⁹. No site do

⁸⁶ *Ibidem*, p.33.

⁸⁷ *Ibidem*, p.37.

⁸⁸ *Ibidem*, p.39.

⁸⁹ No que diz respeito a saúde pública e danos causados a natureza, javalis e capivaras apresentam características diferentes de problema. Os javalis são considerados violentos e atacam plantações e animais de criação para consumo humano. As capivaras são portadoras de algumas doenças que podem acometer

Ibama⁹⁰ encontra-se um manual de 2013 em que se explica a necessidade da caça de controle desses animais, considerados “pragas”. Uma reportagem de 2015 do site World Animal Protection coloca como manchete “Caça de Javalis no Brasil: solução ou retrocesso?” explica que o problema da espécie ter se multiplicado e se transformado em “praga” foi causado pelos próprios seres humanos que introduziram a espécie na América do Sul (que é nativa da Europa), e que sem uma fiscalização adequada:

(...) os javalis que fugiam ou eram soltos por antigos criadores encontravam um ambiente favorável para reprodução: a espécie não tem predadores naturais no Brasil. Ao longo dos anos, **a população de javalis cresceu massivamente**, sem receber manejo ético e adequado. (grifo do autor).⁹¹

No manual do Ibama, a justificativa para que seja feita a matança e não um controle dos animais vivos é a agressividade dos javalis e o alto custo para castração. É uma postura contraditória, visto que enquanto os animais exercem alguma serventia econômica (o javali foi introduzido no país como uma alternativa de produção de carne) existem leis que os protegem, a partir do momento que se perde o controle de manejo, ficam a mercê da solução mais “prática”.

Ao se fazer uma busca no acervo da Folha de São Paulo com a palavra-chave “caça”, é interessante notar as mudanças nas reportagens sobre o assunto no decorrer dos anos, principalmente no que diz respeito ao tipo de animal que está sendo caçado. É comum observar a diferença de apelo emocional dependendo de qual animal está se falando.

Durante muitos anos a caça marítima é vista como algo extremamente comum, tendo inclusive campeonatos por todo o país⁹². Em finais da década de 1970 e a partir da década de 1980, já não aparecem mais notícias sobre esses campeonatos, e começa a ganhar força e espaço

seres humanos.

⁹⁰ Disponível em:

<http://www.ibama.gov.br/phocadownload/fauna_silvestre_2/texto_para_download/javali%20asselvajado.pdf>. Acesso em 26 de set. 2016.

⁹¹ Disponível em:

<<https://www.worldanimalprotection.org.br/not%C3%ADcia/caca-de-javalis-no-brasil-solucao-ou-retrocesso>>. Acesso em 26 de set. 2016.

⁹² 8 de janeiro de 1970; 20 de março de 1975; 26 de junho de 1975

dentro do jornal notícias sobre ecologia e preservação ambiental, em especial o combate a caça das baleias⁹³.

Um caso que chama atenção na pesquisa são algumas propagandas para se visitar a África do Sul tendo como um dos chamarizes a prática da caça nesse país:

Figura 4 - Propaganda South African Airways.



Não economize emoções em suas próximas férias. Vá até a África do Sul.

Você agora pode colocar uma nova paisagem em seu roteiro de férias. Basta ir até a África do Sul.

Lá você vai estar livre para fazer tudo o que lhe der



na cabeça. Desde andar numa avestruz ou participar de um safari nas maiores reservas de **caça** do mundo.

Mas as emoções não ficam por aí, não: a África do Sul é um prato rico e variado neste aspecto.

Você precisa ir a Kyalami assistir a algumas das vibrantes competições automobilísticas realizadas lá. Precisa conhecer também uma mina de ouro ou de diamantes e, se quiser ainda, pode assistir a acirrados campeonatos de surf, cricket, rugby ou mesmo hóquei e vela.

Depois disso tudo é hora de você se emocionar com as comidas típicas da África do Sul.

(Quem não se emociona diante de um bom prato?)

E para levar você a esse mundo incrível procure a South African Airways-SAA.

A companhia aérea que tem o serviço de bordo de maior quilate do mundo acha que outra coisa que você não deve economizar é conforto.



SOUTH AFRICAN AIRWAYS



Todas as 2^{as} e 4^{as}. Em convênio com a Varig.

Rio: Av. Almirante Barroso, 22.
Iloilo — tel. 224-2277

SP: Praça da República, 270, sl.
c/te Tel: 37-7510

O serviço de bordo de maior quilate do mundo.

Fonte: Folha de São Paulo, 16 de maio de 1975.

⁹³ 2 de julho de 1985; 12 de julho de 1985; 24 de dezembro de 1985

O trecho “Lá você vai estar livre para fazer tudo que lhe der na cabeça. Desde andar numa avestruz ou participar de um safari nas maiores reservas de caça do mundo” se torna emblemático justamente pelo fato de que no Brasil a caça de animais silvestres já não ser mais tão bem aceita, o que justifica que a vontade dos adeptos seja saciada em outros países. É interessante notar também que o anúncio envolve uma questão monetária importante, visto que é uma propaganda de uma empresa aérea da África do Sul, a *South Africa Airways*.

Em meio a essas propagandas, encontram-se notícias sobre a tentativa de conscientização ou sobre a repressão à caça predatória em território nacional. Como exemplo, a notícia sobre a criação de uma reserva no Pantanal que acabou por não se tornar viável, e sendo assim, o trabalho das autoridades seria o de conscientizar os fazendeiros a não praticar caça predatória nesse local mesmo não sendo uma reserva⁹⁴. Na realidade, o assunto caça no jornal é sempre controverso, pois no mesmo ano que se critica a caça à baleia ou ao jacaré⁹⁵, encontra-se uma reportagem na sessão **Mulher** sobre casacos de pele, intitulada “Pele macias para os arrepios do inverno” (Folha de São Paulo, 30 de junho de 1985).

A sessão de leitores também se torna peça interessante de análise por demonstrar diferentes pontos de vista em relação à atividade. Apesar do número considerável de reportagens sobre o assunto, poucas cartas aparecem durante os anos pesquisados. Mas é importante notar que nas cartas que aparecem ainda nos anos 1970, a única manifestação de leitor é a favor da caça (Folha de São Paulo, 8 de abril de 1970). É a partir da década de 1980 que começam a aparecer leitores indignados com a persistência da prática no país. Inclusive, o próprio periódico começa a trazer um discurso um pouco mais apurado nesse sentido, apresentando reportagens com falas de ambientalistas, e demonstrando um certo posicionamento contra a caça. No dia 18 de maio de 1985, encontra-se uma reportagem sob o título “Operação fauna apreende 100 mil em cosméticos”, no último parágrafo lê-se:

⁹⁴ “**Reserva não seria viável no Pantanal**” (Folha de São Paulo, 13 de julho de 1975).

⁹⁵ “**Apesar do acordo, caça as baleias pode continuar**” (Folha de São Paulo, 30 de junho de 1985); “**Conservacionistas pedem fim da caça de baleias no país**” (Folha de São Paulo, 12 de julho de 1985); “**Extermínio no Pantanal**” (Folha de São Paulo, 16 de julho de 1985).

Leite Neto disse que para impedir a caça furtiva no Estado, ‘o ideal seria ter no mínimo dez agentes de defesa florestal em cada um dos 572 municípios paulistas, ou seja, 5.720 agentes em todo o Estado. Mas temos apenas quinze’. Por isso o IBDF procura combater o comércio de produtos originários da fauna silvestre, como forma de desestimular a caça.⁹⁶

No mesmo ano, um leitor argumenta que o tema da caça deveria ser abordado de maneira mais aprofundada pelo jornal por se tratar de um assunto polêmico:

“O governador Gilberto Mestrinho (PMDB-AM) defendeu domingo (9/6) no programa ‘Bar Avenida’, da TV Gazeta, a institucionalização no Brasil de temporadas de caça ao jacaré, argumentando que este animal é um predador sem utilidade e que todos os ‘países civilizados’ mantêm temporadas de caça, além da exploração da madeira da floresta amazônica, opiniões polêmicas que deveriam ser discutidas pela imprensa”. José Augusto da Silva (São Paulo, SP).⁹⁷

Na sequência, reportagens que abordam a caça e a proteção do meio ambiente, trazendo também a visão de militantes ambientais: “Sob protestos, caça à baleia recomeça hoje na Paraíba” (21 de julho de 1985), “Congresso internacional discute falhas na defesa do meio ambiente” (1 de dezembro de 1985), “Sarney assina decreto que proíbe caça às baleias” (21 de dezembro de 1985), “Ecologistas querem agora proibição definitiva da caça à baleia no país” (24 de dezembro de 1985).

Na década de 1990, percebe-se uma nova sensibilidade em relação à natureza que reflete na maneira como se vê a caça no país. Essa mudança já vinha se delineando, mas com o aumento dos movimentos ambientalistas, e no Brasil especialmente depois da Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como Eco-92, a preocupação com a defesa do meio ambiente perpassa a proteção da fauna nacional.

⁹⁶ **Folha de São Paulo**, 18 de maio de 1985.

⁹⁷ **Folha de São Paulo**, 9 de julho de 1985.

Em fevereiro de 1990, a coluna “O exigente consumidor ‘verde’” aborda a nova onda de campanhas de fundo ambientalista, partindo das intervenções de outros países:

Inúmeros publicitários estão se empenhando para promover as novas entidades ecológicas. A Greenpeace assina um comercial celebradíssimo, denunciando o extermínio de animais para fazer casacos de pele. [...]. Existem muitas outras campanhas. Entre elas está a “Elefriends” (contra a caça dos elefantes na África), a “League Against Cruel Sports” (contra o esporte da caça a raposa), “Whale and Dolphin Conservation Society” (em defesa das baleias e dos golfinhos) e “The National Trust” (em defesa do meio ambiente). [...] É importante salientar que a revolução “green” não se trata de mais uma simpática estratégia de marketing (embora exista uma onda oportunista de marketing pseudo-ecológico girando em torno dela). Ser “green”, preocupar-se com a qualidade de vida, é uma proposta ética que deve ser levada a sério.⁹⁸

No ano da conferência Eco-92, a visita do príncipe britânico Philip, marido da rainha Elizabeth II, resulta em uma reportagem sobre o interesse deste em convencer as autoridades brasileiras a regulamentar a caça no país (Folha de São Paulo, 16 de março de 1992). O autor da matéria não se posiciona abertamente. Alguns dias mais tarde, uma leitora envia uma carta indignada e sarcástica para o editorial do jornal:

“Agora que a caça à raposa está com seus dias contados na Inglaterra por repúdio da população (‘Jornal do Brasil’, 15/02), o real caçador Philip vem ao Brasil vestido a caráter propor a matança de nossa fauna por diversão (Folha, 16/02). Vejam só!” Cacilda Lanuza, presidenta do Grupo Seiva de Ecologia (São Paulo, SP).⁹⁹

⁹⁸ CRAWFORD, Corina. **Folha de São Paulo**, 8 de fevereiro de 1990.

⁹⁹ As datas e jornais que aparecem entre parênteses são da fala da leitora como referência às notícias em que teve contato sobre o assunto. (Folha de São Paulo, 20 de março de 1992.

A indignação com a caça esportiva a partir da década de 1990 começa a se tornar mais comum, e hoje em dia podemos perceber através de casos que ganham grande repercussão, que a prática é ainda menos aceita. Um exemplo é o caso do leão Cecil, assassinado em 2015 pelo norte-americano Walter Palmer no Zimbábue. O fato chocou os internautas e causou comoção mundial. Na reportagem do site da revista EXAME “A terrível história da morte do leão Cecil” do dia 29 de julho de 2015, o posicionamento totalmente contra a morte do leão é interessante para observarmos a não-aceitação desse tipo de comportamento.

São Paulo – A noite do dia 6 de julho era para ser como outra segunda-feira qualquer no Parque Nacional de Hwange (Zimbábue), até que o leão carinhosamente chamado de Cecil se deparou com um grupo de caçadores que determinariam o seu destino final. Cecil era especialmente famoso no meio conservacionista e era amado em todo o país. Morto aos 13 anos de idade, o leão teve praticamente toda a sua vida monitorada por cientistas da Universidade de Oxford, no Reino Unido, que estudavam a conservação de leões no Zimbábue. (...)A repercussão mundial do episódio chegou até os subúrbios de Minneapolis (Minnesota), onde vive o dentista, e fez com que Palmer desaparecesse dos olhos do público desde o início da semana. Seu consultório permanece com as portas fechadas e não há rastros seus nas redes sociais.¹⁰⁰

Alguns comentários chamam a atenção pelo sentimento de compaixão pela vida do animal:

¹⁰⁰ Revista Exame. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/a-terrivel-historia-do-leao-cecil-morto>>. Acesso em: 04 out. 2016.

Figura 5 - Comentários do site de notícias sobre a morte do leão Cecil.

 Que triste coitado do Cecil,Pará os matar ele se ele não fez nada, só ficava na paz!! 😊(-:@)-

Curtir · Responder · 16 de junho de 2016 15:24

 **Paranhos Paranhos Ferro** · Carteiro em Correios

Ele deveria ser soute e caçado a te a morte e sua cabeça virar um trofeu de caça

Curtir · Responder · 19 de dezembro de 2015 20:34

 **saura Cemin** · Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Nunca entendi como é possível uma pessoa achar divertido ver um outro ser (animal ou humano) sofrer. Parafraaseando uma amiga, presidente de uma ONG que defende os animais: "... A pessoa que maltrata um animal, é capaz de fazer o mesmo com outro ser humano - só muda a vítima." São pessoas como este dentista que tornam este mundo um lugar triste.

Curtir · Responder · 20 de outubro de 2015 22:33

 **Sousa** · UEPB

Dois vagabundos que não tem o que fazer a não ser o mal. Daí eu fico me perguntando, o que leva um ser humano a matar ou maltratar animais, inocentes que não fazem mal a ninguém, pelo contrário nos que fazemos o mal, pois muitas vezes ultrapassamos linhas que não pertencem ao nosso domínio, invadindo espaços que não nos pertencem...!! Realmente ele tem que pagar por esse crime abominável se seres primitivos que não evoluíram sua inteligência..!! E ainda é um dentista para plorar ainda mais esse contexto REVOLTANTE..

Curtir · Responder · 22 de setembro de 2015 10:39

 **Dias**

O pior é que ele não dá importância na morte cruel que ele causou a um animal...ele simplesmente diz que não sabia que o Leão era celebridade!!! Não é questão do Leão ser celebridade é sim dele ser um e do assassino de um animal só por mera diversão!!!!

Curtir · Responder · 9 de setembro de 2015 10:22

 **Cardoso** · Mãe e Consultora de Beleza Mary Kay ! em Mary Kay Brasil

Este infeliz é um subnitrato de pó de merda radioativa!!!!!! Não serve pra NADA e nem pra NINGUÉM!!!! Isso aí nem o capeta quer no inferno!!!!

Curtir · Responder · 22 de agosto de 2015 03:20

Fonte:<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/a-terrivel-historia-do-leao-cecil-morto>

O que é interessante nesse sentido é a comoção hierarquizada dos animais, como já comentado anteriormente. Não se vê a mesma unanimidade na indignação quando se trata da caça ao javali no Brasil, por exemplo¹⁰¹.

Sendo assim, a questão da caça talvez seja o exemplo que melhor demonstre essa hierarquização do sentimento em relação aos animais. A pergunta que fica é: qual o critério para comoção com a morte de um animal?

2.4 O PARADOXO DA ZOOFILIA

Zoofilia (*zoo* – animal; *filia* – amor/amizade) é atualmente o termo que se usa para definir a prática sexual entre animais humanos e animais

¹⁰¹ Disponível em:

<<http://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2016/02/aberta-temporada-de-caca-ao-javali-no-sul-e-sudeste.html>> . Acesso em 04 out. 2016.

não humanos. Não é uma prática recente, mas tem suscitado inúmeras discussões nos últimos anos, principalmente no que diz respeito à ética e ao direito animal. Segundo Ana Jácome¹⁰², o primeiro pesquisador a classificar essa conduta foi o psiquiatra alemão do século XIX Richard von Krafft Ebbing, argumentando que “los actos sádicos hacia los animales son, en numerosos casos, producto del miedo que un sujeto sádico puede tener de actuar con otro ser humano, lo que le hace buscar el placer en actos hacia animales”¹⁰³. Nesse sentido, a prática é colocada inicialmente como uma patologia do ser humano que é explicada através de traumas vividos pelos sujeitos adeptos.

Atualmente, é possível observar fazendo uma busca rápida na internet, que a prática possui um número considerável de adeptos¹⁰⁴. No ano de 2013, foi regulamentada uma lei na Alemanha que criminaliza a zoofilia¹⁰⁵. A aprovação dessa lei repercutiu em várias manifestações de insatisfação dos praticantes no país. A justificativa é que a prática não causa danos aos animais, e sua proibição fere a liberdade sexual dos praticantes. No Brasil não existe uma lei específica até hoje, apesar de poder ser encaixada na já citada Lei dos Crimes Ambientais, e segundo a antropóloga María Elvira Díaz-Benítez, o mercado pornográfico que vende esse tipo de prática sexual no país é um dos mais famosos do mundo¹⁰⁶.

Em contrapartida, observamos o crescimento da militância em favor do bem-estar animal combatendo a zoofilia com campanhas e resgates de vítimas de abuso, principalmente de animais de pequeno porte, que são os que sofrem maior violência devido a sua anatomia que não suporta uma penetração masculina, por exemplo.

O que se coloca como paradoxo é justamente esse embate entre adeptos da prática e militantes da causa animal. Os primeiros argumentando que pode-se justificar a zoofilia por se acreditar em uma

¹⁰² JÁCOME, 2014.

¹⁰³ Os atos sádicos para com os animais, em muitos casos, é produto do medo que um sujeito sádico tem de atuar com outro ser humano, o que o faz procurar prazer em atos com animais. (tradução livre).

¹⁰⁴ Existem inúmeros sites com pornografia especializada em zoofilia.

¹⁰⁵ OLIVEIRA, Wesley Felipe de. **A zoofilia é especista ou tolerável?** In: Fazendo Gênero 10. 2013, Florianópolis. Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, ISSN 2179-510X, Florianópolis, 2013.

¹⁰⁶ DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2009, 290p.

suposta empatia que permite que o ser humano chegue até mesmo a se apaixonar pelo animal¹⁰⁷, ou sentir uma atração sexual em que os dois possam sentir prazer com a relação. Os segundos defendendo que mesmo que o animal não sofra nenhum tipo de violência (no caso de animais de grande porte como cavalos, éguas e vacas, ou no caso de qualquer animal que esteja no papel de “ativo” no ato), a prática é injustificável por não existir possibilidade de consentimento, caracterizando um estupro.

No livro **Ética Prática** (1994), Peter Singer chega a argumentar que a prática é moralmente justificável se não infringir maus-tratos aos animais¹⁰⁸, apesar de não estar se colocando favorável a tal prática. Porém, como coloca Wesley Oliveira:

(...) levarei esta análise utilitarista da geração de prazer em consideração, demonstrando que se ela justifica a prática sexual com animais quando gerar prazer, ela também oferece uma possibilidade de justificação da prática da pedofilia, isto é, do sexo com crianças ou bebês, ainda que não lhes cause danos, dor e sofrimento, podendo até mesmo oferecer-lhes algum nível de satisfação e prazer.¹⁰⁹

Pode parecer uma posição radical, porém se analisarmos por essa perspectiva, qualquer ato pode ser considerado aceitável caso não infrinja dor e sofrimento mesmo que não aja consentimento, o que seria um absurdo.

Observando as fontes do Jornal Folha de São Paulo, é interessante notar que a trajetória da zoofilia neste periódico sofre modificações consideráveis. Pouco se fala, mas as notícias com o tema demonstram essa mudança de maneira bem explícita.

No ano de 1982 a notícia de um livro erótico escrito por mulheres brasileiras tem presente um conto que aborda rapidamente a zoofilia (Folha de São Paulo, 1 de junho de 1982). Apenas uma pequena passagem, mas o fato de existir não causa nenhum tipo de surpresa, o que demonstra uma indiferença com o tema. Em 1984 aparece um anúncio do

¹⁰⁷ Woody Allen faz uma paródia da zoofilia em seu filme “Tudo que você sempre quis saber sobre o sexo (mas tinha medo de perguntar) (1972), em que um médico se apaixonada pela ovelha de um de seus pacientes e tem a vida arruinada.

¹⁰⁸ SINGER, Peter. **Practical Ethics**. 3ª ed. New York: Cambridge University Press, 2011.

¹⁰⁹ OLIVEIRA, *op. cit.*, p.2.

filme de Orlando de Moura, um pornô que mistura a vida do sertanejo e zoofilia explícita. Também tratado de forma normal e corriqueira:

(...) o filme pretende misturar zoofilia explícita com música sertaneja. A ideia partiu da observação de Moura de que os únicos filmes que fazem sucesso em cidades do interior são as pornochanchadas.¹¹⁰

Em 1987, uma matéria sobre filmes eróticos intitulada “Em geral o lixo impera no setor”, coloca a zoofilia como “inovação”, pois os outros filmes produzidos são sempre mais do mesmo:

O problema de vídeos eróticos é um só: você viu um, viu todos. Exceto por algumas histórias bem humoradas, a maior parte dos filmes se concentra mesmo é num casal de atores e uma cama. (...) Nos filmes nacionais tenta-se “inovar”, apelando para algumas preferências pouco ortodoxas, como a zoofilia. Vacas, jumentos, cavalos, cachorros e até cabritos já desfilaram pelas telas e telinhas, em “filmes” nacionais.¹¹¹

Já em 1992, as coisas começam a mudar aos poucos. A notícia sobre uma nova revista coloca a zoofilia como algo estranho: “A verdade é que as críticas geraram uma polêmica que só fez garantir o sucesso da publicação, que não tinha nada de tão pernicioso, embora goste de temas esquisitos como zoofilia” (Folha de São Paulo, 15 de junho de 1992). A prática não é mais vista como totalmente normal, mas ainda assim, não é vista como pernicioso e nem inaceitável. É apenas “esquisita”. No mesmo ano, encontra-se uma reportagem sobre os programas eróticos famosos nos anos 90. A faixa das 23 horas começa a ser ocupada por programas de sexo explícito, em conjunto com as propagandas de sexo por telefone. Aqui o sexo com animais é visto como violência urbana, mas o que mais choca é essa prática ser comparada à homossexualidade, que nada tem de violência urbana, muito menos de estranheza. Coisa que veremos mais adiante com o advento da recente onda conservadora que assola o Brasil.

¹¹⁰ **Folha de São Paulo**, 26 de setembro de 1984.

¹¹¹ **Folha de São Paulo**, 14 maio de 1987

Documento Verdade: Sexta às 23h10 na Manchete. Filho bastardo do programa ‘Documento Especial’, vendido recentemente ao SBT. Seus temas são variados, mas concentrados no sexo e na violência urbana. Já apresentou cenas de zoofilia (sexo com animais), lesbianismo e shows de sexo explícito.¹¹²

Em 1993 uma página inteira do jornal é dedicada à sexualidade e à práticas consideradas doenças. O título “Congresso traça limite entre desejo e doença” (Folha de São Paulo, 23 de maio de 1993) fala sobre as “parafilias”, ou as conhecidas “taras”, e uma delas é a zoofilia. É a primeira vez no jornal que essa prática entra como uma atividade sexual anormal para os padrões da sociedade.

Excitação sexual obtida às custas de sofrimento ou humilhação (sodomasoquismo), exibição de genitais em locais públicos (exibicionismo), observação sigilosa de atos sexuais entre outras pessoas (voyeurismo), uso de objetos como fonte de prazer (fetichismo), relação sexual com animais (zoofilia) são exemplos de escolhas “desviantes”.

E mais adiante aparece uma sessão “desfazendo mitos”, onde se coloca que “transexualismo”, “homossexualismo”[sic]¹¹³ e alguns níveis de parafilias não são mais considerados comportamentos patológicos.

É interessante notar que de um ano para o outro a zoofilia entra como um comportamento doentio, porém ainda em 1997 se encontram anúncios nos classificados de maneira aberta procurando pessoas que são adeptas da prática:

¹¹² **Folha de São Paulo**, 23 de agosto de 1992.

¹¹³ No jornal são esses os termos usados, sabemos que hoje o correto é utilizar o sufixo “ade”.

Figura 6 - Classificados oferecendo “serviços” ligados à zoofilia.



Fonte: Folha de São Paulo, 12 de janeiro de 1997; 09 de fevereiro de 1997.

Com o passar dos anos, o tema some do jornal e reaparece com declarações de deputados da bancada evangélica no congresso brasileiro comparando a união estável de pessoas homoafetivas com relações zoofílicas e até com a necrofilia (sexo com cadáveres). Em reportagem intitulada “Pastor compara união gay com zoofilia e necrofilia”, o pastor Silas Malafaia argumenta contra a união falando o seguinte: “vamos colocar na lei tudo o que se imaginar. Quem tem relação com cachorro, vamos botar na lei. Eu vou apelar aqui. É um comportamento, ué, vamos aceitar. Quem tem relação com cadáver, é um comportamento, vamos botar na lei” (Folha de São Paulo, 13 de maio de 2010). No ano seguinte, no editorial da edição do dia 8 de maio de 2011, o colunista Hélio Schwartsman faz uma declaração um tanto quanto controversa, apesar de estar apoiando a união homoafetiva, coloca a questão da seguinte forma:

Desde que em comum acordo e sem envolver menores, não há nada de intrinsecamente errado com homossexualismo [sic], masoquismo, sadismo, fetichismo, coprofilia, zoofilia (se o animal em questão não se opuser) e nem mesmo com a vida monástica.¹¹⁴

Nesse sentido, Wesley Oliveira argumenta que mesmo que a prática não cause dano ou sofrimento ao animal, não pode ser considerada moralmente aceitável.

Primeiramente, como já destaquei, não deve ser ignorada a condição inicial destes animais usados como objeto sexual, o que já pressupõem antes de tudo uma condição de aprisionamento, o que significa um vínculo forçado com os seres

¹¹⁴ Folha de São Paulo, 8 de maio de 2011.

humanos, especialmente os animais confinados para a produção de alimentos. Esta é uma condição determinante no caso da zoofilia, pois este ato sexual é efetivado por meio de uma relação de coerção dos animais, ou seja, através do impedimento de sua liberdade física, tornando-os e deixando-os dependentes dos seres humanos para satisfazerem suas necessidades mais básicas, como água, comida, abrigo e reprodução. Os animais, portanto, estão vulneráveis aos humanos, sendo deles dependentes. Tal condição se assemelha profundamente com um sequestro, onde um ser é mantido aprisionado em cativeiro e incapaz de realizar os atos de sua vontade.¹¹⁵

Além disso, a questão da consensualidade se coloca como fundamental nesse debate. O animal nunca poderá confirmar que o ato está sendo consensual, ou persuadido. Sendo assim, para os militantes da causa animal, o ato nunca pode ser justificado, e é sempre uma violência por ser uma prática que se apropria de um corpo que não lhe pertence para prazer próprio, independente se causa dano ou não ao animal.

Portanto, baseada na discussão desse capítulo, percebemos que por mais que a sensibilidade em relação aos animais não humanos esteja se tornando assunto cada vez mais presente no cotidiano do brasileiro, muitas atividades que podem ser consideradas maus-tratos e abuso ainda permanecem, interseccionadas com atitudes de proteção animal, precisando ser debatidas e enfrentadas para que sejam de fato extintas.

¹¹⁵ OLIVEIRA, op. cit., p.7.

3 CAPÍTULO 2 - “MAS ELES NÃO ESTÃO SOFREENDO”: A SENSIBILIDADE DE NÍVEL 1

O processo de domesticação animal remonta aos tempos pré-históricos, e é de fundamental importância para o entendimento da relação entre animais humanos e não humanos que se estabelece atualmente. Segundo os biólogos R.M. Murphy e C.R. Ruiz-Miranda¹¹⁶ a domesticação de animais foi um dos maiores feitos da humanidade. Se pensarmos em termos atuais de abolicionismo animal, essa assertiva só faz sentido por partir de uma ideia especista de dominação da natureza. Dentre os animais domésticos de estimação, a aproximação do cão é a considerada mais antiga, datando de 10.000 anos sendo iniciada no Oriente Médio¹¹⁷, seguida do gato, com cerca de 9.000 anos no Egito Antigo¹¹⁸. Em relação aos animais criados para o abate e consumo humano:

As ovelhas e as cabras foram os primeiros animais de produção a serem domesticados e ocorreu principalmente no Oriente Médio e na Ásia, aproximadamente 10.000 anos atrás, a domesticação de bovinos começou aproximadamente entre 8.000 a 10.000 anos atrás e foi consequência de procura de alimento protéico por parte do homem.¹¹⁹

Essa mudança nas relações entre animais humanos e animais não humanos, e a consequente domesticação, teve início quando as sociedades passaram de um modo de vida nômade para um modo de vida sedentário, possibilitando a aproximação desses animais. Em um primeiro momento essa aproximação teve um caráter de interesse mútuo. Com o tempo as

¹¹⁶MURPHEY, R. M.; RUIZ-MIRANDA, C. R. Domesticated ruminant behavior. In: Greenberg, G., Haraway, M.M. (eds). **Comparative Psychology: a handbook**, 1998, p. 393-404..

¹¹⁷SILVA, Danilo Pereira. **Canis familiaris: aspectos da domesticação** (Origem, conceitos, hipóteses). Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Agronomia e veterinária): Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

¹¹⁸VIGNE, Letícia Mattos de Souza Dantas. J.D. et al. **Early Taming of the Cat in Cyprus**. *Science*, v. 304, n. 9, p. 259, 2004.

¹¹⁹SIMM, G.; CONINGTON J.; BISHOP, S. C.; DWYER, C. M.; PATTINSON, S. Genetic selection for extensive conditions. **Applied Animal Behaviour Science**, v.49, p. 47-59,1996.

relações foram ficando mais complexas, com a exploração do trabalho animal mais intenso, e com o processo de industrialização, toma ainda nova forma, com a produção de animais em grande escala para a alimentação, importação, etc. O que se torna interessante observar nesse aspecto, é o que Keith Thomas chama de “espécies privilegiadas”¹²⁰, ou seja, a diferenciação entre animais não humanos domésticos criados para o abate, e animais não humanos domésticos que acabaram por ganhar a estima dos humanos, como é o exemplo dos gatos, cães, e em certa medida, cavalos.

Após a discussão travada acerca da sensibilidade de nível zero, esse capítulo tem como objetivo demonstrar um segundo nível de sensibilidade para com animais não humanos: a sensibilidade de nível 1. O que se pretende com esse capítulo é analisar algumas atitudes que se diferenciam daquelas da crueldade extrema, ou seja, onde os indivíduos da sociedade humana já não aceitam mais a violência gratuita para com indivíduos não humanos, e apresentam até uma proximidade com algumas espécies. O capítulo está dividido em três partes, sendo a primeira sobre a guarda/posse de animais de estimação (exemplo cães e gatos). Neste subitem será abordada a questão do abandono do termo posse, e a gradual implementação do termo guarda responsável. Dentro do Direito Animal essa substituição toma caráter de extrema importância por tirar do animal humano a “posse” do animal não humano, destituindo-o assim de um suposto direito de fazer com este o que se bem entende. Ou seja, tirando a denominação de posse, o animal deixa de ser comparado a um objeto pertencente a alguém, e passa a ser um indivíduo sob a tutela de alguém.

Além disso, é importante ressaltar dentro dessa sessão, como já colocado anteriormente, a diferenciação da convivência humana com animais domésticos de estimação, e animais domésticos destinados ao abate para consumo. Sobre esse assunto, além do conceito de “espécies privilegiadas” de Thomas, o conceito de “desanimalização”¹²¹ da carne

¹²⁰ THOMAS, *op. Cit.*, p. 140.

¹²¹ Processo de desanimalização pode ser entendido como o “desmonte” do animal produzido para o consumo até que se torne apenas mercadoria e perca toda a característica de ser vivo senciente. Michael Pollan, apesar de não utilizar esse conceito propriamente dito, comenta em sua obra **“O dilema do onívoro: Uma história natural de quatro refeições” (2006)**, como os animais não humanos, agora enquanto produtos são apresentados nos açougues dos supermercados “na seção de carnes parece ser cada vez menos perceptível a caracterização de cada animal como espécie, já que vacas e porcos chegam cada vez mais subdivididos em pedaços geométricos, sem osso e sem sangue.” POLLAN, Michael. **O dilema**

como um processo pelo qual os animais não humanos destinados a produção industrial de alimentos passam, se torna importante para contextualizarmos a existência desse nível de sensibilidade que abarca pessoas que “esquecem” que o produto alimentício carne colocado em seus pratos já foi um animal vivo que sofre, sente dor, alegrias e medo.

Sendo assim, esse conceito acaba por estabelecer um link com o segundo subtítulo desse capítulo onde será trabalhada a questão do “abate humanitário”, um termo que por si só é controverso e suscita discussões entre os grupos de libertação animal. A prática do abate humanitário acaba por se tornar um paliativo no sofrimento dos animais não humanos, dando a ideia de “bem-estar” e uma morte “digna”.

Na sessão que finaliza este capítulo será dada ênfase às práticas de diversão e entretenimento que se utilizam de animais não humanos como personagens principais do espetáculo. Para a discussão aqui proposta, serão abordados o rodeio “country”¹²² e circos que utilizam animais em suas apresentações. A justificativa dos adeptos dessas práticas é que os animais utilizados não sofrem antes, durante e depois das apresentações. Por essa justificativa essas práticas se encontram nessa sessão, considerando que os praticantes não acreditam no sofrimento do animal, e como não há morte e nem dano aparente, se posicionam contra a violência extrema.

3.1 O AMOR PELOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: POSSE OU GUARDA?

Temos observado recentemente uma nova preocupação para com os animais domésticos tidos como de “estimação”. O gradual abandono do termo “posse” e adoção do termo “guarda responsável” acaba por mudar as concepções que se tem acerca da relação entre animais humanos e animais não humanos de estimação. Essa mudança começa a tomar forma dentro do âmbito dos estudos jurídicos sobre ética e bem-estar de animais não humanos, e passa a estabelecer novas normas de conduta, leis e punições para tutores.

do onívoro: Uma história natural de quatro refeições. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006, p.19.

¹²² Rodeio country é a prática em que o competidor precisa se manter em cima do touro por no mínimo 8 segundos. É a prática de rodeio mais popular no Brasil, tendo como referência o Rodeio da cidade de Barretos.

A tutela de animais domésticos tidos como de estimação, de uma maneira geral e dentro do senso comum, está inserida nesse capítulo por ser uma prática que vem se transformando com o passar do tempo e ganhando espaço nas discussões sobre bem-estar e ética animal. Pode ser considerada dentro do nível 1 de sensibilidade quando os animais humanos que passam a ser tutores de animais não humanos de estimação apresentam um tratamento diferenciado apenas com esses animais. Não sendo engajados em nenhum tipo de ação que visa acabar com a exploração e sofrimento de outras espécies, e nem mesmo com os de estimação mais conhecidos, como gatos e cachorros, que não sejam os de sua tutela. Apresentam empatia, repugnância com a violência extrema, mas efetivamente, a ação se restringe aos seres que estão sob sua responsabilidade.

No dia 03 de março de 2017, o Diário da República publicou uma lei com caráter de estatuto¹²³ que altera algumas determinações do Código Civil (aprovado pelo Decreto -Lei n.º 47 344, de 25 de novembro de 1966), do Código de Processo Civil (aprovado pela Lei n.º 41/2013, de 26 de junho), e do Código Penal (aprovado pelo Decreto -Lei n.º 400/82, de 23 de setembro) no que remete a jurisdição dos animais de estimação. No texto do estatuto ainda se utiliza o termo “propriedade”¹²⁴, pois as discussões acerca da adoção do novo termo permanecem atreladas ao meio acadêmico.

O primeiro artigo que determina o “objeto” da proposta traz o seguinte:

A presente lei estabelece um estatuto jurídico dos animais, reconhecendo a sua natureza de seres vivos dotados de sensibilidade, procedendo à alteração do Código Civil, aprovado pelo Decreto -Lei n.º 47 344, de 25 de novembro de 1966, do Código de Processo Civil, aprovado pela Lei n.º 41/2013, de 26 de junho, e do Código Penal, aprovado pelo Decreto -Lei n.º 400/82, de 23 de setembro.¹²⁵

Nesse sentido, colocar os animais não humanos como “seres vivos dotados de sensibilidade”, abre novas portas para a discussão acerca da tutela e do tratamento desses animais dentro do âmbito jurídico.

¹²³ **Lei n.º 8/2017** de 03 de março.

¹²⁴ Como observado no Artigo 1305º-A Propriedade de Animais.

¹²⁵ **Artigo 1º Objeto da Lei 8/2017** de 03 de março.

3.1.1 Espécies privilegiadas:

“(…) Dos outros sete hotéis, cinco já estão cheios até a segunda quinzena de janeiro. A fila de espera do Pet Hotel Dog Life, na Penha (leste), por exemplo, chega a 19 clientes. Lá, há ofurô com música ambiente, piscina aquecida com cachoeira, quadra e gramado. A diária chega a R\$70,00. No Dogplace, no Planalto Paulista (zona sul), cães têm acupuntura, massagem, fisioterapia e podem usar a sala de cromoterapia para relaxar do estresse dos fogos de artifício. Há 15 na fila de espera, para diárias de R\$80,00.”¹²⁶

Quando falamos de “espécies privilegiadas”¹²⁷, as extravagâncias que passaram a fazer parte da vida de cães e gatos sob tutela de pessoas com um poder aquisitivo consideravelmente alto, são o exemplo perfeito para entendermos o conceito. De alguns anos para cá, o número de lojas especializadas em animais de estimação, os chamados PetShops, cresceu de maneira exponencial e se tornou um nicho de mercado lucrativo e inovador. Roupas, acessórios, camas, cobertores, terapias alternativas, banhos e tosas especiais, cosméticos e até sapatos, substituíram as coleiras e casinhas no quintal das casas. Como colocado no trecho de reportagem da Folha de São Paulo de 2011, até hotéis de luxo foram criados para atender a demanda de tutores financeiramente favorecidos preocupados com o bem-estar de seus animais de estimação, quando partem para alguma viagem, ou quando percebem um comportamento resultante de estress.

Keith Thomas coloca que alguns animais ganharam mais estima que outros durante a história da humanidade. Baseado na experiência da Inglaterra, que é seu objeto de estudo na obra “**O homem e o mundo natural**”, o primeiro animal a subir na escala da estima na sociedade inglesa do século XVI foi o cavalo, depois os cães e por último os gatos. Apesar de não ser o primeiro a mudar de posição social, os cães acabaram por assumir um posto mais alto na consideração da alta sociedade. Mas nesse sentido, tanto na Inglaterra descrita por Thomas, quanto pelo que observamos hoje em dia na sociedade ocidental, não são as espécies que se tornam privilegiadas. Quando falamos de nível 1 de sensibilidade, as

¹²⁶ Folha de São Paulo folha cotidiano página 5 “**Hotéis pra cachorro tem fila de espera**” 28 de dezembro de 2011.

¹²⁷ THOMAS, op. cit. 2010.

pessoas que se encontram nesse patamar, demonstram sensibilidade por indivíduos específicos, e não pela espécie como um todo.

Thomas demonstra isso claramente em seu estudo, e apesar de estar se referindo aos séculos XVI, XVII e XVIII, atualmente no Brasil percebemos atitudes semelhantes. No início da sessão que fala sobre as espécies privilegiadas, o autor coloca o seguinte:

Certos animais prediletos permaneceram, porém, próximos à sociedade humana e talvez tenham até se tornado mais íntimos dessa. O primeiro deles foi o cavalo. É verdade que a Inglaterra proverbialmente era um inferno para os cavalos, e que muitos desses animais eram literalmente cavalgados até a morte.¹²⁸

Mais a frente, entretanto, demonstra as condições que colocavam o animal em outro patamar de consideração:

Não obstante, enquanto o cavalo contribuisse para a autoestima de seu proprietário, seria altamente valorizado. Com frequência, a sua manutenção era uma carga maior para o dono do que os salários dos empregados humanos. O cavalo, dizia Edward Topsell, era o “mais nobre e necessário” dos quadrúpedes, Louvado por suas qualidades aristocráticas de coragem e “generosidade”, merecia muitos atributos semi-humanos.¹²⁹

Nesse sentido, a hierarquização do sentimento para com os animais não humanos não se restringe a questão das espécies em si, mas dentro da própria espécie as atitudes são diferenciadas. É o exemplo de quando vemos o proprietário de uma fazenda que possui um cavalo de estimação e o trata melhor do que seus funcionários. Porém, o mesmo proprietário tem mais 10 cavalos utilizados no trabalho do campo e não se sensibiliza com as condições destes. Ou tutores de animais de raça, como cães e gatos, que não apresentam nenhum tipo de sensibilização com animais de rua. Esses exemplos podem não maltratar animais de maneira direta, e em certa medida, até apresentar uma indignação caso saibam de algum caso

¹²⁸ THOMAS, *op.cit.*, p. 140.

¹²⁹ *Idem*, p. 142.

de maus tratos, entretanto, não se mobilizam de maneira alguma em favor desses seres que não estão sob sua tutela e não são alvo de sua estima.

Sobre essa questão, uma reportagem da Folha de São Paulo de 1983 nos dá uma visão de como esse comportamento acontece. Em matéria intitulada “Em defesa da vida dos animais”¹³⁰ o colunista Sergio Augusto fala sobre um casal de idosos que recolhia animais de rua em seu quintal. O casal contava com mais de 480 cães e 250 gatos, e viviam de maneira precária, sem recursos, sofrendo represálias de vizinhos e pessoas de má-fé que passavam pelo local. Sergio Augusto é o exemplo de alguém dentro do nível 1 de sensibilidade já na década de 1980. Ele se indigna com a violência sofrida pelo casal, se solidariza com os animais, mas nada faz para mudar a situação além de escrever uma coluna no jornal.

Não há por onde escapar: se desprezá-los é uma manifestação inequívoca de inconsciência ecológica, maltratá-los é uma cabal demonstração de crueldade e covardia. E há crueldades visíveis e invisíveis. (...) Se todos nós “gourmets” e glutões, tivéssemos um mínimo de caráter, jamais aceitaríamos, por exemplo, uma vitela legítima, já que para obter tão deliciosa iguaria no ponto ideal os criadores submetem suas novilhas a tormentos só comparáveis ao regime de engorda imposto ao super-frango Chester. Aliás, se tivéssemos caráter – e apreço pela saúde, a nossa e a do reino animal –, seríamos todos vegetarianos, como os longevos Bernard Shaw, Gloria Swanson e Isaac Singer.¹³¹

Ou seja, a consciência do que se poderia fazer em favor dos animais já existia, porém não era colocada em prática. Essa é uma das maneiras pelas quais a hierarquização das espécies privilegiadas acontece. É como se a pessoa estivesse dizendo: “Nos solidarizamos com os animais de estimação, e sabemos que o mais ético seria não consumir produtos de origem animal, mas não mudamos nossos hábitos”. Hoje em dia o que as pessoas que optam por um estilo de vida vegetariano/vegano escutam quando falam sobre sua mudança de hábito é justamente esse tipo de assertiva: “gostaria muito de parar de consumir carne, mas não consigo”; “acho a causa extremamente válida, mas gosto muito de carne”;

¹³⁰ **Folha de São Paulo.** “Em defesa da vida dos animais”. 10 de julho de 1983.

¹³¹ *Idem.*

“se eu tivesse um pouco mais de força de vontade eu pararia de comer carne, mas é muito difícil pra mim”, entre outras muito parecidas com o que Sergio Augusto coloca em sua matéria “se tivéssemos caráter, todos seríamos vegetarianos”.

3.1.2 Guarda responsável:

Guarda Responsável: É a condição na qual o guardião de um animal de companhia aceita e se compromete a assumir uma série de deveres centrados no atendimento das necessidades físicas, psicológicas e ambientais de seu animal, assim como prevenir os riscos (potencial de agressão, transmissão de doenças ou danos a terceiros) que seu animal possa causar à comunidade ou ao ambiente, como interpretado pela legislação vigente.¹³²

Segundo Luciano Rocha Santana em seu artigo “**Guarda Responsável e Dignidade dos Animais**”, esse conceito apresentado no início da sessão é considerado o conceito científico de “guarda responsável”. Dentro do âmbito legal, como colocado no início desse capítulo, ainda não existe um texto de lei federal que conceitue e controle a questão da guarda responsável de animais de estimação, mas o debate tem aumentado e demonstrado alguns avanços nesse sentido.

Quando percebemos, como já colocado anteriormente, que os tutores de animais de estimação passam a se preocupar com o bem-estar de seus animais, e isso se reflete em um aumento de casas especializadas em atendê-los (PetShops), hotéis responsáveis por cuidar de seus animais quando estes não podem levá-los junto em viagem, consultórios veterinários com horários lotados, entre outros aspectos, conseguimos observar a efetividade do discurso da guarda responsável.

Todo final de ano é possível observar campanhas que visam diminuir o abandono de animais durante as férias de verão, como essa de 2015 promovida pela prefeitura de Blumenau:

¹³²SOUZA, Mariângela Freitas de Almeida. *Apud.* OLIVEIRA, Thiago Pires; SANTANA, Luciano Rocha. **Guarda responsável e dignidade dos animais.** Acervo do site Abolicionismo animal. Disponível em: <<http://www.abolicionismoanimal.org.br/artigos/guardaresponsaveledignidadedoanimais.pdf>> Acesso em: 17 de jul. 2017.

Figura 7 - Campanha contra abandono de animais da Prefeitura Municipal de Blumenau/SC.



Fonte: <http://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/secretaria-de-saude/semus/diretoria-do-bem-estar-animal-inicia-campanha-contra-o-abandono-84>.

Ou esta da Prefeitura de Porto Alegre de 2012:

Figura 8 - Campanha contra abandono de animais da Prefeitura Municipal de Porto Alegre/RS.



**PROCURA-SE
CASAL DE DONOS**

Ele responde pelo nome de Tomás.
Ela atende pelo nome de Clara.

Vistos pela última vez em nossa casa da praia. Os dois arrumaram as malas. Ela veio me fazer carinho e me amarrou ao portão. Ele ligou o carro. Ela entrou com ele e foi embora. Esperei dias até eles voltarem, e até hoje nada. Só pude sair quando um vizinho me soltou.

Por favor, eu acho que eles são muito apegados a mim. Se você tiver notícias, entre em contato.

tobi.procura@gmail.com

**ANIMAIS TAMBÉM SENTEM.
DIGA NÃO AO ABANDONO.
ADOTE COM CONSCIÊNCIA.**



Fonte:

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/seda/default.php?reg=272&p_secao=32

Em certa medida, podemos analisar a efetividade dessas campanhas no aumento do número de hotéis específicos para animais, de hotéis que aceitam animais junto com seus tutores, do surgimento de sites como o DogHero¹³³, etc.

¹³³ DogHero é um site para que tutores de cães encontrem “anfitriões” para seus animais durante suas viagens. É um serviço de parceria, a pessoa que quer ser anfitriã se cadastra no site, é feita uma avaliação, depois de aceita, seu perfil fica

Em 2011 a Prefeitura Municipal de Curitiba promoveu uma campanha mais específica sobre guarda responsável sob o tema “Animal de estimação não é brinquedo”, visando conscientizar a população acerca do problema:

A primeira fase da campanha irá até dia 7 de novembro. “É importante que a população tenha consciência da importância da guarda responsável de animais. Quem se dispõem a ter um animal de estimação tem que zelar pelo seu bem estar” afirma a chefe da Divisão de Monitoramento e de Proteção Animal da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Vivien Midori.¹³⁴

A operacionalização da campanha foi através de cartazes espalhados pelos pontos de ônibus da cidade:

disponível para que tutores a contrate como anfitriã de seu cão. A pessoa recebe o animal em casa e fica responsável por ele até o tutor voltar de viagem. Link de acesso para o site <<https://www.doghero.com.br/>> . Acesso em 03 out. 2017.

¹³⁴ Publicada no site da Prefeitura Municipal de Curitiba sob o título “Campanha destaca a guarda responsável de animais”. Disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/campanha-destaca-a-guarda-responsavel-de-animais/24686>>. Acesso em 03 out. 2017.

Figura 9 - Campanha para guarda responsável Prefeitura Municipal de Curitiba/PR.



Fonte: <http://www.curitiba.pr.gov.br/fotos/album-campanha-destaca-a-guarda-responsavel-de-animais/14414>.

Nesse sentido, ainda a exemplo das campanhas de prefeituras municipais, ONGs de proteção animal, Universidades Estaduais e Federais, entre outras entidades, lançam as suas em nome da guarda responsável de animais.

Em 2005 o jornal Folha de São Paulo publicou uma matéria sobre a campanha promovida pela USP (Universidade de São Paulo) contra o abandono de animais no Campus da Universidade:

O outdoor da campanha tem a foto de um cachorro com o slogan “nem todo mundo que entra na USP tem um futuro brilhante”. A ideia é estimular o debate sobre o assunto e fazer com que as pessoas denunciem casos de abandono e maus-tratos de animais no local. Além disso, a campanha irá

promover a adoção de 50 animais que, atualmente, estão alojados em um ambulatório veterinário dentro da prefeitura da Cidade Universitária, no campus do Butantã (zona oeste).¹³⁵

Este ano, o Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo também lançou uma campanha em favor da guarda responsável de animais intitulada “Quando a gente gosta, é claro que a gente cuida”. O site da Agência Nacional de Direitos Animais (ANDA) divulgou a ação através de sua página:

O Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo criou uma campanha para conscientizar a população da guarda responsável de animais domésticos e as consequências do abandono de cães e gatos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, estima-se que existam mais de 30 milhões de animais em situação de abandono no Brasil. Nas ruas, cães e gatos perdidos ou intencionalmente abandonados por seus tutores estão a mercê de doenças e maus-tratos. (...) Segundo a médica veterinária Dra. Vânia de Fátima Plaza Nunes, presidente da Comissão de Médicos veterinários de ONGs do CRMV-SP, um dos primeiros passos antes de adotar um animal é avaliar bem a decisão e estar ciente dos cuidados necessários com o cão ou o gato.¹³⁶

A informação de que existem mais de 30 milhões de animais abandonados no Brasil é preocupante e demonstra que, apesar das campanhas, e uma visível mudança de ações em relação aos animais de estimação, ainda é necessário que muito seja feito para mudar o quadro de abandono no país. O fato de existirem inúmeras campanhas de conscientização, e o uso do termo “guarda responsável” estar se tornando mais comum demonstra uma via de mão dupla, como a maioria dos casos presentes nesse trabalho: ainda existem muitos animais abandonados que precisam de ações de políticas públicas para obterem melhores condições

¹³⁵ **Folha de São Paulo**, 22 de outubro de 2005.

¹³⁶ Site da ANDA. Disponível em <<https://www.anda.jor.br/2017/02/crmv-sp-lanca-campanha-sobre-guarda-responsavel-de-animais/>>. Acesso em 03 out. 2017.

de vida, o que demonstra a grande presença do nível 0 de sensibilidade na sociedade; em contrapartida, as ações que já estão sendo realizadas, e o gradual aumento de consciência da população demonstra que o nível 1 de sensibilidade vem se fortalecendo e ganhando espaço de importância no país.

3.2 ABATE HUMANITÁRIO:

Art. 112. Só é permitido o abate de animais com o emprego de métodos humanitários, utilizando-se de prévia insensibilização, baseada em princípios científicos, seguida de imediata sangria.

§ 1º Os métodos empregados para cada espécie animal serão estabelecidos em normas complementares.

§ 2º É facultado o abate de animais de acordo com preceitos religiosos, desde que seus produtos sejam destinados total ou parcialmente ao consumo por comunidade religiosa que os requeira ou ao comércio internacional com países que façam essa exigência.¹³⁷

O trecho acima é referente a um novo decreto que passou a vigorar em março de 2017. É uma regulamentação das Leis nº 1.283 de 18 de dezembro de 1950 e nº 7.889 de 23 de novembro de 1989. Essas leis dispõem sobre a inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal. Já havia um decreto de 1997 que tratava das mesmas questões (nº 2.244 de 4 de julho de 1997), revogado por esse novo, que na realidade não modifica o que se diz sobre “abate humanitário”, somente acrescenta inúmeros outros cuidados de higiene e manuseio de produtos advindos de matéria-prima animal.

O termo “abate humanitário” por si só é controverso e suscita inúmeros debates. Neste trabalho ele se apresenta como uma pequena mudança de sensibilidade, porém, sabemos que a medida, em grande parte, é apenas uma maneira de amenizar as críticas ao abate cruel de animais criados para o consumo, associado à manutenção dos lucros dos produtores, visto que, como coloca Juliana Vergueiro Dias:

¹³⁷ **Decreto nº 9.013**, de 29 de março de 2017.

Esse novo método veio aprimorar todas as soluções que a indústria da carne encontrou para os dilemas decorrentes de sua produção. É assim resultado justamente de exigências mercadológicas, econômicas, estéticas, sanitárias e – aspecto complexo que deverá ser problematizado – éticas do abate.¹³⁸

É uma solução mercadológica no sentido de que animais que sofrem antes ou durante o abate apresentam hematomas no produto carne advindo, além dos hormônios que são liberados pelo organismo animal em momentos de estresse serem responsáveis por deixar a carne mais dura e de menor qualidade. É também mercadológica no sentido de ser uma resposta à demanda de alguns países europeus que não aceitam importação de produtos de origem animal que tenham sido submetidos a maus tratos. Além disso, existe a ressalva para produtos que são destinados ao consumo de comunidades religiosas que exigem um abate comum, denominado “jugulação cruenta”¹³⁹.

A definição de “humanitário”, segundo o dicionário Aurélio, é “1. Filantropo; 2. Relativo à humanidade; 3. Dotado de bons sentimentos; 4. Conducente ao bem geral da humanidade; bondoso; benfazejo; filantrópico”¹⁴⁰. Associar o termo “humanitário” ao termo “abate”, considerando a questão mercadológica já explicitada chega a parecer sarcasmo. Porém, o uso de “humanitário” denota que o ser humano está sendo bondoso e filantrópico com os animais não humanos na hora de sua morte para se tornar produto.

Para o senso comum, e para a mudança de sensibilidade em relação aos animais, é um pequeno avanço que já pode ser considerado um primeiro nível de empatia, mesmo considerando toda a questão econômica que a prática envolve.

Cada espécie de animal de abate conta com uma técnica de insensibilização específica. Para esse trabalho, utilizei o exemplo da insensibilização de bovinos, De acordo com o Manual Abate Humanitário de Bovinos produzido em 2012 pelos membros brasileiros de um grupo

¹³⁸ DIAS, Juliana Vergueiro. *op. cit.* P 57.

¹³⁹ É quando o animal, amarrado por suas patas traseiras, é abatido com uma rápida incisão de faca no pescoço e só é retirado dessa posição após todo sangue ter esvaído de seu corpo.

¹⁴⁰ **Dicionário Aurélio Online.** Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/humanitario>>. Acesso em: 22 set. 2017.

internacional de proteção aos animais chamado WSPA¹⁴¹, hoje a técnica que deve ser utilizada para que o abate desses animais seja considerado humanitário é a “insensibilização por dardo cativo”, que funciona da seguinte maneira:

Os equipamentos de dardo cativo têm como finalidade causar perda imediata da consciência, provocando a inconsciência do bovino sem que haja transdução do estímulo da dor, o qual é obtido em torno de 150 – 200 milésimos de segundo. A força causada pelo impacto do dardo contra o crânio do animal produzirá concussão cerebral o que o torna inconsciente em aproximadamente dois milésimos de segundo, assegurando que o mesmo não sinta dor. Desse modo, não há tempo suficiente para que o estímulo da dor seja traduzido, o que assegura a insensibilização imediata do bovino sem indício de dor.¹⁴²

Podemos ver como a insensibilização acontece por essa imagem:

Figura 10 - Insensibilização por dardo cativo



Fonte: <http://carnenossa.blogspot.com.br/2010/11/insensibilizacao.html>

¹⁴¹ Sigla em inglês para *World Society for the Protection of Animals*.

¹⁴² LUDTKE [et al], 2012, p. 75, apud manual do abate humanitário.

Como toda a questão do “abate humanitário”, esse manual também se apresenta contraditório e irônico, visto que foi elaborado por uma organização que se diz “protetora dos animais”. É claro que o debate nesse sentido é bem mais complexo, visto que nem mesmo as organizações de proteção animal conseguem dar conta de acabar com a exploração dentro de seu próprio ambiente. É muito mais comum encontrar “protetores de animais” que consomem produtos de origem animal, do que vegetarianos ou veganos. E essa foi uma das constatações que me permitiu dividir a sensibilidade para com animais não humanos em níveis. O “abate humanitário” funciona para o senso comum e para pessoas que trabalham com proteção e resgate animal como um “alívio” na consciência. Saber que existe uma lei que funciona como “garantia” de cuidados, bem-estar e morte digna para os animais de consumo, mantém essas pessoas com a consciência tranquila para continuar seus hábitos de consumo sem o sentimento de culpa.

Em comentários de um vídeo na internet que mostra de forma direta como a insensibilização de bovinos é feita antes do abate, podemos observar claramente as afirmações supracitadas:

Figura 11 - Comentários retirados do site Youtube.

 [Redacted] 3 meses atrás
muito melhor assim que eles nem sente dor e rápida e morte deles♥️👍

Responder · 73 👍👎
[Ver todas as 21 respostas](#) ▾

 [Redacted] 1 semana atrás
Pamela e beto o melhor é não comer carne.

Responder · 1 👍👎

 [Redacted] 3 meses atrás
Um monte de idiotas e hipócritas vem aqui xingar e dizer que isso é crueldade, na natureza é bem pior, no frigorífico pelo menos o animal está morrendo sem agonizar, já na selva um herbívoro é comido vivo por hienas ou leões.

Responder · 41 👍👎
[Ver todas as 23 respostas](#) ▾

 [Redacted] 1 semana atrás
Anajú Miranda é verdade. 🍌🍌🍌🍌

Responder · 👍👎

 [Redacted] 3 meses atrás
BEM ESTAR DO ANIMAL KKKKKKKK O BICHO INDO MORRE BEM ESTAR DA ONDE 🤔🤔

Responder · 151 👍👎
[Ver todas as 17 respostas](#) ▾



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=FO_Jn6K0plk .

É interessante notar os posicionamentos, alguns argumentam que o fato de matar animais é cruel mesmo que com insensibilização, porém logo abaixo já aparece uma pessoa argumentando que na hora do consumo não se abandona a ingestão de carnes.

Figura 12 - Comentários retirados do site Youtube.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=FO_Jn6K0plk .

O argumento de que na natureza as coisas são bem piores também é constante quando o assunto é bem-estar animal. Dar o exemplo de que um leão na selva dilacera sua presa, ou de que “ninguém fala para um leão ser vegetariano” são muito comuns quando se trata de defender o consumo de produtos de origem animal. A comparação é desleal e em certa medida até infantil, visto que a capacidade cognitiva do animal humano permite que o assunto seja estudado e debatido no âmbito da ética, da sensibilidade, da nutrição, da história, etc. E que não existe

comparação possível com animais selvagens na natureza devido ao avanço das faculdades mentais humanas, que permite que o animal humano seja considerado o único ser racional da natureza.

O “abate humanitário” então, surge como mais um paliativo no processo de abolição animal, que apesar de apresentar, como já colocado, caráter mercadológico em sua essência, pode ser visto como um mínimo avanço na questão da sensibilidade para com os seres não humanos. A mudança ocorre a passos muito lentos, e a existência de uma lei que garante direitos mínimos de bem-estar para animais não humanos de abate deve ser vista como um processo que não pode parar por aí. A dúvida que se mantém é se os órgãos responsáveis pela fiscalização desse abate garantem que a lei seja cumprida.

3.3 DIVERSÃO DUVIDOSA: RODEIOS E CIRCOS

Para finalizar esse capítulo serão abordados dois tipos de entretenimento que se utilizam de animais não humanos como personagens principais do espetáculo: rodeios country e circos.

Há alguns anos que os circos vêm retirando animais de seus espetáculos, porém em alguns lugares do país a prática ainda persiste e conta com defensores que garantem que os animais não são sofrem antes, durante nem depois do espetáculo. O treinamento de animais não humanos para apresentações artísticas tem gerado inúmeros debates a respeito de ética e maus tratos. Desde animais de circo treinados para subir em banquinhos, passar por argolas de ferro ou carregar bonecas e outros objetos pelo picadeiro, até cães treinados para andar sob as patas traseiras, dançar, rolar, fingir de morto, passando por cacatuas que andam de bicicleta, etc. Pessoas engajadas na libertação animal argumentam que esse tipo de prática, por mais que não envolva sofrimento (apesar de na maioria dos casos, envolver) não é aceitável por expor os animais não humanos a situações desnecessárias para única e exclusiva diversão humana. Os adeptos argumentam que os animais são mais bem tratados que humanos, o que se mostra uma falácia ao se observar o montante de notícias que aparecem provando o contrário.

No Brasil, não existe uma lei federal que proíba o uso de animais em circos, mas muitas cidades e alguns estados já possuem leis locais com essa proibição. Os rodeios e vaquejadas, por sua vez, são legalizados em todo o território nacional, e ganharam a categoria de “Patrimônio Cultural Imemorial do Brasil”, em lei sancionada no dia 29 de novembro

de 2016¹⁴³, repercutindo a ideia de que os animais são muito bem tratados e não sofrem nenhum tipo de dano físico aparente, apesar das inúmeras manifestações contrárias.

3.3.1 Circos:

A história do circo no Brasil remonta à época colonial, quando logo após o descobrimento, eram enviados para a colônia portuguesa indivíduos considerados marginalizados em Portugal¹⁴⁴. Entre esses indivíduos estavam os chamados “saltimbancos”, artistas nômades que apresentavam habilidades das mais diversas, entre elas acrobacias, teatros improvisados, doma de animais e habilidades físicas fora do comum. O circo sempre esteve ligado a cultura cigana, como coloca Luiz Nepomuceno, “todo saltimbanco era cigano, porém nem todo cigano era saltimbanco”¹⁴⁵, o que explica a presença frequente de animais nos espetáculos, visto que os ciganos eram reconhecidos pela sua grande facilidade em domá-los e treiná-los. No início, os animais mais utilizados eram os cavalos, a partir do século XIX, circos europeus contando com elefantes, leões e outros animais desembarcaram no país para inaugurar a tradição circense como conhecemos hoje.

Quando colocamos na barra de buscas do maior site de vídeos do mundo, o Youtube, as palavras-chave “animais em circos” quase todos os vídeos que aparecem, se não todos, são reportagens, vídeos amadores ou documentários sobre a realidade dos animais usados em espetáculos circenses da atualidade¹⁴⁶. Os vídeos chocam pela frieza e crueldade com que os animais são tratados desde filhotes para que aprendam os truques apresentados no picadeiro. E tão logo ficam velhos ou doentes demais para continuar, são descartados ou mortos.

A precariedade das condições de vida desses animais também são foco de reportagens sobre o circo. A partir da década de 1990 algumas notícias chamam a atenção no jornal Folha de São Paulo. Em 1993, um hipopótamo é retirado de um circo que se apresentava em Campinas

¹⁴³ Lei Nº 13.364 de 29 de novembro de 2016.

¹⁴⁴ NEPOMUCENO, Luiz. Vai, Vai, Vai Começar a Brincadeira: em meios a uma gargalhada tradicional, algumas notas históricas do desenvolvimento do circo no Brasil (Notas prévias de pesquisa). **Revista Inter-Legere**, UFRN, nº5, 2014..

¹⁴⁵ Idem

¹⁴⁶ Link da busca:

<https://www.youtube.com/results?search_query=animais+em+circos> Acesso em 4 out. 2017.

depois de uma denúncia de que o espaço em que o animal era obrigado a viver era pequeno demais para ele.

O diretor do zoológico de Americana, João Carlos Tancredi, 42, que fica como fiel depositário do hipopótamo, disse que o tanque que fica na carreta que transporta o animal é menor do que 50 m² e tem menos de 2 m de profundidade, espaço considerado mínimo para o hipopótamo. O animal tem um ano e dois meses e pesa uma tonelada.¹⁴⁷

Em 1995 um circo instalado na cidade de Mauá foi denunciado pelos mesmos motivos. O subtítulo da manchete diz: “Falta de espaço e de limpeza nas jaulas dos animais são acusações contra o circo Lins; dono nega”. O texto da notícia traz mais detalhes:

O circo Lins, que está instalado desde a última sexta-feira na rua Presidente João Café Filho, em Mauá, foi acusado ontem de maus-tratos aos quatro leões que são utilizados nos espetáculos. (...) A acusação de maus-tratos baseia-se no segundo parágrafo do Artigo 3º do decreto federal 26.645 de 10 de julho de 1934, que fala sobre a manutenção de animais em locais anti-higiênicos. Segundo o proprietário do circo, o local estava há três dias sem água. Ontem, as jaulas dos leões estavam sujas e os leões quase deitavam sobre suas próprias fezes. A denúncia, segundo Celina, partiu de telefonemas anônimos, provavelmente de moradores da região. “Não temos nada contra o pessoal do circo. São muito educados. Mas os leões estão sendo mal tratados”, disse uma moradora que não quis se identificar. Outra moradora disse que os leões urraram a noite inteira de segunda para terça-feira. “Parecia que estavam chorando. Acho que estavam com fome”.¹⁴⁸

Com o passar dos anos, as denúncias que vão surgindo trazem mais informações sobre as condições desses animais, suas rotinas de

¹⁴⁷ **Folha de São Paulo**, 25 de dezembro de 1993.

¹⁴⁸ **Folha de São Paulo**, 10 de fevereiro de 1995.

treinamento e problemas encontrados no cotidiano do circo. Em 2000, uma reportagem em especial chama a atenção por trazer com detalhes como cada animal era treinado:

Se, por um lado, os circenses afirmam que os animais não sofrem maus-tratos, por outro, as entidades protetoras de animais fazem denúncias de que os bichos aprendem os números sob tortura. Um exemplo citado por Jorge Luiz Medeiros, da Sociedade União Internacional Protetora dos Animais (SUIPA), é o treinamento de ursos e elefantes para dançar. “Eles colocam o animal sobre uma chapa de metal quente e põem a música. Depois de repetir o treinamento várias vezes, o animal se movimenta sempre que ouve a música”. Para evitar acidentes durante o treinamento de felinos, segundo Sonia Fonseca, presidente do Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal, os domadores retiram do animal as falanges, onde ficam as garras. As presas também costumam ser extraídas ou serradas, segundo ela. “Já encontramos até macacos totalmente sem dentes, para que pudessem ser fotografados por crianças sem oferecer riscos”, afirmou. (...) Em suas andanças pelos circos, Celina diz ter visto um elefante com as orelhas machucadas. “O treinador punha anzóis nas orelhas do animal e puxava-os toda vez que o elefante não obedecia. Se o público conhecesse os bastidores, jamais assistiria a espetáculos com animais”.¹⁴⁹

É interessante notar o início e o final do trecho extraído. A primeira frase “os circenses afirmam que os animais não sofrem maus-tratos” demonstra exatamente o que essa seção aborda. Existe a crença de que essas atitudes não são graves, que os animais são alimentados, tem abrigo, e um certo acompanhamento, além de não estarem sujeitos a morte (até porque isso causaria um prejuízo). A última frase dita pela defensora dos animais, demonstra o porquê a atividade entra no nível 1 de sensibilidade, pois por mais que se acredite em um suposto bem-estar, eles estão sim sendo explorados e maltratados para um fim econômico.

¹⁴⁹ **Folha de São Paulo**, 15 de abril de 2000.

A partir das denúncias, a vida do animal ainda se torna incerta, pois, como o exemplo do caso do hipopótamo, o zoológico não tinha interesse em permanecer com o animal por apresentar um custo alto de manutenção. A retirada dos animais selvagens da natureza para divertimento humano acaba por desenvolver um círculo vicioso de problemas. Colocar o animal de volta em seu habitat natural não entra em questão pois, criado em cativeiro desde muito filhotes, não conseguem se adaptar novamente, não desenvolveram técnicas de sobrevivência contra predadores nem técnicas de procura de alimentos. Mantê-los no lugar de seu cativeiro é compactuar com os maus-tratos e exploração, por mais que se apliquem multas e se exija um “tratamento digno”, eles continuaram sendo utilizados com única e exclusiva finalidade de divertir animais não humanos, além de não existir uma maneira de manter uma fiscalização em tempo integral para garantir que não continuarão sendo vítimas de maus-tratos. Levá-los para zoológicos ou parques também não se torna uma alternativa viável para o abolicionismo animal, pois esses animais continuarão confinados, em celas muito menores do que o ideal para as espécies, além de continuarem sendo fonte de exploração monetária de donos de zoológico ou do próprio Estado. Hoje, está crescendo uma modalidade de ação que visa resgatar e dar um destino minimamente digno a animais retirados dessas condições. O ideal seria que nunca tivessem sido retirados de seu habitat, porém quando o mal já está feito, a solução mais indicada quando pensamos em abolicionismo animal, é a transferência desses seres para santuários¹⁵⁰.

Em contrapartida, algumas notícias demonstram a dificuldade que os circos têm enfrentado para se manter sem os animais. Os proprietários

¹⁵⁰ “Santuários de animais são locais seguros onde são abrigados e tratados (física e psicologicamente) animais de diversas espécies resgatados da exploração e que por alguma razão, não podem ser reintroduzidos a natureza. São verdadeiros refúgios onde os animais vivem para suas próprias razões pelo resto de suas vidas. Nos santuários os animais não são utilizados para nenhum fim, seja tração, alimentação ou entretenimento. Diferente de zoológicos e criadores, santuários não vendem, procriam (já que não estão livres no habitat natural), treinam ou expõem os animais ao público. Em santuários os animais não são tratados como exemplares ou propriedade, mas como sujeitos tutelados. São mantidos em condições mais próximas do natural possível (contato com a natureza, vida social...), e tem por objetivo defender e proteger indivíduos, seus direitos básicos, interesses individuais e especificidades da espécie.” Definição retirada do site da ULA (União Libertária Animal). Disponível em <<http://www.uniaolibertariaanimal.com/site/index.php/o-que-e-o-que-e/santuário.html>> . Acesso em 04 out. 2017.

argumentam que uma grande parte do público dos circos não comparece mais por conta das mudanças que impedem que sejam utilizados animais nos espetáculos. A BBC Brasil publicou uma reportagem em fevereiro de 2017 intitulada “A luta dos circos brasileiros pela sobrevivência”, que começa assim:

Começa o segundo ato e a alegria presente até ali com as apresentações de malabares, equilibristas, palhaço e globo da morte agora se transforma em euforia: a criançada invade a área VIP do circo e até mesmo o palco, obrigando pais e funcionários a promover uma “caçada” aos pequenos. O que provoca todo esse frisson não é nenhuma das clássicas apresentações circenses, mas sim os palhaços Patati Patatá, atração da televisão que tomou conta do picadeiro do circo Stankowich. **Um sinal dos tempos de disputa de atenção com a internet, inaugurados pela lei que proibiu a apresentação de animais nos espetáculos.** [grifo meu]¹⁵¹

Adiante, a fala do proprietário do circo:

O ânimo dos pequenos contrasta com a preocupação do dono, que busca se adaptar e sobreviver a essa nova era. "Me dói ver o circo assim e sem os bichos, mas é isso, não tem outro jeito", diz Marlon Stankowich, administrador que representa a sexta geração da família circense considerada a mais antiga em atividade no país, com 161 anos de estrada. É possível que o circo nunca tenha tido que se renovar tanto desde 1856, quando o patriarca romeno Pedro Stankowich chegou ao país.¹⁵²

As mudanças na mentalidade da população, as novas sensibilidades que vem se apresentando em relação aos animais não humanos, as mudanças nos hábitos de diversão, advento das redes sociais e evolução das tecnologias, trouxeram uma nova era para o

¹⁵¹ **BBC.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39013676>> Acesso em: 22 set. 2017.

¹⁵² *Idem.*

entretenimento como um todo. As práticas de entretenimento fora de casa precisam aprender a competir com tablets, celulares, televisão, computadores, em que a “diversão” está na ponta dos dedos. Como coloca Mario Bolgnesi, professor de artes cênicas da UNESP (Universidade Estadual Paulista), especializado em circos, na mesma reportagem:

Bolgnesi destaca que os problemas [do circo] envolvem não somente a restrição ao uso dos animais, mas o lugar dele na atualidade, em tempos de concorrência com TV, internet e outros. "Os modelos de espetáculo ainda estão parados nos anos 70, seguem o ritmo do rock e do pop. O circo precisa encontrar novos ritmos."¹⁵³

Os circos, como tantas outras atividades, passaram e passam por momentos de adaptação. A renovação de práticas tradicionais é sempre um processo complicado, e encontra inúmeros percalços pelo caminho. A cultura não é estática, assim como as estruturas sociais que regem uma determinada sociedade, e a adaptação a novas maneiras de pensar não pode ser vista como um problema, mas como uma maneira de se avançar na direção de práticas mais éticas e com menos impacto tanto ao meio ambiente, como à seres vivos de todas as espécies.

3.3.2 Rodeios:

Segundo Rhodes Serra, em sua contribuição para o **Atlas do Esporte no Brasil** (2006), o rodeio surgiu na Espanha, sem apresentar uma data definida, e foi inserido na cultura norte-americana no século XIX¹⁵⁴. Ainda segundo Rhodes:

No Brasil, o rodeio é um sincretismo do esporte importado dos EUA, na década de 1950. Esta última versão do rodeio que hoje convive com a vaquejada - um jogo tradicional praticado desde o século XVI em todo o país - consiste em montar touros e cavalos não domados, com o cavaleiro permanecendo no mínimo oito segundos na montaria segurando apenas com uma das

¹⁵³ Idem

¹⁵⁴ SERRA, Rhodes. Rodeio. In: DACOSTA, Lamartine (ORG.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

mãos, e se apoiando em uma corda, presa ao animal.¹⁵⁵

Nesse sentido, foi na década de 1950 que o rodeio country se instalou no país, e a primeira festa em grandes proporções aconteceu na cidade de Barretos, interior de São Paulo, sendo iniciada por um grupo denominado “Os Independentes”¹⁵⁶, e acontecendo ininterruptamente todos os anos desde 1956. Sendo assim, a prática do rodeio country, o mais popular no país, é relativamente recente, e de alguns anos para cá, vem sendo alvo de críticas e ações contrárias por ser considerada pelos ativistas da causa animal uma prática cruel, que infringe maus-tratos e exploração desnecessária de animais não humanos para único e exclusivo fim de entretenimento.

O rodeio country se caracteriza, principalmente, por uma prova em que os peões tem como objetivo permanecer montados em um boi durante 8 segundos, tendo um aparato amarrado na virilha do animal, chamado sedém, que faz com que ele pule, dificultando a permanência do competidor em sua montaria. Uma das mãos segura uma corda amarrada no animal, a outra deve ser mantida para cima.

Por outro lado, como acontece com os circos, os adeptos da prática justificam que os animais não sofrem, que o aparato amarrado na virilha não machuca, que são extremamente bem tratados, com médico veterinário 24 horas, comida balanceada, etc. Uma das personalidades que vem se destacando nessa defesa é o locutor de rodeio e agropecuarista Cuiabanno Lima. Na página da Folha de São Paulo, uma matéria sobre a polêmica que o locutor está criando com seu discurso, destaca alguma de suas falas:

Quem critica rodeio não conhece os animais, que foram feitos para serem usados pelo homem. Quem fala de danos à sanidade física e mental dos touros não pode nunca ir num abate de frigorífico, porque vai ter um infarto. Isso tudo é preconceito dos

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ GONÇALVES, Andrea Fermino. **A festa do peão boiadeiro de Barretos/SP como espaço de encontro de culturas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2013, 136 p.

grandes centros urbanos contra os homens do campo.¹⁵⁷

A fala de Cuiabano é extremamente problemática, porque mais adiante, e como o título da matéria já nos diz (Locutor ganha fama pelo país com defesa de rodeio e desmatamento), ele defende, além da prática do rodeio e da pecuária extensiva, o desmatamento, argumentando que ainda tem muita floresta que precisa ser desmatada. Em entrevista ao apresentador Fabio Porchat, que foi ao ar em agosto de 2017 pela Rede Record de Televisão, o locutor coloca que existem os maus e os bons profissionais em todas as áreas, e que hoje em dia não se maltrata mais os animais, e acaba por confessar que antes se maltratava. Fala ainda, novamente, que os animais foram criados para servir o homem. Ao ser questionado pelo apresentador se ele acredita mesmo que o animal não sofre durante as apresentações ele coloca: “não sofre, trabalha 8 segundos por dia, tem veterinário 24 horas, alimentação balanceada com nutricionista”¹⁵⁸.

Além disso, existe um apelo cultural ao sentimento de pertença de regiões em que a prática acabou por se tornar atividade tradicional. Existem alguns trabalhos acadêmicos que abordam o tema por esse viés como a dissertação de Andréa Fermino Gonçalves defendida em 2013. Sob o título **“A festa do peão boiadeiro de Barretos/SP como espaço de encontro de culturas”**¹⁵⁹, a autora tem como objetivo demonstrar como o rodeio country se apresenta na cidade, e até que ponto ele se configura como um espaço de manutenção da cultura dita “de raiz”, ou como um misto de culturas globalizadas, fazendo um paralelo com a cultura “country estadunidense”. Outro trabalho que parte para essa categoria de análise é o de Maria Carolina de Miranda Simões, intitulado **“Desenvolvimento local da cidade de Cassilândia: a festa do peão de boiadeiro e a construção da identidade e sentimento de pertença”**,

¹⁵⁷ Página da Folha de São Paulo, sessão “Cotidiano”, reportagem intitulada **“Locutor ganha fama pelo país com defesa de rodeio e desmatamento”**, 18 de maio de 2017.

Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1884982-locutor-ganha-fama-pelo-pais-com-defesa-de-rodeios-e-desmatamento.shtml>>. Acesso em 08 out. 2017.

¹⁵⁸ Trechos retirados da fala do apresentador Fabio Porchat e do entrevistado Cuiabano Lima, de vídeo disponível no Youtube no link <<https://www.youtube.com/watch?v=WUsnLgAlhMk>> . Acesso em 08 out. 2017.

¹⁵⁹ GONÇALVES, Andrea Fermino. *op. cit.*

defendido em 2008¹⁶⁰. Com objetivo de observar como a festa do peão de boiadeiro da cidade influencia na formação de identidade e sentimento de pertença dos cidadãos, além de analisar as questões econômicas e de desenvolvimento da região. Ambas as dissertações apelam para os referenciais de “cultura” e “tradição local”, e nunca para a relação animal humano/animal não humano.

A justificativa do evento atrelada a esses referenciais descola a participação do animal não humano como protagonista do espetáculo, e exalta a participação do peão trabalhador do sertão, operário do setor pecuarista como herói. O consumo de produtos advindos de origem animal como necessidade humana acaba por nortear essa “heroicização” do peão da boiada.

Maria Carolina Simões, coloca as palavras de Pimentel para consolidar sua afirmação:

Pimentel (1997) lembra que existem duas razões que explicam as motivações do surgimento da festa: 1º- homenagear o herói anônimo do sertão, o peão de boiada, o “operário” da pecuária – setor econômico que representa hoje, e muito mais no passado, a principal atividade barretense; 2º- acabar com a imagem de arruaceiros de que gozavam os peões à época, dessa maneira procura-se criar uma competição entre os peões que desviasse a atenção para um outro hábito menos violento.¹⁶¹

Nesse sentido, o rodeio foi durante muitos anos prática livre de críticas e embates. A discussão sobre bem-estar animal e possível violência sofrida por bois, touros e cavalos nesse evento é recente, em parte também pelo já comentado recente aparecimento do rodeio no país

¹⁶⁰ SIMOES, Maria Carolina de Miranda. **Desenvolvimento local da cidade de Cassilândia**: a festa do peão de boiadeiro e a construção da identidade e sentimento de pertença. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Pós-Graduação em Desenvolvimento Local. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande/MS, 2007, p.118.

¹⁶¹ PIMENTEL, S. V. O chão é o limite: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia: UFG, 1997. IN: SIMOES, Maria Carolina de Miranda. **Desenvolvimento local da cidade de Cassilândia**: a festa do peão de boiadeiro e a construção da identidade e sentimento de pertença. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Pós-Graduação em Desenvolvimento Local. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande/MS, 2007, p.118.

como prática esportiva. Pesquisando no Jornal Folha de São Paulo a partir da década de 1970, a primeira manifestação contrária que aparece nas páginas do periódico é do ano de 1979, 23 anos após a criação do rodeio de Barretos.

A União Internacional Protetora dos Animais (UIPA) está realizando uma campanha para impedir a realização de um rodeio, marcado para hoje, no Parque da Água Branca. Segundo a entidade, o espetáculo, promovido por uma empresa de empreendimentos artísticos, contraria o Decreto Federal 24.645, de 10 de julho de 1934, que estabelece medidas de proteção aos animais. Os promotores do rodeio estão anunciando que apresentarão 80 cavalos bravios e 20 touros ferozes nos espetáculos de hoje e amanhã, durante todo o dia. Para Leonid Markov, 55 anos, membro da diretoria da União, “nenhum animal é bravio ou feroz, pelo contrário, eles são animais domésticos, vegetarianos e dóceis. Esses homens judiam deles para que fiquem bravos”.¹⁶²

Nos anos que se seguem, se intercalam notícias de divulgação de rodeios, de premiações, reportagens falando da vida do peão, etc. Com notícias de grupos de proteção animal criticando e praticando ações que visavam proibir o evento. A posição do jornal acaba se tornando clara pela desproporcionalidade de número de notícias a favor da realização do rodeio e de contrárias, tendo a primeira um número esmagadoramente maior. E mesmo em notícias que demonstram a posição dos protetores de animais, o editorial do jornal traz a versão dos favoráveis ao evento. É o caso da reportagem do dia 10 de fevereiro de 1991:

Se depender dos grupos ecológicos ligados à proteção dos animais, as vaquejadas e rodeios, que atraem milhares de espectadores nas cidades do interior em todo o país, estão com os dias contados. (...) O argumento utilizado por Sonia Peralli Fonseca, da direção da União Internacional de Proteção aos Animais (UIPA), presente à

¹⁶² Folha de São Paulo Críticas ao rodeio da Água Branca 17 de novembro de 1979.

delegacia, foi que “a vaquejada é um ritual violento, que machuca gravemente o boi”.¹⁶³

Adiante, a reportagem comenta que os policiais acionados pedem provas para poderem agir, os protetores vão até o rodeio para tentar gravar e fotografar as ações e são impedidos pelos organizadores do evento. O que, seria uma prova de que a “diversão” infringe maus-tratos, porém o jornal não faz essa associação. Em contrapartida, coloca a visão dos favoráveis:

Consciente desses resultados, o médico José Vieira de Aguiar, membro do Conselho Regional de Medicina Veterinária de São Paulo, acha que todos esses incômodos fazem parte do espetáculo. “O boi é resistente. Depois, a tradição não deve acabar”. Outro defensor da vaquejada e do rodeio é o jurista Walter Ceneviva, da equipe de articulistas da Folha. “Acho exagero proibir esses eventos. Se o animal for machucado ele é transformado em alimento. É um espetáculo divertido que faz lembrar a minha infância, quando eu morava no interior”, diz ele.¹⁶⁴

A justificativa da tradição mais uma vez aparece forte, como um argumento indiscutível para a manutenção do evento. Nesse trecho percebemos que os maus-tratos com os animais são tratados como algo menor, quando se coloca a fala de um jurista, que é membro da equipe de articulistas da Folha, que diz: “se o animal for machucado ele é transformado em alimento”.

Um mês antes da reportagem apresentada, o periódico traz a fala de um promotor de rodeio que critica a ação dos ecologistas que se opõem ao evento:

O diretor de eventos da empresa de publicidade e promoções PMA, de Santo André, Rogério Rodrigues Fonseca, 27, disse que os ambientalistas que criticam a realização do rodeio na cidade não passam de “ecologistas de butique”. Segundo

¹⁶³ Folha de São Paulo Ecologistas querem proibir festa do peão 10 de fevereiro de 1991.

¹⁶⁴ *Idem.*

Fonseca, eles apenas “compram e vestem camisetas com a causa ecológica, mas não entendem nada do assunto”. (...) Sobre a pressão dos ecologistas pela não realização do evento, Fonseca disse que ela não tem fundamento, “porque os cavalos não estão sendo maltratados”. Ele informou que o sedém, uma espécie de corda utilizada nos cavalos durante o rodeio, “não os machucam, mas fazem cócegas e provocam a reação do animal”. Segundo ele, o sedém é feito de lã de carneiro. Na opinião do promotor do evento, os ecologistas estão desinformados quando falam dos maus-tratos aos cavalos. Eles deveriam vir aqui primeiro para depois criticar. Esses animais custam caro e não é do meu interesse provocar qualquer dano a eles”, afirmou Fonseca.¹⁶⁵

Nas reportagens colocadas anteriormente, a fala do diretor acaba por ser contradita, pois os membros de instituições de proteção ambiental vão até o rodeio e são proibidos de filmar. Além de como já colocado, favoráveis ao rodeio admitem que se o animal, no caso touros e bois, são feridos gravemente acabam por se tornar alimento, dando brecha ao entendimento de que sim, pode existir maus-tratos na ação. A questão monetária também se apresenta como justificativa, demonstrando que o interesse não é que os animais não sofram danos por sua própria condição de bem estar, mas porque machucar os animais seria desperdício de dinheiro.

A briga entre protetores de animais e organizadores de rodeios sempre se resume a uma discussão em que uns dizem que sim, existe maus-tratos, e outros tentando provar que não existe. Em 1997 a Folha de São Paulo publica uma matéria em que o diretor de marketing da Federação Nacional do Rodeio Completo (FNRC), fala em “ampliar a aceitação de rodeios no país”:

Folha: O Ministério Público e as associações de proteção animal prometem trabalhar para impedir alguns rodeios. Polisselle Júnio: A FNRC está desenvolvendo um trabalho junto com a federação norte-americana, que tem mais de cem anos de rodeio, que irá contar com pesquisas

¹⁶⁵ Folha de São Paulo Promotor de rodeio faz críticas a ecologistas 22 de janeiro de 1991.

comprovando que os animais do rodeio não sofrem maus-tratos.¹⁶⁶

E destaca essa fala em letras maiores no meio da entrevista:

Figura 13 - Trecho de entrevista realizada com o diretor de marketing da Federação Nacional do Rodeio Completo.

nior quer provar para a mídia e, principalmente, para o público que o **rodeio** tem condições de continuar crescendo, atrair gente em todos os cantos do país e não ser considerado apenas uma manifestação passageira da cultura country brasileira, como acreditam alguns.

Para fortalecer ainda mais o rodeio completo, que envolve oito modalidades, a final de 98 irá acontecer durante a 43ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (326 km de Campinas), considerada a maior do mundo e a mais consagrada do país.

Nascido em Colina (308 km de Campinas), o diretor de marketing da FNRC e organizador do Jaguaruina Rodeo Festival sempre esteve ligado ao mundo rural.

Quando era garoto, faltava na escola ou abandonava aulas para fugir em direção à fazenda. Ele ficava preocupado e queria acompanhar de perto a vacinação dos animais no local.

Com apenas um ano e seis meses

Fonte: Folha de São Paulo, 21 de dezembro de 1997.

não era um campeonato. O que existia eram cidades que realizavam rodeios. Não havia regras. Cada **rodeio**, em cada cidade, criava seu próprio regulamento. A federação padronizou os rodeios com suas etapas e irá padronizá-lo em todo o Brasil. Essa é uma das suas funções. Com isso, vai ficar mais fácil para o público entender melhor como funciona o **rodeio**, seja ele ou não completo.

**“Vamos mostrar
que os animais
não sofrem maus-
tratos”**

Folha - Na grande maioria dos rodeios, o público não sabe quem são os peões ou mesmo como funciona o **rodeio**.

Poliselle Junior - Posso afirmar que 50% dos rodeios que acontecem nesse país são políticos, ape-

Festival, Paulo de Faria (SP), Presidente Prudente (SP), Goiânia (GO), Adamantina (SP) e Barretos (SP), durante a final da 43ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos.

Folha - Houve algum critério de escolha para incluir essas cidades nas provas da federação?

Poliselle Junior - Não. A federação ainda é muito nova, mas está crescendo e começando a mapear melhor os eventos de **rodeio** do país. Ainda está muito limitada ao Estado de São Paulo, mas isso ocorre porque há um projeto de regionalização do **rodeio** completo, que envolve as cidades de Barretos, Jaguaruina, Presidente Prudente e Goiânia.

Folha - Por ser um evento da Federação Nacional do **rodeio** completo, ele não está muito limitado a poucas cidades?

Poliselle Junior - Sim, mas é muito difícil pegar esse modelo (do **rodeio** completo) e levar para outros eventos de provas do Brasil. Essa é uma barreira que será

Com o passar dos anos, a discussão continua¹⁶⁷, e no ano de 2017 ganha novo caráter com o sancionamento da já citada lei que transforma os eventos rodeio e vaquejada em Patrimônio Cultural Imaterial do país.

¹⁶⁶ Folha de São Paulo Federação quer ampliar aceitação de rodeios no país 21 de dezembro de 1997.

¹⁶⁷ Como o exemplo das manifestações em 2005 contra a exibição da novela da Rede Globo de televisão, “América”, de Glória Perez. Na época, houve polêmica e várias instituições de proteção animal se revoltaram com o tema da novela que abordava a vida do peão de rodeio. A novelista tinha intenção de colocar representantes da causa animal como personagens, porém com as manifestações via internet, que envolveram a vida pessoal da escritora, ela desistiu, e a novela foi ao ar sem abordar a causa animal. Disponível no link <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ativistas-fazem-protesto-contrarodeios-em-novela,20050407p5025>> . Acesso em :13 out. 2017.

Em sites, blogs e redes sociais as pessoas se manifestaram contra e a favor do sancionamento da lei. Duas imagens chamam a atenção nesse sentido:

Figura 14 - Campanha Senador Otto Alencar a favor da vaquejada.



Fonte: <https://www.ottoalencar.com.br/pec-de-otto-alencar-que-garante-vaquejada-e-aprovada-na-ccj/> .

Esta que se manifesta a favor da vaquejada, sendo uma manifestação do Senador Otto Alencar, do Partido Social Democrata, eleito pelo Estado da Bahia. A frase “Reconhecimento a uma tradição que respeita os animais” vem com o intuito de demonstrar que o evento não maltrata os animais, mas que os respeita.

Em contrapartida, as contrárias a prática tratando-a como tortura:

Figura 15 - Campanha Tortura não é Cultura do Fórum Nacional de Proteção e defesa animal.



Fonte: <https://www.greenme.com.br/informar-se/animais/4553-domingo-27-manifestacoes-no-brasil-contra-rodeios-e-vaquejadas> .

No entendimento das pessoas que se manifestam como abolicionistas da causa animal, tanto a vaquejada quanto o rodeio são práticas cruéis que maltratam animais sem nenhum fim justificável. É um entretenimento macabro que utiliza animais não humanos para diversão, e quando há preocupação com a saúde e bem estar, é unicamente com fim monetário.

Porém, essa manifestação acaba por entrar no nível 1 de sensibilidade neste trabalho, pelo posicionamento dos adeptos, frequentadores, organizadores e participantes de que não há maltrato, utilizando, muitas vezes, um discurso em que se colocam como amantes dos animais, que os respeitam e admiram. Nesse sentido, a crueldade velada, que passa a impressão de que realmente não são infligidos maus-tratos aos animais, principalmente no que diz respeito aos frequentadores dos eventos que não conhecem a realidade da vida desses seres, coloca essas práticas nesse nível por não se aceitar mais uma crueldade explícita, como acontece nas touradas e farra do boi, por exemplo.

Como conclusão desse capítulo, podemos dizer que a maior parcela da população do país ainda se encontra nesse nível de sensibilidade. Primeiro, temos um grande número de pessoas que tem animais de estimação em casa, e pouquíssimos voluntários da causa animal. Segundo, o consumo de carne e produtos advindos de origem

animal, vem crescendo de maneira exponencial no país¹⁶⁸. Terceiro, eventos como vaquejadas e rodeios ainda mobilizam milhares de pessoas. Uma das funções dessa dissertação é quem sabe, mudar um pouco dessa realidade.

¹⁶⁸ Heinrich Böll Foundation. **Atlas da Carne**. *Op. cit.*

4 CAPÍTULO 3 – OS “BEM-ESTARISTAS”: A SENSIBILIDADE DE NÍVEL 2

“Essa visão –a de que não é o uso, em si, mas somente o tratamento– é o fundamento da ideologia bem-estarista e difere da posição dos direitos animais por mim articulada. Eu afirmo que se os animais tiverem interesse na existência continuada –e eu argumento que todos os seres sencientes o têm– então o nosso uso deles como recursos (independentemente de quão “humanitariamente” os tratemos) não pode ser moralmente defensável, e nós devemos procurar abolir, e não regulamentar, a exploração animal.”¹⁶⁹

A fala de Gary Francione aqui exposta revela como funciona o pensamento “bem-estarista”, e como os adeptos do abolicionismo animal se posicionam a respeito. Nessa seção, o objetivo é apresentar um terceiro nível de sensibilidade, que denominei “sensibilidade de nível 2”. Nesse nível encontram-se pessoas que não aceitam a crueldade extrema para com animais não humanos, engajam-se em algum tipo de ação contra alguns tipos de crueldade, militam em certa medida e se colocam como “protetores animais”, abandonam algumas práticas de diversão e entretenimento (como as expostas no capítulo anterior) porém, permanecem com seus hábitos de consumo alimentício. Essas pessoas são consideradas “bem-estaristas”, pois acreditam que se os animais tiveram uma vida “confortável”, ou minimamente “digna”, suas mortes para fim de alimentação, vestuário, ou sua exploração para o trabalho, não foram em vão.

Nesse sentido, se torna interessante discutir sobre a visão do filósofo Peter Singer, famoso pela autoria do livro **Libertação Animal**. A contribuição de Singer para o debate a respeito de ética e responsabilidade para com as vidas de animais não humanos é inegável, porém, como alguns teóricos defensores do abolicionismo animal argumentaram alguns anos depois da publicação de Singer, este nunca se posicionou como um abolicionista, mas sim como “utilitarista”. Como já colocado no primeiro capítulo desse trabalho, na seção que discute a zoofilia, Singer chega a argumentar em seu livro **Ética Prática** que até o

¹⁶⁹ FRANCIONE, Gary. **Animal Exploitation: The Journey Will Not Begin While We Are Walking Backwards**. 2006..

sexo entre animais humanos e não humanos é justificável se não houver sofrimento de ambas as partes.

O “bem-estarismo” então, parte do pressuposto que se os animais não humanos não sofrem violência física aparente na sua criação ou “manejo”, os animais humanos podem se utilizar deles em qualquer situação, seja para alimentação, seja para diversão, trabalho, etc.

Essa visão pode ser colocada como um terceiro nível de sensibilidade pois apresenta uma comoção e uma atitude em relação ao bem-estar de animais não humanos, uma preocupação com o seu sofrimento e sua senciência, apesar de não abolir completamente a sua exploração.

Sendo assim, esse capítulo se divide em três partes: a primeira demonstrando a revolta com atitudes de violência extrema através de manifestos na internet e de reportagens dispersas na mídia.

A segunda parte visa demonstrar a organização de ONGs de proteção animal, pessoas engajadas em resgates, ações sociais, arrecadamento de recursos com objetivo de salvar animais em situação de risco nos centros urbanos.

E a terceira parte, totalmente interligada com as outras duas, vem demonstrar a permanência dos hábitos de consumo dessas pessoas, a partir da visão “bem-estarista” já explicitada.

4.1 REVOLTA COM ATITUDES EXTREMAS:

De tempos em tempos, usuários das redes sociais se deparam com notícias de extrema crueldade para com animais não humanos, e uma comoção geral toma conta de páginas, blogs, sites através de comentários desses usuários revoltados com tamanha falta de empatia e sensibilidade. Essa seção estabelece um diálogo com a primeira seção do primeiro capítulo desse trabalho **2.1. Maus-tratos, abandono, morte**, onde, para exemplificar uma das maneiras pelas quais a sensibilidade de nível 0 se apresenta, foram apresentados casos de violência contra animais não humanos no decorrer dos anos ao qual essa pesquisa se ocupa (a partir da década de 1970). Chegando no nível 2 de sensibilidade, aqui, o objetivo é mostrar o outro lado da situação, como se manifestam as pessoas que não aceitam essa violência gratuita diante desses casos.

Como já colocado na seção 2.1., notícias sobre maus-tratos a animais não humanos são escassas durante uma boa parte dos anos. Entre 1970 e 1990, nenhuma notícia tratando de um animal específico foi publicada no Jornal Folha de São Paulo, além de algumas que versavam

sobre casos de animais de zoológico, vítimas de maus-tratos, ou de stress, que atacaram seus criadores¹⁷⁰.

A partir da década de 1990, as notícias sobre maus-tratos começam a ganhar nova forma e outra visibilidade. Se durante as duas décadas que antecederam, pouca coisa se falava sobre abuso de animais, já no início de 1990 as discussões sobre bem-estar e manifestações contra alguns eventos (rodeios e farra do boi) começam a ganhar espaço nas páginas do jornal. Ainda sem demonstrar nenhum tipo de posicionamento, o jornal Folha de São Paulo traz reportagens como “Entidade abre inquérito policial contra rodeio” (24 de janeiro de 1991); “São Bernardo aprova projeto contra rodeio” (28 de março de 1991); “PF prende comerciante que mantinha 120 animais silvestres em cativeiro” (19 de junho de 1991); “Ecologistas querem proibir festa do peão” (10 de dezembro de 1991); “Boi escapa da ‘farra’ e morre atropelado” (18 de abril de 1992); “Câmara vota hoje proibição de rodeios no município” (5 de janeiro de 1993). Entre tantas reportagens demonstrando maus-tratos com os animais, aparecem uma ou outra com temas que criticam a “proteção excessiva” para com esses seres¹⁷¹.

Mas é a partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000 que o assunto bem-estar animal ganha força nas páginas das mídias impressas brasileiras. Com o aumento do acesso à internet, e consequente “boom” das redes sociais, as manifestações de revolta para com atitudes

¹⁷⁰ O caso que teve mais repercussão foi o da elefanta Bruma em 1975. Tendo sido comprada há dois anos pelo proprietário do Zoológico Agenor, Agenor Gomes, em um ataque de fúria a elefanta o matou pisoteado no dia 23 de julho. A reportagem da Folha de São Paulo do dia 25 de julho de 1975, intitulada “Ainda não está decidido o destino da elefanta Bruma”, conta que poucos meses antes, o dono do zoológico havia comprado um filhote de elefante para fazer companhia a Bruma. Conta também que quando adquirida, Bruma já havia matado 4 pessoas no circo do qual fazia parte, motivo pelo qual teria sido vendida ao zoológico. A trajetória da elefanta, nesse sentido, demonstra que sua existência foi submetida a vários fatores de stress, que justificam seu comportamento violento para com seres humanos. Durante toda a semana depois do ocorrido, se observam reportagens tratando de qual seria o destino de Bruma dali em diante. “Bruma continuará viva, mas não se sabe onde” (Folha de São Paulo, 26 de julho de 1975); “Destino de Bruma será decidido na quinta-feira” (Idem, 27 de julho de 1975); “Bruma mais calma, ainda sem destino” (Idem, 28 de julho de 1975); “Bruma deverá ir para o zoo da Água Funda” (Idem, 6 de agosto de 1975).

¹⁷¹ Como exemplo, a reportagem do dia 4 de julho de 1993 “Amor abusivo pelos animais vira neurose na Inglaterra”, uma crítica à instituição *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals* (RSPCA).

de crueldade extrema com animais não humanos começaram a aparecer em comentários, publicações, abaixo assinados virtuais, etc.

Em março de 1998, o jornal publica uma nota sobre a nova Lei Ambiental que entraria em vigor naquele ano. O título é sugestivo “Quando o animal é o homem”, e traz o seguinte texto:

Até o final deste mês, matar um mico-leão-dourado é crime, e maltratar um cachorro, não. Matar um animal silvestre, como a onça pintada ou a arara, é um delito inafiançável e não permite, a princípio, que o autor responda a acusação em liberdade. Envenenar um cachorro, por exemplo, por ser uma contravenção, custaria ao autor a pena de prisão, mas que seria revertida em multa. Mas a partir de maio, cachorros gatos e jacarés passam a ter direitos iguais. Entra em vigor a nova Lei Ambiental que determina como crime o abuso e maus-tratos de animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos, com pena de detenção de três meses a um ano e multa.¹⁷²

Pelo título, e pela ironia presente nas primeiras linhas da nota, já começa a se tornar perceptível uma nova visão a respeito dos animais não humanos, pois a autora da nota compara os animais silvestres, tão protegidos pela lei, aos domésticos de estimação, que até aquele momento não gozavam de tamanha estima legislativa, apesar de gozar da estima humana de uma maneira geral.

Entrando nos anos 2000, o ativismo e as manifestações contrárias a prática de maus-tratos aparecem com mais frequência e em variadas formas.

Em 2005, por exemplo, houveram várias manifestações contrárias a exibição da novela América, na Rede Globo. A novela tinha como trama central, o romance entre um peão de rodeios e uma jovem que sonhava morar nos Estados Unidos. Muito da trama se passou no ambiente dos rodeios, e em nenhum momento a novela abordou o tema dos maus-tratos. Ativistas organizaram manifestações, como essa:

Uma manifestação contra os maus-tratos aos animais nos rodeios e promovendo um boicote a “América” reuniu cerca de 200 pessoas ontem no

¹⁷² Folha de São Paulo. “Quando o animal é o homem”. 29 de março de 1998.

vão central do MASP, na avenida Paulista, as 19h. Integrantes de entidades em defesa dos animais levaram faixas com críticas a rodeios. “Não somos contra a novela, somos a favor da educação. Como a novela dá um exemplo de que o rodeio é glamoroso, e não de que faz mal aos animais, queremos boicotá-la”, disse Nina Rosa, fundadora de um instituto que leva o seu nome.¹⁷³

O instituto Nina Rosa¹⁷⁴ é também responsável por lançar o documentário “**A carne é fraca**”, coincidentemente lançado em 2005, que mostra os impactos do consumo de carne na vida humana, e será melhor trabalhado no próximo capítulo.

A partir de 2010, notícias sobre maus-tratos ganham ainda mais repercussão, e se demonstra mais a revolta das pessoas com esses atos, como o citado caso da enfermeira que espancou o cachorro da raça yorkshire em 2011 (caso apresentado na seção 2.1. desse trabalho). Na citação apresentada naquela seção se lê “A enfermeira filmada agredindo um cão da raça yorkshire e **despertou a ira de internautas**”¹⁷⁵ [grifo meu]. Despertar a ira dos internautas é o exemplo mais claro da revolta com essas atitudes. A notícia, inclusive, comenta que os revoltados chegaram a ameaçar a agressora.

Em 2012, a seção “**Bichos**” assinada pela jornalista Silvia Corrêa traz dois casos de extrema crueldade que culminaram em manifestações:

Foi notícia em toda a parte: uma gaúcha de cinquenta e poucos anos, em férias no litoral paulista, arremessou pela janela do 10º andar seus dois cães de estimação. Eles tinham seis e 16 anos, respectivamente. Morreram na hora. (...) Na mesma semana, uma mulher de 42 anos foi presa

¹⁷³ Publicada no site Aquidauana News sob o título *Protesto no MASP contra novela “América” reúne 200 pessoas*. Disponível em <<http://www.aquidauananews.com/0,0,00,3063-55902-PROTESTO+NO+MASP+CONTRA+NOVELA+AMERICA+REUNE+200+PESSOAS.htm>> . Acesso em 17 out. 2017.

¹⁷⁴ Nina Rosa Jacob, natural de São Paulo, é vegana, ativista e fundou o Instituto Nina Rosa – Projetos por amor à vida no ano de 2000. Esse instituto produz material educativo sobre defesa animal, consumo sem crueldade, educação humanitária e veganismo.

¹⁷⁵ **Folha de São Paulo**. “Vídeo mostra agressão a cão e revolta internautas”, 17 de dezembro de 2011.

na zona sul de São Paulo por suspeita de matar cães e gatos entregues a seus cuidados. Pelo menos 39 corpos foram encontrados em sacos de lixo na casa da acusada e em calçadas nas imediações do imóvel. (...) Além da violência, o episódio tem mais um ponto em comum: as agressoras foram ouvidas e liberadas. Estão soltas. Pela lei, agredir um animal rende apenas multa e prisão de três meses a um ano, pena geralmente convertida em pequenos serviços à comunidade. Para as ONGs isso precisa mudar. No próximo domingo, dezenas de cidades serão palco da manifestação “Crueldade Nunca Mais”. (...) Fica o convite: manifeste-se, indigne-se, reaja, denuncie. Porque a omissão também é uma forma de violência.¹⁷⁶

O convite “manifeste-se, indigne-se (...)” demonstra com clareza essa nova sensibilidade, principalmente com os animais de estimação. Seis dias depois da publicação dessa notícia, o jornal publica uma bem como reflexo dessa indignação e revolta com a violência. Intitulada “Denúncias de maus-tratos contra bichos crescem 20%” a reportagem diz:

Em fevereiro, quando tinha menos de um mês de vida, o pequeno José, um fox paulistinha, foi jogado de um caminhão numa rua movimentada de Ribeirão Preto, no interior de SP. Sobreviveu, foi resgatado e está hoje numa chácara à espera de adoção. José é um dos muitos exemplos de casos de maus-tratos a animais registrados em São Paulo. Em todo 2011, as denúncias de crueldade contra os bichinhos chegaram a 2.646 no Estado – 20% maior que no ano anterior. Percentualmente, o interior é a região com maior aumento: 35% a mais no ano passado em relação ao mesmo período de 2010.¹⁷⁷

No mesmo dia, e no dia seguinte o jornal coloca notícias da manifestação citada anteriormente¹⁷⁸.

¹⁷⁶ **Folha de São Paulo**. 16 de janeiro de 2012 Todos contra a crueldade p. c2

¹⁷⁷ **Folha de São Paulo**. 22 de janeiro de 2012 p. c6

¹⁷⁸ “Paulistanos vão às ruas em defesa dos animais” 22 de janeiro de 2012, p. C7; “Grupos espalham atos contra maus-tratos a animais pelo país” 23 de janeiro de 2012, p. C7.

A sensibilidade e revolta com a crueldade também se manifesta no nível 2 de sensibilidade através da militância confortável em que surgem abaixo assinados e campanhas na internet para revoltados que não chegam ao ponto de sair do sofá. A Folha de São Paulo publica uma reportagem em abril de 2013 que demonstra bem essa situação:

Um mutirão organizado por redes sociais e que reuniu dezenas de voluntários salvou a vida de 50 cães de raça em Bauru (a 329 km a noroeste de SP). Os animais foram deixados numa chácara usada como canil e resgatados dias depois, já debilitados. (...) Magros e abatidos, dálmatas, golden retrievers, labradores, rottweilers, huskies, são bernardos, dog alemães, filas, akitas e outros cães de raça dividiam 22 baias construídas pelo inquilino, que fizera do local um centro de reprodução e comércio de cães. Começou então a luta pela vida dos animais. Em duas semanas, Ana gastou R\$10 mil em ração, remédios e tratamentos. A tarefa parecia interminável, até que uma conhecida da dona do sítio criou um grupo no Facebook. A página reuniu cerca de 2.000 membros em poucos dias, e dezenas se prontificaram a ajudar.¹⁷⁹

Essas ações são importantes, e a internet tem tido papel fundamental nesse sentido por permitir que pessoas que por alguma razão, não se engajam fisicamente em ações em favor dos animais possam ajudar de alguma forma. O caso mais recente de comoção e revolta com atos de maus-tratos e violência foi publicado pela defensora animal vegana Luisa Mell em suas redes sociais. Luisa recebeu uma denúncia em formato de vídeo que mostrava a dona de um canil, com certificação e alvará, espancando os cães que utilizava como matrizes para reprodução e venda de filhotes. Com a ajuda da polícia, Luisa Mell invadiu a casa em que a senhora mantinha os animais, e resgatou 135 cachorros de raça, a maioria de pequeno porte, como yorkshires, lhasa apsos, pugs, etc. A defensora animal postou uma série de vídeos em suas redes sociais:

¹⁷⁹ “Mutirão on-line salva 50 cães abandonados” 7 de abril de 2013, p. C6.

Figura 16 - PrintScreen da página do site Facebook de Luisa Mell.

 **Luisa Mell**
29 de setembro às 15:55 · 🌐

Gente, assisti hoje um filme de terror. Tô em choque até agora 😱! 135 cães das raças lhasa apso, yorkshire e outras, sendo torturados em um canil certificado!!! Todos explorados até a morte para reprodução e venda dos filhotes. Com o apoio da policia, invadimos o local e resgatamos todos!! 135 animais de uma vez que foram para o Instituto Luisa Mell e para variar, estamos sozinhos!!! Preciso MUITO da ajuda de vocês, como NUNCA 🙏🙏
Eles estão em péssimo estado, todos precisam de tratamentos, vacinas, alguns de cirurgia. Só temos vocês. Nos ajudem, eu imploro!!!

Banco do Brasil Agência 1817-1 Conta Corrente 120.000-3
Bradesco Agência 1974 Conta Corrente 288-7
Itau Agência 0772 Conta Corrente 09021-3

Instituto Luisa Mell de Assistência aos Animais
CNPJ: 21.877.796/0001-35

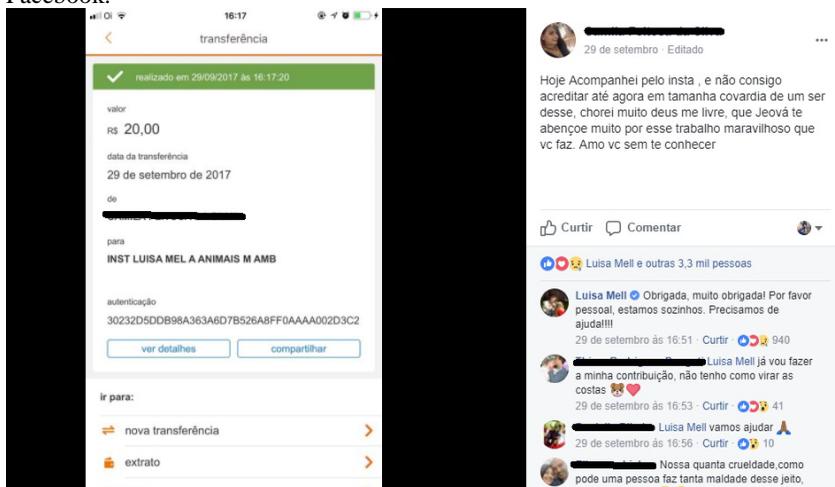


Fonte: https://www.facebook.com/LuisaMelloficial/?ref=br_rs .

Os cães viviam em situação extremamente precária, muitos estavam sujos, com fezes emaranhadas nos pelos, com machucados, com as patas sem movimento, muita sujeira foi encontrada nos locais onde os animais ficavam, entre outras cenas de terror.

Muita indignação surgiu nos comentários na rede social da protetora, mas também muitas pessoas ajudaram com quantias em dinheiro, postando inclusive a foto da transferência efetuada para a ONG.

Figura 17 - Comentários da publicação de Luisa Mell em sua página do site Facebook.



Fonte: https://www.facebook.com/LuisaMellOficial/?ref=br_rs.

Figura 18 - Comentários da publicação de Luisa Mell em sua página do site Facebook.



Fonte: https://www.facebook.com/LuisaMellOficial/?ref=br_rs

Essas atitudes estão intimamente ligadas a sensibilidade de nível 2, e casos como este também são exemplos de como os outros níveis de sensibilidade se apresentam como coexistentes nesse processo. Exemplo de comentários tecidos na reportagem que o site G1 postou sobre o caso:

Figura 19: Comentários no site do G1 sobre reportagem de resgate realizado por Luisa Mell.

The image shows two screenshots of the G1 São Paulo website displaying comments on a news article. The top screenshot shows a comment from a user with a profile picture of a man, posted 'HÁ 18 DIAS'. The comment reads: 'São todos bem vindos à minha fabrica de sabão, incluindo a luisa.' Below the text are icons for likes (11), replies (94), and social media sharing options for Facebook, Twitter, and Google+. The bottom screenshot shows a list of four comments from different users, all posted 'HÁ 18 DIAS'. The first comment says 'Cachorro bom ,é cachorro MORTO.' with 12 likes and 276 replies. The second says 'E enterrado em pé pra economizar espaço no quintal!' with 6 likes and 47 replies. The third says 'É ISSO AI.' with 4 likes and 42 replies. The fourth says 'Cachorros Vivos Não Postam Merda Na Internet Pra Aparecer. Nisso Eles Já São Melhores Que Vocês.' with 42 likes and 13 replies.

Fonte: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/ong-de-luisa-mell-resgata-135-caes-de-maus-tratos-em-canil-de-osasco.ghtml> .

Outro fato interessante sobre esse caso em específico, é que todos os animais resgatados eram de raça, pois a senhora acusada os usava como fonte de renda ao vender os filhotes. Alguns dias depois do ocorrido, Luisa Mell promoveu um evento de adoção de animais, porém, os animais desse resgate não estavam entre os disponíveis para adoção. Estavam somente os animais sem raça definida, chamados de vira-latas. A Revista Fórum publicou uma notícia sobre o assunto sob o título “Em feira de Luisa Mell, público desiste de adotar cães ao encontrarem apenas vira-latas”:

Na última semana, ativista Luisa Mell causou comoção ao resgatar cerca de 130 cães de raça que viviam em más condições e sofriam maus-tratos

em um canil em Osasco, na região metropolitana de São Paulo. Entre os animais, tinham yorkshires, lhasa apsos e até pugs. Uma feira de adoção foi realizada nesta quarta (4), na Vila Clementino, (...). A ação foi promovida pela apresentadora que mantém o Instituto Luisa Mell, uma ONG que cuida de centenas de cães e gatos. Dezenas de pessoas formaram uma fila que dobrou o quarteirão, duas horas antes do evento começar, uma raridade para feiras desse tipo. O problema é que o pessoal achou que ia levar pra casa algum cão de raça, porém os animais resgatados do canil ainda estão passando por tratamento. Além disso, Luisa está brigando pela guarda definitiva da matilha.¹⁸⁰

Mais uma vez, além da falta de compaixão com animais abandonados que precisam de tutela, a hierarquização de sentimentos aparece de forma extremamente visível e absurda. O status de ter um cão de raça ultrapassa a empatia por um ser que aguarda adoção em canis de resgate durante anos. Comentários de indignação também apareceram nessa reportagem.

Sendo assim, esse tipo de caso só reforça a existência e coexistência de níveis de sensibilidade. O que conforta, é que fazendo um paralelo, os comentários de indignação e revolta estão cada vez aparecendo em maior número do que os de ódio.

4.2 ONGS DE PROTEÇÃO ANIMAL:

As ONGs (Organizações não governamentais) são instituições criadas com objetivo de promover ações sociais sem estarem ligadas a órgãos do estado. Partem do princípio do “faça você mesmo”, quando um grupo de pessoas observa que uma situação não está fazendo parte da agenda governamental e decide se juntar em benefício de uma causa.

Segundo Samylla Mól e Renato Venancio a primeira associação de proteção aos animais criada no mundo foi a *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals* (RSPCA), fundada em 1824 em Londres para garantir que as primeiras leis que defendiam a integridade dos animais, mais especificamente cavalos, fossem cumpridas. Essa

¹⁸⁰ Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/2017/10/07/em-feira-de-luisa-mell-publico-desiste-de-adotar-caes-ao-encontrarem- apenas-vira-latas/>>. Acesso em: 17 out. 2017.

associação existe até hoje, e conta com filiais em países como Escócia (1836), Irlanda (1840), Estados Unidos (1866) e Nova Zelândia (1882)¹⁸¹. No Brasil, a primeira instituição criada com esse fim foi uma filial da *União Internacional Protetora dos Animais* (UIPA) no ano de 1895 na cidade de São Paulo, também em funcionamento até os dias atuais¹⁸².

Não existe um levantamento exato de quantas ONGs foram criadas desde então, e nem de quantas estão em atividade até os dias atuais, mas é possível dizer que a maioria das cidades brasileiras já conta com instituições que promovem resgates, recuperações e doações de animais abandonados, além das que lutam por dignidade animal com elaboração de leis e fiscalização. Só na cidade de São Paulo e região metropolitana, existem mais de 40 instituições com esse intuito, e a partir de buscas na internet, pode-se afirmar que cada capital brasileira conta com pelo menos uma. A citada ONG da ex-apresentadora de TV e protetora dos animais Luisa Mell é hoje uma das que mais tem visibilidade na mídia.

O que coloca as ONGs de proteção animal dentro da caracterização de nível 2 de sensibilidade nesse trabalho, é o fato de que nem todas, e arriscaria dizer, a maioria, das pessoas envolvidas com essas ações modificam seus hábitos de consumo alimentar ao ponto de abolir a ingestão de produtos advindos de exploração animal. O foco de grande parte dessas instituições ainda está nos animais domésticos de estimação, principalmente cães e gatos abandonados. Luisa Mell, por exemplo, é vegana, porém seu instituto só recebe cães e gatos resgatados.

No interior do Paraná, na cidade de Guarapuava, existe a SPAG (Sociedade Protetora dos Animais de Guarapuava), fundada em 2007, essa associação promove resgate, tratamento e encaminha animais de rua para adoção. Esta instituição não tem sede própria, e os animais recolhidos são levados para o canil municipal ou para casa de protetores como lar temporário até encontrar um tutor definitivo. Conta também com um grupo fechado na rede social “Facebook”, onde os membros pedem doações, postam fotos de animais que precisam de ajuda, entre outras informações. Alguns membros do grupo são vegetarianxs/veganxs, e fazem postagens com o tema em algumas situações. Uma delas me chamou a atenção pelos comentários de duas protetoras que ainda consomem alimentos de origem animal.

Como se trata de um grupo fechado, os nomes dos participantes e do grupo não serão divulgados aqui. A postagem realizada por uma das

¹⁸¹ MOL, Samylla; VENANCIO, Renato, *op. cit.*, p. 19.

¹⁸² A atividade da organização pode ser acompanhada pelo site <<http://www.uipa.org.br/>> que conta com ferramentas de colaboração online.

integrantes do grupo, conhecida na cidade pelo ativismo animal e por ser vegana, é sobre um acidente envolvendo um caminhão de carga que transportava porcos. No texto que antecede a foto ela coloca o seguinte:

Figura 20: PrintScreen de publicação de um grupo de resgate animal da cidade de Guarapuava/PR.



Fonte: Grupo fechado criado no site Facebook.

Seguido dos comentários:

Figura 21 - Comentários da publicação em um grupo de resgate animal da cidade de Guarapuava/PR



Fonte: Grupo fechado criado no site Facebook.

O choque diante das imagens fortes faz com que duas questionem sua inserção na cadeia que promove o sofrimento de animais destinados ao abate. A frase usada por uma das participantes é a que mais demonstra essa transição de sensibilidade: “eu penso como pode eu ser assim, ajudar um caozinho e comer carne de galinha ou de boi ou de porco”. Ou seja, a sensibilidade existe, mas a mudança de hábitos ainda não.

Em entrevista com a atual presidente da SPAG, a veterinária Karina Popovicz, esta relata que ajuda animais de rua, junto com sua mãe, desde muito nova:

“Então assim, a sensibilidade, a afetividade desde sempre, desde criança mesmo, que eu me comovia em ver um bicho sofrendo, que eu me preocupava em ajudar um bicho que eu achava que precisava de ajuda. Na verdade eu cresci vendo a minha mãe

fazer isso, então pra mim era normal. Eu cresci vendo minha mãe fazendo caridade com gente e caridade com bicho, então pra mim era uma coisa de rotina. Mas não tinha interesse de trabalhar com animais, era mais uma coisa de hobby mesmo. Eu não militava digamos assim, talvez, publicamente, mas a gente fazia ali o nosso trabalhinho de resgate de ajuda, tipo, eu e ela, algum vizinho, isso já desde sempre. Eu lembro com 12 ou 13 anos ir catar cachorro, que a cadela deu cria no terreno baldio, pra conseguir dono.”¹⁸³

Mais a frente, ela afirma que nunca quis trabalhar com isso efetivamente, mas que depois de passar por alguns problemas pessoais, resolveu cursar Medicina Veterinária em 2007 e se apaixonou pelo curso e pela militância. Uma das afirmações que ela faz se torna interessante para desmistificar a ideia de que médicos veterinários entram no curso por amor aos animais:

Então assim, na faculdade eu comecei a militar, isso foi em 2007. Inclusive, na minha turma, eu era a única que militava, porque ninguém se interessava, porque ninguém quer fazer caridade, as pessoas querem ganhar dinheiro. Até porque na medicina veterinária, 90% das pessoas que fazem, assim como a medicina humana, fazem pelo retorno financeiro. Não que tenham amor pela causa, mas enfim. As pessoas se enganam que veterinário gosta de bicho, mas não é necessário gostar de bicho. Tanto é que, de uns 30 veterinários que a gente tem na cidade, 5 ajudam. Que na verdade não é obrigação da gente ajudar, as pessoas até cobram, perguntam “cadê o amor pelos animais”, mas não, pra ser médico veterinário você não precisa ter amor pelos animais, você precisa ter um diploma.¹⁸⁴

A sensibilidade de Karina é perceptível no decorrer da fala:

¹⁸³ Trecho de entrevista realizada dia 27 de dezembro de 2016 em Guarapuava/PR.

¹⁸⁴ Idem

Mas assim, pra mim é muito bom poder fazer isso, eu não me importo de jeito nenhum de ter que levantar da cama e vir atender um cachorro que eu sei que eu não vou receber, porque por exemplo o cachorro não tem dono, ou a família é muito humilde, nossa pra mim não faz diferença nenhuma!¹⁸⁵

Porém, ela se encaixa nesse nível de sensibilidade por não ter abandonado o hábito de consumir produtos de origem animal. Ela acaba por se tornar o exemplo mais didático desse nível por demonstrar consciência e vontade de mudar, porém toda a construção social que permeia nossa existência impede o passo final. Quando pergunto sobre o hábito alimentar ela é categórica: *“Eu particularmente ainda não sou vegetariana. Vou ser. Não sou ainda porque não criei vergonha na cara (risos) pra sustentar o hábito.”* E continua: *“Mas eu diminuí muito o consumo de carne, eu não consumo mais porco, que a energia da carne é mais pesada. Mas enfim, se eu vou num lugar, a carne tá ali, tá pronta, tá servida, vai.”*¹⁸⁶

Mais adiante ela comenta sobre a hipocrisia de alguns que não consomem produto de origem animal na alimentação, mas utilizam bolsa de couro, ou sobre pessoas vegetarianas/vegas que, nas palavras dela, acreditam ser mais evoluídos, porém, não ajudam as instituições que fazem resgate ou proteção de animais, ou tratam mal outro ser humano. Sobre essa questão, ela não se considera hipócrita, mas acomodada.

Ao perguntar se ela tem efetivamente essa vontade de mudar os hábitos, seu posicionamento demonstra o que já foi amplamente comentado sobre o processo de desanimalização da carne, e sobre a descrença em mudanças efetivas no sistema:

Tenho, mas não por essa questão de ‘ó vou poupar algumas vidas’, não vou porque o sistema nunca vai mudar. Enquanto o homem for homem, os bichos vão morrer pra servir a gente, infelizmente. Então a minha intenção de virar vegetariana é mais espiritual mesmo. Mas enfim, isso é uma coisa que talvez ano que vem eu tente. Mas como eu disse, eu não me sinto hipócrita por isso, eu sinto que talvez

¹⁸⁵ Ibidem.

¹⁸⁶ Ibidem.

eu ainda não consegui desfazer toda uma construção social baseada em um hábito alimentar. Porque assim, sinceramente quando eu vejo um bife no prato eu não penso no animal, eu só vejo o bife, o produto. Então eu tenho que parar pra pensar antes, pra eu não ver mais o bife. Só que pra mim, ainda mais pra mim que sou médica, porque é muito difícil um veterinário que seja vegetariano, porque quando a gente se forma, a gente aprende a fazer parte do sistema de uma forma assim tão natural. Não que eu tivesse coragem de trabalhar, por exemplo, num sistema de produção, se eu tivesse que trabalhar num sistema de produção animal, eu seria muito infeliz. Mas ainda assim de qualquer forma é uma coisa comum pra gente. E que nem eu te falei, infelizmente as coisas não vão mudar. Pra mim um cadáver é um cadáver, as vezes as protetoras chegam com um bicho quase morrendo ou as vezes já morto, chorando. Morreu. Pra mim depois que morreu é apenas carne. Talvez essa frieza não me deixe abandonar o hábito de comer carne, na minha cabeça ainda é uma coisa assim ‘ah já morreu mesmo’. A mente da gente é uma coisa louca.¹⁸⁷

Percebe-se, nesse sentido, que a questão não é só a sensibilidade, mas também uma crença espiritual, ela se coloca como praticante da religião espírita, e dentro da filosofia que rege essa religião, a caridade e empatia para com outros seres, humanos ou não, é muito forte. Ela coloca:

“Mas por ser espírita eu também tenho uma visão diferente. Eu não quero reencarnar na Terra, eu não aguento mais esse planeta. E eu já entendi que pra eu não reencarnar aqui mais, eu preciso parar de agir como humana, porque se não eu vou continuar vindo humana. Enquanto eu tiver comendo os meus irmãos, eu vou estar agindo como humana.”¹⁸⁸

Ou seja, no seu entendimento, comer produtos de origem animal é estar se alimentando da carne dos “seus irmãos”, ela demonstra uma visão sensível para com esses seres, que tem o mesmo direito de existência que

¹⁸⁷ Ibidem.

¹⁸⁸ Ibidem.

os humanos. E argumenta que “voltar como humana” na reencarnação seria negativo. As atitudes dos seres humanos, nesse sentido, são equivocadas.

As questões que permeiam esse nível de sensibilidade são demasiadamente complexas e se intercalam em diversos subníveis. A questão que ela levanta a respeito de pessoas vegetarianas/veganais que não se engajam em nenhum outro tipo de ação para o bem estar dos animais não humanos se torna emblemática justamente por subdividir esses níveis em n possibilidades. De uma maneira geral, é problemático que se jogue a “culpa” de um lado pro outro nesse processo, ou que se faça uma espécie de “cabo de guerra” de quem ajuda mais os animais não humanos nesse sistema. Em relação a isso, acredito que, mesmo que não haja um engajamento em ações assistencialistas, ou em instituições de resgate e proteção de animais não humanos de estimação, o fato de não se consumir produtos que advém da morte de outros animais ainda representa uma forma mais efetiva de salvar um número de vidas maior do que somente o resgate e proteção dos animais não humanos mais próximos da sociedade. O ideal seria cada indivíduo associar as duas ações.

As atividades desses grupos são de extrema importância para a sociedade como um todo, em especial para os animais abandonados nos centros urbanos, e não é intenção desse trabalho desmerecer os envolvidos. O que se pretende com essa seção, é demonstrar como a estratificação da sensibilidade em relação aos animais não humanos em níveis de sensibilidade se apresenta, e é visível mesmo quando falamos de proteção animal. É importante ressaltar que cada pessoa que avança um desses níveis, por mais que não chegue no final do nível 3 de sensibilidade, é imprescindível para a melhora de vida desses seres que dividem espaço conosco, animais humanos, para quem sabe um dia a abolição da exploração seja completa.

4.3 PERMANÊNCIA DOS HÁBITOS DE CONSUMO:

Com base nas discussões travadas anteriormente, a manutenção dos hábitos de consumo é o que mantém as pessoas que se indignam com atos de crueldade no nível 2 de sensibilidade. Os exemplos colocados em outras seções desse trabalho se interligam e demonstram o quanto cada nível acaba por se subdividir em outras possibilidades, como os comentários apresentados na seção 3.2. das protetoras da cidade de Guarapuava/Pr, e pela própria presidente da SPAG.

A mudança nos hábitos de consumo nem sempre é uma atitude fácil e rápida. Os processos de transição, a vida cotidiana cada vez mais acelerada, a dificuldade em encontrar alimentação rápida, todos esses aspectos influenciam na decisão das pessoas de mudar os hábitos de alimentação.

Em uma palestra proferida no 36º Congresso Vegetariano Mundial, ocorrido em 2008, Paula Brügger¹⁸⁹ comenta sobre o distanciamento do animal humano com a natureza, do fato de não sabermos muito sobre o que consumimos, como é produzido e os impactos que causam na natureza os produtos que estamos tão acostumados a retirar de prateleiras de supermercados todos os dias. Brügger se faz a pergunta “porque é tão comum protetores de animais comerem carne?” e responde:

A resposta, me parece, está pelo menos em parte ligada a essa ruptura entre nós e o entorno. Embora possamos prescindir de carne e outras formas de proteína animal para garantir uma boa saúde, muitos protetores de animais ainda comem carne unicamente porque, de um lado, não tem que matar o animal com suas próprias mãos, e de outro, desconhecem todos os sofrimentos por que passam tais animais antes de chegar às suas mesas. Em outras palavras, vale a velha máxima: “o que os olhos não vêem, o coração não sente”.¹⁹⁰

Para além do desconhecimento, está entre outras coisas, a questão cultural. Essa justificativa se entrelaça com a das pessoas que apoiam e participam de rodeios, vaquejadas e outras manifestações que se apropriam do corpo do animal não humano como um objeto de seu interesse, como também já colocado em seções anteriores. A manutenção da cultura e da tradição, baseada em sentimentos de pertença, de reconhecimento, de memória emocional e convívio social. Abandonar essas premissas para assumir uma nova postura é um processo lento e

¹⁸⁹ Bióloga, especialista em Hidroecologia, Mestre em Educação e Doutora em Ciências Sociais, Professora do Departamento de Ecologia e Zoologia da UFSC, Coordena o projeto de educação ambiental “Amigo Animal”. É ativa na defesa dos animais como voluntária da ONG “Sociedade Animal”. Foi durante quatro anos membro da “Comissão de Ética no uso de Animais”.

¹⁹⁰ Texto da palestra publicado no site Vista-se em 21 de agosto de 2008. Disponível em <<https://www.vista-se.com.br/porque-protetores-de-animais-comem-animais/>> . Acesso em: 18 out. 2017.

complicado. Em minha própria experiência de vida, tendo me tornado vegetariana em janeiro de 2009, de tempos em tempos recordo do frango assado preparado pela minha avó materna durante toda minha infância. A comida de domingo em que a família se reunia ao redor da mesa para compartilhar o alimento. A escolha de abandonar o consumo, muitas vezes, afasta esses momentos que com frequência, são os únicos em que a família se mostra unida. Principalmente quando apenas um membro adota novos hábitos alimentares.

A crescente industrialização de alimentos, e o distanciamento dos centros urbanos das zonas rurais também se torna um aspecto relevante na manutenção de hábitos de consumo. Como colocou Paula Brügger, não ter contato com o animal antes de se tornar produto, não entender como os processos são realizados, e a já comentada “desanimalização” desses animais retiram da mentalidade das pessoas a consciência de que o produto no seu prato já foi um ser senciente. Como colocou Karina Popovicz em citação na seção anterior “quando eu vejo o bife no meu prato, eu não vejo mais o animal”.

O fato dos animais domésticos de estimação estarem tão próximos do convívio humano dá a eles a vantagem da hierarquização do sentimento. Você anda nas ruas e vê animais sofrendo, doentes, com fome, machucados. Você não vê, andando na rua, uma vitela encarcerada em jaulas minúsculas, retiradas da mãe ao nascerem, impedidas de se moverem para que a carne não endureça. Você só vê se procurar vídeos ou fotos na internet¹⁹¹. Mas sair da zona de conforto também é um trabalho árduo.

Para concluir esse capítulo, esta seção tem objetivo apenas de propor uma reflexão aos que já estão no nível 2 de sensibilidade a cogitar dar o próximo passo em direção a abolição animal presente no próximo capítulo.

¹⁹¹ Como os documentários “A carne é fraca” (2005) ou “Terráqueos” (2005).

5 CAPÍTULO 4 – OS “ABOLICIONISTAS”: A SENSIBILIDADE DE NÍVEL 3

“Rei dos Animais - é como o humano descreve a si mesmo - eu te chamaria Rei das Bestas, sendo tu a maior de todas - porque as ajudas só para que elas te dêem seu filhos, para o bem da tua goela, a qual transformaste num túmulo para todos os animais.” (Leonardo Da Vinci 1452-1519) ¹⁹²

A partir de toda discussão travada anteriormente sobre a sensibilidade em relação aos animais não humanos, esse capítulo final tem como escopo o último nível que denominei como “nível 3” ou “abolicionistas”. Esse termo vem sendo utilizado de maneira mais abrangente entre os militantes que tomam uma postura de, como aconteceu com a escravidão humana, total abolição da exploração animal dentro da sociedade. Nesse sentido, os adeptos dessa postura argumentam que os animais não humanos têm o direito de gozar de sua existência sem nenhuma interferência humana. Isso só será possível, segundo eles, quando os animais humanos abrirem mão de todo e qualquer consumo que envolva utilização de materiais provindos de origem animal. Isso inclui morte para alimentação, vestuário, estética, bem como testes de laboratório, espetáculos de entretenimento, domesticação compulsiva, etc.

No que diz respeito à animais não humanos já domesticados, principalmente os considerados de estimação, a postura dos militantes é a de tutoria e guarda responsável, como já exposta no capítulo 2 deste trabalho. Ou seja, animais não humanos que já estão inseridos em nosso convívio, como cães e gatos, que não apresentam condições de sobreviver e se desenvolver na natureza, devem ser tutelados de maneira consciente e responsável e esterilizados por meio de castração para evitar a superpopulação. Isso, na visão desses militantes, seria uma medida paliativa, pois esses animais perderam sua essência selvagem há mais de 10.000 anos, sendo portanto, impossível sua readaptação no ambiente independente da intervenção humana num curto período de tempo.

¹⁹² Tom Regan apresenta essa citação em sua obra “Jaulas Vazias: encarando o desafio do direito dos animais” atribuindo-a à Leonardo DaVinci, a partir dos estudos do historiador Edward McCurdy sobre o famoso pintor italiano (REGAN, 2005, p. 27). Leonardo Da Vinci talvez seja o primeiro vegetariano famoso da história, apesar de pouco se falar dessa característica do artista.

Para entender essa relação, a argumentação desses grupos, e os subníveis de sensibilidade presentes nesse ideal, este capítulo será dividido em três partes, onde cada uma delas representa um desses subníveis: 1- ovo-lacto-vegetarianismo; 2- vegetarianismo estrito; e 3- veganismo. No primeiro caso, encontram-se pessoas que mudaram seus hábitos alimentares até um certo ponto, não consomem produtos advindos da morte do animal em si, porém continuam a se alimentar de derivados como ovos, leite, queijo, e nem sempre se preocupam de maneira mais intensa a busca de produtos livres de testes, confinamentos, etc. No segundo se encontram as pessoas que aboliram de seu consumo todos os produtos de origem animal, mesmo os que não causam a morte, entretanto, assim como os ovo-lactos, também não cortaram totalmente o consumo de produtos que testam, e ainda encontram-se em transição para um posicionamento mais político e ético, contudo, nem sempre esse é o objetivo final desse grupo. Muitos se encontram nesse nível não como um ato de compaixão e sensibilidade para com os animais não humanos, mas por questão de saúde, por entender a prática como uma dieta, como alimentação saudável. Já no terceiro grupo estão as pessoas que tratam a causa animal como posicionamento político, ético e praticam atos a favor da total abolição da exploração dos animais não humanos. Para ser considerado veganx a pessoa não consome na alimentação nenhum tipo de produto de origem animal, bem como produtos testados, e até mesmo de empresas que patrocinam algum tipo de exploração (como rodeios ou desfiles de moda com peles), independente se o produto consumido tem materiais de origem animal ou não.

Como instrumento de trabalho, serão analisadas entrevistas com militantes, textos encontrados em grandes sites que abordam o assunto, como o portal da ANDA (Agência de Notícias dos Direitos dos Animais), Sociedade Vegana, entre outros, e notícias vinculadas em grandes meios de comunicação, com intuito de perceber como a mídia hegemônica trata do assunto, como se refere aos adeptos, e qual a aceitação dentro do senso comum da sociedade.

5.1 OVOLACTOVEGETARIANISMO:

Dentro do último nível de sensibilidade em relação aos animais não humanos, encontramos o que podemos chamar de 3 subníveis. No primeiro desses 3 estão pessoas denominadas “Ovolactovegetarianas”. Pessoas que abandonaram o consumo de carnes de todas as espécies, mas que ainda consomem derivados de origem animal, como ovos e leite. Essa não é uma prática recente na sociedade, porém vem ganhando visibilidade

nos últimos anos, e tomando um caráter político dentro do movimento abolicionista animal.

Esse primeiro subnível pode ser considerado o primeiro passo da transição para o abandono total do consumo, porém algumas pessoas acabam por permanecer nessa etapa devido a inúmeros fatores.

É o que coloca, por exemplo, Joelton Lustoza (34 anos), ovolactovegetariano há 13 anos:

Sempre pensei em me tornar vegano, porém nunca tive a ‘moral’ de abandonar de vez por conta das dificuldades. Como eu não cozinho, pra mim sempre foi mais complicado, se eu não faço, é difícil encontrar comida em outros lugares. Mas desde o início tive essa vontade.¹⁹³

É o mesmo que coloca Karila Gonçalves (28 anos/ vegetariana há 12 anos): “E eu queria muito [virar vegana], e eu vou conseguir ficar firminha 100%. Mas as vezes ainda dou umas caidinhas”¹⁹⁴. As dificuldades em encontrar produtos prontos, falta de tempo de preparar alimentos em casa e a mudança de hábito são geralmente os maiores problemas encontrados. No que diz respeito à produtos que não são destinados a alimentação, a maior dificuldade indicada pelos adeptos desse estilo de vida, é a falta de clareza das empresas em especificar se existe componente de origem animal ou não, e se a empresa patrocina eventos que utilizam exploração animal¹⁹⁵. É interessante notar que nunca se coloca a questão monetária (“é mais caro ser vegano”¹⁹⁶), mas sempre a questão da oferta de produtos livres de exploração animal no mercado, e a falta de informação.

Para os que são vegetarianos há muitos anos, como as duas fontes citadas, a questão da informação no início da mudança é uma constante. Não se sabia muito bem o que se estava fazendo, o acesso à internet no início dos anos 2000 não era tão abrangente, e a mudança sempre vem acompanhada de uma justificativa semelhante: “um amigo começou e eu comecei também”. Nesse ponto, o fato de já existir uma empatia para com

¹⁹³ Trecho de entrevista realizada dia 01/06/2017 em Guarapuava/PR.

¹⁹⁴ Trecho de entrevista realizada dia 23/12/2016 em Guarapuava/PR.

¹⁹⁵ Informações retiradas de uma enquete realizada em um grupo fechado no site de relacionamentos “Facebook”, exclusivo para veganos.

¹⁹⁶ Essa justificativa é geralmente utilizada por pessoas que não abandonam o hábito de consumo de produtos de origem animal.

os animais não humanos desde cedo foi essencial para o início da mudança na maior parte dos relatos:

Eu sempre tive uma relação diferente com os bichos. Fui criado em fazenda, e odiava quando ia ser ‘lidado’ com bicho. Gostava mais da lavoura. Ficava indignado da maneira que os animais eram tratados. Mas não tinha noção dessa questão da alimentação. Quando meus amigos começaram com o vegetarianismo eu achei que era uma coisa ‘massa’ e resolvi mudar também. Do meu jeito, meio sem as informações necessárias, mas sabendo que tava fazendo a coisa certa. (Joelton Lustoza, 34 anos)

Nesse sentido, é importante notar que a sensibilidade em relação aos animais está intimamente ligada à mudança nos hábitos alimentares, mesmo que ambos (Karila e Joelton) tenham argumentado que no início não sabiam exatamente do que se tratava. O despertar acontece quando alguém aparece com uma nova perspectiva sobre o hábito do consumo, e aqui posso dar o exemplo da minha própria experiência pessoal. Até o momento que eu conheci o primeiro vegetariano na minha vida (com 17 anos), nunca havia pensado nessa possibilidade, apesar de sempre ter tido um grande carinho e respeito pelos animais não humanos. A cultura é algo tão inculcado no nosso imaginário, que qualquer ação que fuja desse padrão é vista como “estranha” e “bizarra”. Passei alguns anos ainda argumentando contra a mudança de hábito até ter o “estalo” e resolver me tornar vegetariana¹⁹⁷. Tom Regan classificou pessoas que agiram como eu no início da transição como “relutantes”:

(...) gente que primeiro aprende uma coisa, depois outra; que experimenta isto, depois aquilo, fazendo perguntas, achando respostas, tomando uma decisão, depois uma segunda, e uma terceira. Homens, ao que me parece, tem um talento especial para levar todo o tempo que acharem necessário para isso. Tendemos a querer mais, por meio de provas racionais, e mais, por meio de demonstrações lógicas. Existem *muitas* [grifo do autor] coisas sobre as quais nós achamos que

¹⁹⁷ Em janeiro de 2017 completei 8 anos vegetariana.

devemos ‘pensar melhor’ antes de nos permitir tomar partido e ficar do lado dos animais.¹⁹⁸

A seguir, o autor argumenta, inclusive, que com ele também aconteceu dessa forma, e que segundo a sua experiência como militante da causa animal, a maioria dos defensores passou por esse processo.

Regan classifica mais dois tipos de defensores animais que abandonaram o consumo de carne: os “vincianos” e os “damascenos”. O primeiro grupo leva esse nome por uma associação com a história de vida de Leonardo DaVinci (1452-1519), conhecido pintor italiano da época da Renascença. Segundo pesquisas de especialistas na vida do artista, Da Vinci adotou a dieta vegetariana ainda na infância, e atacou veementemente a exploração animal, como vemos na citação que abre esse capítulo. Nesse sentido, Regan coloca que os “vincianos” são pessoas que desde a infância tem uma empatia pelos animais altamente desenvolvida:

Ainda bem novinhas, algumas crianças são capazes de ter grande empatia com os animais, de tornarem a vida do ‘outro’ parte da própria vida – tanto assim que elas sentem verdadeiro parentesco com eles. (...) Os vínculos destas crianças com os animais são os vínculos de um tipo especial de amizade, uma amizade que se expressa por meio do respeito e da lealdade. (...) Elas sabem que o que acontece com outros animais importa para eles porque elas os conhecem. Esse conhecimento faz diferença no comportamento das crianças. Quando elas entendem o que é a carne, de onde ela vem, por exemplo, elas não querem nem saber dela.¹⁹⁹

Existem dois vídeos clássicos circulando na internet há alguns anos (as informações do ano exato em que foram colocados na rede se perdem com inúmeros compartilhamentos e re-postagens) em que crianças demonstram a característica de vincianos. Em um deles, uma criança brasileira de no máximo 4 anos descobre da onde vem a carne e resolve não comer mais animais, e o outro de uma criança norte americana explicando para a mãe que não vai mais comer carne porque gosta dos

¹⁹⁸ REGAN, Tom. **Jaulas Vazias**: encarando o desafio dos Direitos Animais. Porto Alegre: Editora Lugano, 2004. p. 31.

¹⁹⁹ *Idem*, p. 26.

animais e sabe que eles não querem ser comidos²⁰⁰. Depois surgiram alguns outros, mas esses dois ainda são compartilhados periodicamente nas redes sociais.

O outro grupo Regan denominou como “damascenos” fazendo uma analogia à história bíblica de Saulo na estrada para Damasco. Na história, Saulo é chamado a Damasco para exterminar a boa fama que um homem chamado Jesus Cristo estava a conquistar. Saulo e seus companheiros sentiam grande aversão a imagem do messias e se encaminhavam para cidade quando o próprio Jesus apareceu como um milagre para eles. Depois disso, Saulo se transformou no apóstolo Paulo autor de livros do Novo Testamento como Romanos e Coríntios²⁰¹. A analogia com os defensores dos animais se dá pelo fato de um acontecimento específico mudar completamente a percepção da pessoa em relação a alguma coisa, nesse caso à vida e aos direitos dos animais não humanos. Para exemplificar, o autor comenta uma experiência de vida dele mesmo:

Nancy e eu estávamos jantando perto de uma jovem que comia sozinha. Trocamos umas palavras, uma coisa leva à outra, e aí, sem saber dos nossos pontos de vista, ela começou a contar que tinha crescido numa pequena fazenda onde ela criava um carneirinho. Toda manhã, antes de ir à escola, ela visitava o carneiro, escovava-o, limpava-o e lhe dava comida. E toda tarde, de volta da escola, ela fazia tudo de novo. Até um dia que, quando ela voltou da escola e foi ao celeiro, o carneiro não estava mais lá, e no jantar foram servidas costeletas de carneiro. Essa moça (tinha uns vinte e poucos anos) estava quase chorando quando contou sua história. "Até hoje", ela disse, "não perdoei meus pais". Mas daquele dia em diante, sua vida ficou plena de consciência animal. O sofrimento de todos os animais, e não o de um carneiro, tomou-se a passagem pela qual ela adentrou o mundo.²⁰²

²⁰⁰ Links dos vídeos citados: Disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nFQVMJwl4Hs>> Acesso em: 19 jun. de 2017.

²⁰¹ *Idem*, p. 30.

²⁰² *Ibidem*, p. 31.

Para Regan, a maioria das pessoas que mudaram sua visão em relação aos animais não humanos pertence ao grupo dos relutantes, depois damascenos, e uma parte muito pequena de vincianos.

Pelos relatos ouvidos das pessoas entrevistadas nessa pesquisa, isso também se confirma, visto que até um momento da vida, eles acreditavam em uma “verdade absoluta” a respeito do consumo de produtos de origem animal, e devido ao contato com pessoas que já apresentavam uma nova visão, passaram a pesquisar, se informar, e perceber que aquele era um caminho interessante a se seguir baseados nas experiências de vida que tiveram, nos ideais que acreditavam, etc.

Podemos dizer que pessoas ovolactovegetarianas continuam no processo como relutantes por ainda não terem mudado completamente seus hábitos de consumo. Como colocado anteriormente, muitos fatores influenciam nesse caso, porém a dificuldade em dar o próximo passo em direção a total libertação dos animais, passa principalmente por uma dificuldade em se manter firme na escolha de vida que fizeram, e na mudança de hábitos. Como me disse uma vez um amigo vegano há muitos anos “não é o veganismo que tem que se adaptar a sua vida, mas a sua vida que precisa se adaptar ao veganismo”²⁰³.

5.2 VEGETARIANISMO ESTRITO:

Lançando uma pergunta simples em um site de relacionamentos na internet: “qual é a maior dificuldade que vocês encontram na transição para o veganismo?”. A resposta é sempre muito parecida: “as empresas não são claras quanto à composição de seus produtos”; “a dificuldade de encontrar os produtos que sei que podem ser consumidos, em um único lugar, me fazendo andar em muitos mercados diferentes pra encontrar o que preciso”; “a vida social, principalmente na família”; “os vícios, como cigarro e outros”²⁰⁴. As pessoas que se consideram vegetarianas estritas por questão de ética animal acabam por se colocar sempre em transição,

²⁰³ Vinicius Zanona também foi entrevistado para esse trabalho, suas colocações serão expostas na sessão do 3º subnível dos abolicionistas.

²⁰⁴ Respostas dadas a um post feito pelo meu perfil pessoal no site de relacionamentos Facebook em um grupo fechado chamado “Troll Ajuda”. É um grupo criado para veganxs e pessoas em transição para o veganismo com intuito de ajudar no processo, dar dicas de substituição, conversar sobre ética animal, etc. É um grupo que necessita aprovação de moderadores para que seja visualizado seu conteúdo. Portanto, as respostas ao post que fiz serão colocadas em formato de “print scream” (com os nomes das pessoas que responderam ocultados) na sessão de anexos.

porém argumentam que “um dia chegam lá”. Ou seja, assim como pessoas ovolactovegetarianas, as vegetarianas estritas que mudaram seus hábitos alimentares pela abolição animal acabam por estacionar na transição por conta das dificuldades encontradas.

Nesse subnível, fugindo um pouco da questão da ética, ainda existem pessoas que abandonaram o consumo de todos os alimentos de origem animal por questão única e exclusiva de saúde, por acreditarem no vegetarianismo como sendo uma dieta saudável, sem a preocupação com o bem estar dos animais não humanos. Essas pessoas não se importam em consumir produtos de vestuário como couro, lã, seda, nem em consumir produtos destinados à estética, como marcas de cosméticos que aplicam testes feitos em animais para controle de qualidade. Apesar de se considerarem vegetarianas estritas, suas razões passam longe da sensibilidade em relação aos animais, o que demonstra mais uma vez a tese desse trabalho de que os níveis e subníveis de sensibilidade não são fixos e nem seguem uma característica linear, perpassando meandros complexos como as relações humanas costumam ser.

Nesse sentido, ao realizar uma busca na internet por “vegetarianos estritos”, encontra-se um grande número de publicações que versam sobre os benefícios da dieta vegetariana estrita para a saúde²⁰⁵.

Em 2011, a Folha de São Paulo publicou uma reportagem com a fala de um cirurgião cardíaco estadunidense que afirma que só a dieta restrita a vegetais reverte doenças cardíacas²⁰⁶. A reportagem em nenhum momento comenta a abdicação da carne como uma postura que não a da preocupação com a saúde.

Sendo assim, é interessante notar que o ovolactovegetariano acaba por se colocar em uma posição mais política e ética que alguns vegetarianos estritos, porque na maioria das vezes sua intenção é completar a transição, e é difícil existir essa nuance da preocupação com a saúde em seu discurso.

²⁰⁵ “Saúde: benefícios de uma dieta vegetariana estrita” 17 de janeiro de 2017. Disponível em <https://sejavegan.pt/saude-beneficios-de-uma-dieta-vegetariana-estrita/> . Acesso em: 18 out. 2017. “Estudo da USP afirma que vegetarianos tem risco menor de desenvolver doenças cardíacas” 25 de setembro de 2013. Disponível em <<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/09/25/noticias-saude,193786/estudo-da-usp-afirma-que-vegetarianos-tem-risco-menor-de-desenvolver-d.shtml>> . Acesso em: 18 out. 2017.

²⁰⁶ Folha de São Paulo. “Só dieta à base de vegetais reverte doenças cardíacas”. 25 set. 2011, p. c12.

5.3 VEGANISMO:

“Porque antes de eu me tornar vegetariano eu não entendia que poderia existir uma horizontalidade assim, no sentido do respeito, de não existir uma hierarquia de direito a vida. Porque o especismo é justamente isso, e ir contra é a quebra mesmo dessa lógica.”²⁰⁷

Enxergar os animais não humanos apenas como sujeitos de direito é pouco para as pessoas que se identificam com a filosofia vegana. Ser sujeito de direito, para eles, não garante o fim da exploração animal, apenas melhora a condição de vida desses seres criados para a utilização humana, até o momento do seu abate. Como coloca Vinicius Zanona na citação acima: entender que não existe uma hierarquia no direito a vida, esta é a visão que o veganismo como movimento social difunde na sociedade.

Nesse sentido, a legislação brasileira tem avançado no que concerne ao direito animal somente na sua senciencia, ou seja, capacidade de apresentar sentimentos (dor, medo, felicidade, etc), e isso se reflete na criação de leis para abrandar possíveis sofrimentos (como o já citado abate humanitário). Para os adeptos da filosofia vegana, é a total abolição da utilização de animais não humanos que importa. Seu direito a vida independente da interferência humana, por mais que essa interferência não apresente danos aparentes à eles (exemplo da utilização de animais em espetáculos ou esportes, em que o argumento é que não existe sofrimento). A postura vegana, então, perpassa por uma mudança de hábitos completa, sendo o último nível a ser alcançado na escala de sensibilidade em relação aos animais não humanos. Diferentemente da postura vegetariana estrita, que permite ainda uma subdivisão em grupos que adotam o vegetarianismo apenas como dieta, e não como postura ética, o termo veganismo não permite essa subdivisão. Para se dizer vegano com coerência, a pessoa que assume a postura precisa estar ciente do total abandono do consumo de produtos de origem animal, bem como de marcas que promovem testes, que patrocinam eventos ligados a exploração animal, etc. É uma postura que além de ética, é política.

²⁰⁷ Trecho de entrevista realizada com Vinicius Zanona dia 18/02/2017 em Curitiba/PR.

Em uma matéria publicada no site da ANDA (Agência de Notícias de Direitos Animais), o conceito de veganismo exposto vem da Vegan Society e diz o seguinte:

“É a filosofia e modo de vida que procura excluir – o quanto for possível e praticável – todas as formas de exploração e crueldade para com os animais com objetivo de consumo, produção de roupas ou qualquer outra finalidade. Por consequência, estimula o desenvolvimento e uso de alternativas livres de crueldade em benefício dos seres humanos, animais e meio-ambiente. Na alimentação, denota a prática de dispensar todos os produtos derivados totalmente ou parcialmente de animais.”²⁰⁸

Ou seja, o veganismo deve ser visto como um estilo de vida, e não como uma dieta.

Ainda no site da ANDA, encontra-se um artigo assinado por David Ariocho sobre a história do veganismo, que apesar de encontrar raízes ainda na Grécia antiga com o filósofo Pitágoras, e no Oriente com Siddhartha Gautama²⁰⁹, tem seu início enquanto movimento após a criação da primeira Sociedade Vegetariana do mundo, na Inglaterra no ano de 1847²¹⁰. No Brasil, a primeira instituição com o mesmo fim foi criada no ano de 1907.

O termo “veganismo”, por sua vez, foi cunhado por Donald Watson em 1944, um marceneiro inglês que no momento era secretário da Sociedade Vegetariana de Leicester. Segundo o artigo de Ariocho, Watson se incomodava com o fato de muitos vegetarianos ainda consumirem ovos e laticínios, e junto com outros 5 membros da sociedade resolveram elaborar uma nova filosofia que demonstrasse maior interesse em favor da vida dos animais.

²⁰⁸ YOUNG, Nzinga. **Veganismo: quando filosofia é bem diferente de dieta.** Portal de notícias ANDA, 2016. Disponível em: <https://www.anda.jor.br/2016/08/veganismo-quando-filosofia-e-bem-diferente-de-dieta/>. Acesso em 04 jul. 2017.

²⁰⁹ Considerado o primeiro Buda.

²¹⁰ ARIOCH, David. **História do veganismo.** Portal de notícias ANDA, 2017. Disponível em <https://www.anda.jor.br/2017/05/historia-do-veganismo/>. Acesso em: 05 jul. 2017.

Ele enfrentou forte oposição, mas perseverou. Também inventou um novo termo – vegan (vegano) – para se referir a quem não consome nenhum alimento de origem animal. Além de vegan, uma abreviação de “*vegetarian*”, entre os nomes sugeridos estavam “*dairyban*”, “*vitan*” e “*benevore*”. “Foi o início e o fim do vegetariano”, disse Donald Watson, fundador da Sociedade Vegana que tinha Elsie Shrigley como co-fundadora.²¹¹

A partir daí, o movimento vegano vem crescendo e ganhando mais adeptos ao redor do mundo. Segundo dados da Vegan Society, atualmente 250 mil pessoas se consideram veganas na Grã Bretanha, nos EUA o número gira em torno de 2 milhões. No Brasil não existe uma estimativa da quantidade de pessoas que se denominam veganas, mas segundo a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), 20 milhões de pessoas se consideram vegetarianas²¹².

O crescente número de pessoas abandonando os hábitos de consumo de produtos de origem animal, o aumento da oferta de produtos para substituição, o aumento de pessoas que já ouviram falar do vegetarianismo/veganismo, por mais que não mudem seus hábitos, comprova que houve uma mudança significativa na visão que se tem em relação aos animais não humanos na sociedade.

A grande questão está sempre na polaridade do tema. No mesmo momento que cresce o número de adeptos ao vegetarianismo/veganismo, vemos crescer as críticas e ataques dos que não aceitam que uma determinada cultura alimentar possa ser alterada por questões éticas, ou até mesmo, sentimentais. Isso é muito visível, principalmente na internet por via das redes sociais, quando o assunto aparece em forma de polêmica.

Nesse sentido, temos dois exemplos mais recentes: o caso da invasão do Instituto Royal na cidade de São Roque/SP para resgatar os cachorros da raça beagle submetidos a testes, no ano de 2013; e o mais recente caso da polêmica envolvendo a gastrônoma Rita Lobo²¹³. Na

²¹¹ *Idem*.

²¹² *Ibidem*.

²¹³ Ao ser questionada no Twitter do porque ela não ensinava receitas com produtos mais saudáveis, a gastrônoma respondeu de forma irônica, o que casou desconforto principalmente no público vegano e vegetariano. O post diz o seguinte: “Porque você não ensina maionese com óleo de coco e iogurte ao invés

internet as opiniões são diversas, os defensores de ambos os lados se digladiam em comentários de notícias publicadas nas redes sociais. O que se torna interessante para nós nesse caso, é o posicionamento da mídia hegemônica. No caso de Rita Lobo, a Revista Veja publicou uma entrevista, aparentemente imparcial, porém dando voz apenas à gastrônoma. Na abertura da entrevista lê-se:

Ao mesmo tempo em que foi criticada por internautas naturebas ou adeptos da dieta vegana, Rita se tornou porta-voz de quem se cansou de modismos alimentícios, como cortar glúten e lactose sem ter intolerância a essas substâncias. Formada em gastronomia, a ex-modelo de 42 anos atua, a convite de pesquisadores da Universidade de São Paulo, como divulgadora do Guia Alimentar para a População Brasileira.²¹⁴

Em nenhum momento ela ataca o veganismo ou as dietas que retiram consumo de alimentos de origem animal de forma direta, porém, ao ser perguntada sobre a polêmica que causou nas redes sociais ela responde:

Não foi uma resposta a alguém específico, apesar de internautas terem escrito que eu estava respondendo diretamente a eles. Algumas pessoas se sentiram ofendidas e me questionaram na linha: “Quem é você para falar desse assunto?”. Mas a grande maioria escreveu algo como: “Ainda bem que alguém falou sobre isso. Não aguento mais esses modismos”.²¹⁵

Ou seja, tratando mudanças alimentares como modismo.

O caso dos beagles do Instituto Royal é mais emblemático, e demonstra o posicionamento da revista contra o ativismo animal. A edição do dia 30 de outubro de 2013 conta com 17 páginas da sessão “Especial” para argumentar em favor das experimentações em animais; dos “avanços” tecnológicos conquistados às custas da natureza e dos

de gema e óleo’. 1) Porque não é maionese; 2) Trate seu distúrbio alimentar.” Disponível em: <<https://twitter.com/ritalobo/status/830387303369625600>> . Acesso em: 09 jul. 2017.

²¹⁴ Revista Veja. “Comida não é um inimigo”. 1 de março de 2017, p. 15.

²¹⁵ *Idem*, p. 17.

animais; e contra organizações que lutam pela manutenção de um meio ambiente saudável. São 5 manchetes: “Crime em nome do amor”; “Nosso povo na selva”; “Com os russos é outro papo”; “O que sentem os animais”; e “Nossa eterna gratidão”²¹⁶. Na primeira manchete, o subtítulo já mostra seu posicionamento:

Os ativistas passaram por cima das leis para resgatar cães. A sensibilidade exacerbada com o bem-estar dos animais é uma marca do nosso tempo, mas não é por ser legítimo que esse sentimento permite o vale-tudo”.²¹⁷

Os autores se utilizam abertamente de ironia para abordar o caso já no início da matéria:

O uso de animais nesse tipo de pesquisa é uma prática mundial que, no Brasil, tem amparo legal. Então, é ingênuo e errado imaginar que os cientistas do Instituto Royal são versões de jaleco branco da Cruella de Vil, a vilã do filme *101 Dálmatas*, dos estúdios Disney, vivida nas telas pela atriz Glenn Close.²¹⁸

E novamente quando traça o perfil das pessoas engajadas no bem-estar animal:

O perfil mais comum da *defensora intransigente* [grifo meu] dos animais é a mulher de classe alta, entre 30 e 50 anos, sem filhos, sempre pronta a adotar um bicho abandonado. Algumas, mais radicais, são vegetarianas e recusam-se a vestir roupas ou usar acessórios feitos de couro natural. Ao escolherem cosméticos, exigem que não tenham sido testados em animais.²¹⁹

Essa crítica parece ser abertamente à já citada protetora Luisa Mell, que foi quem organizou a ação de resgate dos beagles do instituto.

²¹⁶ Respectivamente: página 89; 92; 96; 98; e 104.

²¹⁷ ARAGÃO, Alexandre; MEGALE, Bela. VEJA. **Crime em nome do amor**. 30 de outubro de 2013, p. 89.

²¹⁸ *Idem*.

²¹⁹ *Idem*, p.91.

Em praticamente todas as reportagens que apresentam o vegetarianismo/veganismo como estilo de vida, a postura é tida como “radical”²²⁰. Em outros casos é colocado como dieta²²¹.

Na segunda reportagem da série, a crítica é em relação as pessoas que estão optando por diminuir o consumo de uma maneira geral para viver mais próximo à natureza: “Eta espécie complicada essa nossa. Depois de ralar durante milênios para construir uma civilização tecnológica com aviões, carros, internet, vacinas, antibióticos e anestesia, o bacana agora é lutar pela volta ao mundo natural.”²²² Não podemos negar algumas melhorias que a tecnologia trouxe para a sociedade humana, porém temos visto um aumento significativo de pessoas com transtorno de saúde mental (depressão, ansiedade, etc) devido a vida quase “artificial” que levamos, e a busca por uma vida mais saudável, mais natural, é uma fuga justa, altamente criticada pelo autor da matéria. Seguida de mais uma crítica ao ativismo:

Os ativistas que libertam cães em São Paulo, que quebram vitrines em Londres e Paris, que se propõem a ocupar Wall Street, em Nova York, tem em comum a ideia de que a lei e a ordem existem apenas para garantir o modo de vida das pessoas das quais eles discordam – ou, frequentemente, que eles odeiam.²²³

A próxima reportagem “Com os russos é outro papo” é uma crítica aos movimentos ambientalistas. O título já da ideia da visão do autor da matéria, porém segue por alguns parágrafos apenas contando a trajetória de Ana Paula Maciel, ambientalista do Rio Grande do Sul, ligada à ONG Greenpeace, que foi presa na Rússia durante uma ação da organização em uma plataforma de petróleo do país. Mais adiante a crítica aparece, quase que sutilmente, quando o autor nomina o Greenpeace, e outras

²²⁰ Como exemplo, algumas reportagens das últimas décadas: “**O prazer volta à mesa**” (24 de janeiro de 1990, p. 51); “**Muita verdura, pouca vitamina**” (14 de agosto de 2002, p. 58); “**Para lá de mal passado**” (11 de dezembro de 2002, p.70).

²²¹ “**O teste da comida saudável**” (24 de novembro de 2010, p.152); “**As porções mágicas**” (13 de agosto de 2014, p. 90); “**O mal maior**” (31 de agosto de 2016, p.92).

²²² ALCANTARA, Eurípedes. **Nosso povo na selva**. 30 de outubro de 2013, p. 93.

²²³ *Idem*, p. 94.

organizações de proteção do meio ambiente como “ecoxiitas”. Apesar de ter minhas próprias ressalvas a respeito de organizações como Greenpeace²²⁴, denominá-las como “xiitas”, de maneira totalmente depreciativa e rasa, demonstra uma visão igualmente rasa e deturpada das questões ambientais que assolam o planeta.

A penúltima reportagem fala sobre a sensibilidade animal, e é inteiramente contraditória. Dá a entender que a autora não quer “admitir” que os animais podem apresentar sentimentos e um certo grau de inteligência, porém alguns estudos mostram o contrário. O subtítulo da matéria já demonstra a confusão da autora: “Embora a esperteza e a ‘inteligência’ dos bichos de estimação sejam supervalorizadas por seus donos, a ciência prova que muitas espécies desenvolveram capacidades que dependem da consciência”²²⁵. O termo “embora” no início da frase dá a entender que a autora vai discordar dessa afirmação, porém, a frase que segue concorda com a anterior. Durante a matéria, traz exemplos de casos de animais que realizaram feitos inexplicáveis para a ciência, como o de uma gata que se perdeu durante uma viagem de férias da família nos Estados Unidos, e percorreu mais de 320 quilômetros sozinha para voltar pra casa. E acertou o caminho. Ou, o caso do cachorro que ficou de junho a setembro esperando por seu dono no mesmo lugar, após este ter falecido devido a um infarto. Traz, mais adiante, o estudo realizado por Gregory Berns, da Universidade de Emory nos Estados Unidos, em que este afirma que os cachorros sentem mais emoções do que se pensa.

“Berns usou aparelhos de ressonância magnética para analisar a estrutura cerebral dos cães e constatou semelhanças com a dos seres humanos no que diz respeito à constituição e ao funcionamento do chamado núcleo caudado, região associada às emoções positivas. Escreve Berns: ‘A capacidade de experimentar

²²⁴ O documentário “Cowspiracy” (Kip Andersen, 2014) apresenta bases para a minha crítica pessoal quando demonstra que algumas organizações não aparentam estar mais tão preocupadas com o meio ambiente, mas sim com a manutenção de doações de grandes indústrias. O ponto central do documentário é demonstrar que a criação de gado para o consumo humano pode ser o maior responsável pela degradação ambiental, pela poluição do ar, e pela fome mundial, e quando questionadas, as autoridades representantes dessas organizações nem tocam no assunto. No caso do Greenpeace mais especificamente, a representante até se recusa a falar sobre.

²²⁵ ALLEGRETTI, Fernanda. Op.cit.

sentimentos, como o amor e o apego, significa que os cães tem um nível de sensibilidade comparável ao de uma criança. Essa capacidade sugere que devemos repensar a forma como os tratamos”²²⁶.

Depois de trazer todas essas argumentações e comprovações científicas, a autora coloca no final da reportagem, como quem não está convencida, que por mais que os animais não sejam tão inteligentes como acreditam seus donos, eles surpreendem com algumas capacidades específicas²²⁷.

A última reportagem da série é a mais emblemática. Após se posicionar contra o ativismo dos que invadem laboratórios para salvar animais em condição de cativeiro para testes, a matéria intitulada “Nossa eterna gratidão” vem para argumentar a grande contribuição dos experimentos em animais para a elaboração de fórmulas de medicamentos, e demonstrar a gratidão que a humanidade tem para com esses seres. No subtítulo “eles se sacrificaram por nós”. A contribuição é inegável, realmente, porém inúmeros estudos já comprovam que testes em animais são ineficazes em 76%²²⁸ dos casos, além de existirem alternativas mais éticas e precisas.

Como afirma o médico e especialista John Pipp, diretor de negócios acadêmicos da associação americana PCRM (sigla em inglês para Comitê Médico Pela Medicina Responsável), em reportagem concedida à Revista Galileu em 2013, logo após o caso da invasão do Instituto Royal em São Paulo:

A questão científica é que está provado que o uso de animais para estudar doenças humanas e testar drogas para o uso humano antes que elas sejam mandadas para teste clínico em pessoas é um grande erro. Os resultados geralmente tem uma aplicabilidade muito baixa em seres humanos, e é um sistema que claramente está demonstrado que não é eficaz, não prevê os resultados em organismos humanos, consome grandes recursos financeiros e produz poucos, quando nenhum, benefícios para pacientes.²²⁹

²²⁶ *Idem*, p, 99-100.

²²⁷ *Ibidem*.

²²⁸ Como explicita o médico John Pipp na reportagem a seguir.

²²⁹ FREITAS, Ana. **Uso de animais para estudar doenças e testar drogas para**

A justificativa que o especialista dá para que se continuem fazendo testes em animais é o dinheiro que é movimentado com a ação. Nas Universidades, em forma de verbas de financiamento para pesquisa, nas empresas farmacêuticas, na facilidade em realizar os testes e obter rapidamente autorização para circular os novos produtos.

Como alternativa para o uso de animais em testes, John Pipp coloca métodos que já se mostraram mais eficientes e precisos sem causar dano e nem morte de nenhum ser vivo, como a pesquisa com células tronco, que podem ser manipuladas para se tornar qualquer órgão humano, e alguns softwares.

Acredito que a relutância em aderir esses novos métodos, além da questão financeira já citada, passa por uma questão de “ego humano” de dominação de outras espécies. Como se tratar animais com horizontalidade, respeitando seu direito à vida, fosse destronar o animal humano de sua condição de “ser superior”.

O exemplo dessas reportagens demonstra como uma das representantes da mídia hegemônica, no caso, a Revista Veja, vem tratando a questão dos animais para o senso comum. Ao colocar o termo “veganismo” no mecanismo de busca do acervo online da revista, este aparece apenas uma vez, em 47 anos de publicação, no ano de 2016. E surge, como de praxe, de maneira irônica ao se falar da voz “fraca” do ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, que aderiu ao veganismo como “dieta” há alguns anos.

O jornal Folha de São Paulo peca um pouco menos nesse sentido. Em 57 anos de publicação, o termo aparece mais vezes e com outra conotação, a que o termo se propõem a ser, uma questão política. Este periódico se coloca numa posição mais “neutra”, traz reportagens com visões de ambos os lados da moeda.

A primeira vez em que o termo aparece é no ano de 2005, um período em que efervescia no Brasil um movimento juvenil que questionava algumas questões, assim como os punks dos anos 70 e 80. Também encontrando respaldo e exemplos na música, o hardcore e o emo do início dos anos 2000 trouxe à tona o veganismo e o vegetarianismo no meio jovem do país. Isso é visível nas entrevistas realizadas para essa

uso humano é um grande erro. Site Revista Galileu.

Disponível em:

<<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI344794-17770,00-USO+DE+ANIMAIS+PARA+ESTUDAR+DOENCAS+E+TESTAR+DROGA+S+PARA+USO+HUMANO+E+UM+GR.html>> . Acesso em: 10 jul. 2017.

pesquisa com Vinicius Zanona (32), Joelton Lustoza (34) e Karila Gonçalves (29), todos os três tem algum tipo de envolvimento com a música (Joelton e Vinicius participavam juntos de uma banda de punk/hardcore que cantava letras de revolta e protesto; Karila estava sempre presente nos pequenos shows que aconteciam na cidade), e iniciaram a transição para o vegetarianismo na mesma época (entre 2003 e 2005). A influência de artistas de bandas do estilo, apreciadas por esses jovens, também foi essencial para o “boom” do movimento vegetariano nesses anos iniciais da década de 2000.

A reportagem de 4 de julho de 2005 da Folha de São Paulo trata da insatisfação dos jovens com a política brasileira. O título “De braços cruzados” supõem que os jovens dessa época não veem mais solução para os problemas políticos do Brasil e acabam por não se engajar em movimentos ligados especificamente ao regime político brasileiro, e quando se engajam, é em outras questões, como o veganismo:

Todos os dias, Luisa levanta a bandeira do “veganismo”, que ela define como um vegetarianismo mais radical, escapando de qualquer produto animal, mesmo produtos que foram testados neles. A garota vê no “veganismo” um discurso político coerente. “Minha participação política é essa, uma contribuição para a melhoria do meio ambiente, da sociedade, para estimular a ética entre os seres vivos, dos direitos dos animais e dos seres humanos”.²³⁰

Durante os anos que se seguem, o jornal traz a questão de ambos os lados, entrevistas com veganos, falando de receitas, da questão nutricional²³¹, mas também de contrários à causa²³².

²³⁰ **Folha de São Paulo**. 4 de julho de 2005 página 5 folhateen

²³¹ Exemplos: “**Rua Augusta vira ponto de encontro de ‘punk caretas’**”, reportagem do dia 26 de março de 2006 em que vegans “straight edges” (pessoas que optam por não consumir nenhum tipo de droga, seja álcool, cigarro, etc.) são entrevistados sobre sua rotina na rua Augusta.

“**Verdurada**” reportagem de 28 de janeiro de 2008 sobre o evento chamado Verdurada que acontece anualmente em São Paulo somente com comida vegana e bandas militantes da causa.

“**Vida vegana**” reportagem de 23 de janeiro de 2010 explicando a rotina vegana.

²³² Exemplos: “**Grupo fará campanha para esclarecer uso de cobaias**” reportagem de 16 de julho de 2008 sobre um filme produzido para justificar o uso de animais em testes de laboratório. “**Diário de um ecochato**” matéria de 17 de

Um caso se torna interessante para comparação entre os dois periódicos. No ano de 2006, a Folha de São Paulo publicou uma matéria intitulada “Minivegetarianos”²³³, o subtítulo da matéria demonstra uma maior abertura ao tema: “Crianças e adolescentes precisam de mais cuidados do que adultos para seguir dietas vegetarianas; veja dica de nutricionistas e médicos para garantir crescimento saudável”. A matéria vem com algumas informações que demonstram um leve incômodo com o vegetarianismo/veganismo, porém não é categórica afirmando que é uma “dieta” que não deve ser seguida de maneira alguma.

Em compensação, 4 anos depois, em novembro de 2010, a Revista Veja publica uma reportagem com o título “Filhinhos vegetarianos, nem pensar”²³⁴ que é categórica:

(...) as crianças induzidas a seguir uma dieta assim restritiva, têm maior probabilidade de apresentar deficiências nutricionais. Sem alimentos de origem animal, *faltarão* a elas ferro, zinco, cálcio e vitamina B12, o que pode comprometer seu desenvolvimento físico e intelectual [grifo meu].²³⁵

O que se percebe nas reportagens em mídias de circulação nacional, é que o veganismo ainda é visto com estranheza e ressalvas, apesar das inúmeras pesquisas que demonstram esse estilo de vida como viável nutricional e eticamente, o interesse em contestá-lo de alguma forma é altamente perceptível.

Passando da mídia hegemônica para mídias específicas que se ocupam do tema veganismo como bandeira, hoje é possível encontrar uma grande variedade de sites dispersos na rede. Colocando a palavra “veganismo” em mecanismos de busca na internet obtemos os exemplos mais famosos no Brasil: Site da ANDA; Site Vista-se; Site Sociedade Vegana; Site Veganismo Brasil; Site Estilo Vegan; Site da Sociedade Vegetariana Brasileira²³⁶; entre muitos outros blogs e páginas em redes

abril de 2011 mostra 5 dias de um repórter do jornal que decidiu fazer a experiência de ser um ecologista, e uma das medidas tomadas foi aderir o veganismo. “**Dieta vegana causa carência de nutrientes**” reportagem do dia 27 de novembro de 2013 em que mais um repórter fica alguns dias vivendo o veganismo para depois falar mal da comida e da nutrição da “dieta”.

²³³ 20 de julho de 2006.

²³⁴ 20 de julho de 2006.

²³⁵ *Idem*.

²³⁶ Links dos sites citados respectivamente: <<https://www.anda.jor.br/>> ;

sociais que compartilham receitas, produtos que não testam, dicas de suplementação, etc. Além dos sites de proteção animal que se colocam como veganos como o Site da PEA (no Brasil); Site da Peta (no mundo)²³⁷. Esses sites são responsáveis pela informação e disseminação do estilo de vida vegano, atentando sempre para discussões que desmistifiquem o que algumas das reportagens colocadas anteriormente divulgam.

A questão da saúde é uma constante no discurso de crítica, como já colocado no exemplo das reportagens que traziam o ponto do vegetarianismo/veganismo na infância. Em junho de 2016, o site da BBC Brasil também postou uma notícia falando dos “riscos” da dieta vegana²³⁸. A primeira imagem, acrescida da legenda já demonstra o teor da reportagem:

Figura 22: Matéria retirada do site da BBC Brasil sobre os riscos da dieta vegana.



<<http://www.vista-se.com.br/>> ; <<http://sociedadevegana.org/>> ;
 <<http://www.veganismo.org.br/>> ; <<https://estilovegan.com.br/>> ;
 <<https://www.svb.org.br/>> . Acesso em 19 out. 2017.

²³⁷Links dos sites citados respectivamente: <http://www.pea.org.br/> ;
<https://www.peta.org/> . Acesso em 19 de outubro de 2017.

²³⁸Link da notícia: **BBC**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-36446864>> . Acesso em 19 out. 2017.

Fonte: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-36446864> .

O texto segue a linha da imagem, trazendo questões de informação nutricional e necessidades do organismo que vem da ingestão de produtos de origem animal, além de colocar a “dieta” como modismo contemporâneo. O que se torna interessante é que ao final da reportagem, uma nota da resposta da Sociedade Vegetariana Brasileira é acrescida às informações, em parte equivocadas, do texto da notícia:

Após a publicação desta reportagem, a Sociedade Vegetariana Brasileira questionou algumas conclusões dos especialistas citados, argumentando que “quando a dieta vegetariana é seguida no longo prazo, reduzimos as taxas de mortalidade de doenças cardiovasculares, diabetes, câncer e obesidade, que são fatores que colocam a qualidade e expectativa de vida em risco. Além disso, sendo a dieta vegetariana adotada por pessoas no mundo há milênios, como na Índia, não é correto dizer que é uma dieta de moda”. A Organização diz ainda que “consumo de linhaça e chia fornece ômega-3 em abundância na dieta vegetariana” e que “praticamente todos os estudos que comparam a ingestão de ferro entre vegetarianos e não vegetarianos demonstram maior ingestão do mineral pelos vegetarianos. Além disso, a prevalência de anemia nas duas dietas não é diferente. A fração de ferro obtida pela carne não vai corresponder nem a 20% da recomendação diária de ingestão”.²³⁹

O site da BBC não se manifestou mais sobre isso após a resposta da Sociedade Vegetariana Brasileira.

A crítica a questão da saúde na mudança do hábito alimentar para total abolição do consumo de alimentos de origem animal, quando há conhecimento e responsabilidade na escolha da alimentação, não tem fundamento, e percebemos isso quando encontramos pessoas que mudaram seus hábitos há muitos anos e se encontram extremamente saudáveis, como é o caso de Vinicius Zanona, entrevistado para esse trabalho. Vinicius utiliza uma frase que esboça bem o que é a adoção do veganismo, frase que já citei anteriormente mas que vale citar novamente:

²³⁹ *Idem.*

“não é o veganismo que tem de se adaptar a sua vida, mas sua vida que tem de se adaptar ao veganismo”. Nesse sentido, Vinicius argumenta:

“Tá, e as condições para isso? Você não vai encontrar as coisas no mercado, você não tem um restaurante. Mas não importa, você faz, porque você quer isso. E acho que essa é a principal motivação que elimina as dificuldades. Eu vivia levando marmitta pra lá e pra cá porque eu sabia que não ia encontrar as coisas. Não achei difícil depois que eu coloquei na minha cabeça. (...) No começo morando em uma cidade do interior, com os pais, sem um restaurante vegetariano, sem alguma referência física, até sobre os pratos que poderiam ser feitos, questão de informação mesmo. A internet ainda não era essa coisa diária, essa coisa de fácil acesso. E então tinha essa primeira dificuldade, eu simplesmente tirei a carne do prato. Depois eu comecei a pensar que devia colocar outras coisas. Aí eu fui abrindo meu palada pra experimentar coisas que antes eu não experimentava. É uma adaptação.”²⁴⁰

Vinicius é vegano há 12 anos.

Para além da questão da saúde, que é tema constante nas críticas, como já colocado, veganismo é postura política e de sensibilidade animal. É o último nível de sensibilidade que se pode assumir em relação a animais não humanos por percebê-los como seres com direito à vida, assim como animais humanos. Quando pergunto para Vinicius sobre a relação dele com os animais, este diz:

“Uma das primeiras coisas que me lembro é um olhar diferente. Primeiro você começa a olhar diferente pros animais que estão próximos, depois você começa, por exemplo, toda vez que você vai próximo a uma chácara, uma fazenda, você começa a perceber o que está acontecendo lá. O que eu posso dizer é que eu realmente fiquei mais sensível ao olhar, queria chegar mais perto... Eu sempre senti essa conexão. Porque antes de eu me tornar vegetariano eu não entendia que poderia existir uma horizontalidade, no sentido do respeito, de não

²⁴⁰ Trecho de entrevista realizada 18 de fevereiro de 2017 em Curitiba/PR.

existir uma hierarquia de direito à vida. Porque o especismo é justamente isso, e ir contra é a quebra dessa lógica. A sensibilidade que eu sinto quando encaro um animal de frente, eu mudei muito. Não que eu maltratasse animais antes, mas eu tenho umas lembranças de criança, querendo jogar pedra em pombo. E depois eu quase briguei na rua de ver pessoas chutando pombo. Mas acho que a principal coisa, é engraçado, não sei como falar isso, você fica inserido num contexto, e sempre tá escrevendo sobre isso, mas você acaba não vendo os animais de corte. Eles estão escondidos, os matadouros são, obviamente, escondidos pra gente não ficar questionando o tempo todo. Então quando eu tenho a oportunidade, vejo uma vaca, ou um carneiro, ou qualquer animal de corte eu paro, eu olho, respiro, quero ficar perto.”²⁴¹

Essa sensibilidade de tratar os animais com horizontalidade é que define a postura vegana. Por mais que o vegano não esteja inserido em projetos de resgate animal, em ONGs ou institutos, a ideia de tratá-los com respeito, de entendê-los como seres sencientes que tem suas dores, suas alegrias, suas vontades, olhá-los com carinho, abolir sua exploração, se colocar um pouco fora da máquina que trata-os como meros objetos, como produtos, é isso que faz o veganismo ser o último nível de sensibilidade a ser alcançado em relação a eles.

²⁴¹ *Idem.*

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer um trabalho sobre animais não humanos sem ser antropocentrista é deveras complicado, talvez impossível, pois nosso lugar de fala vai ser sempre o de animal humano. Ter essa pretensão, inclusive, acaba por nos colocar num lugar mais antropocentrista ainda. Sendo assim, esse trabalho não tem por objetivo “dar voz” aos animais, eles se expressam de sua própria maneira. Esse trabalho se coloca na posição de um animal humano intencionando mostrar a outros animais humanos que animais não humanos tem direito à vida, por serem sencientes, nada mais.

Falar sobre sensibilidade e maneiras de olhar o animal não humano com respeito é um exercício que venho trilhando há quase 9 anos, quando decidi que não me alimentaria mais de seus corpos. E hoje esse exercício se materializa em um trabalho de dissertação.

Mapear historicamente níveis de sensibilidade em relação a eles foi a maneira pela qual concebi que podemos entender um pouco como se dá nossa relação com esses seres, e incentivar a reflexão de como podemos vir a agir no futuro. O fato de cada nível de sensibilidade estar ainda presente na atualidade, coexistindo e, no caso dos três primeiros, explorando animais não humanos (pois, por mais que se demonstre mudança de sensibilidade e empatia nos níveis 1 e 2, ainda se mantém um padrão de consumo que explora animais), nos mostra que ainda temos muito o que fazer.

Contando todas as esferas em que se matam animais no país (agropecuária, experimentação animal, acidentes, maus-tratos, vestuário, etc) são mortos quase 14 bilhões²⁴² de animais por ano, muitos nunca viram a luz do sol, presos em jaulas e levados diretamente para abatedouros. É um número absurdamente alto de vidas sencientes mortas por luxo e vaidade dos animais humanos.

Nesse sentido, este trabalho teve como cerne demonstrar as mudanças de sensibilidade que vem se operando na sociedade brasileira em relação aos animais, partindo da ideia de níveis de sensibilidade que variam do 0 ao 3, por entender que, por mais que ainda se explore muitos animais no país, algo parece estar começando a mudar. A perspectiva da História Ambiental, associada a História das Sensibilidades, surgiu como um fio condutor para entendermos nosso lugar no ambiente sem estarmos descolados da nossa condição de também animal, compartilhando o

²⁴² FELIPE, Sônia T. *op. cit.*, p.33.

espaço com tantos outros seres. Essa perspectiva também nos dá o respaldo da interdisciplinariedade, permitindo um diálogo da história com o direito, a ética, a filosofia, a antropologia e a sociologia, tornando a pesquisa mais abrangente.

Os níveis surgiram como uma ferramenta de pesquisa para operacionalizar os avanços e permanências que ainda se mostram tão nítidos através das fontes apresentadas. Foi a maneira que encontrei de dar um panorama da situação, visto que, no decorrer da pesquisa não encontrei uma metodologia que se mostrasse satisfatoriamente abrangente. Cada capítulo demonstrou um nível de sensibilidade, porém nenhum é independente do outro. Desde a crueldade extrema e total falta de empatia, até a abolição da exploração, existe um entrelaçamento que vai além das questões apenas sentimentais e econômicas, a cultura e o padrão de comportamento que ela muitas vezes impõe, pode ser considerado o maior empecilho na libertação dos animais não humanos. Pode-se perceber isso através das fontes apresentadas, pois, por mais que exista empatia, a justificativa da tradição é sempre uma constante, e como a História das mentalidades nos mostra, é sempre campo de embate quando surgem os questionamentos. É comum que cada vez mais pessoas tutelem animais de estimação, e desenvolvam um carinho e um amor por eles que se compara ao de entes familiares, porém quando se questiona o consumo, a diversão, a exploração de outros animais, a frase “sempre foi assim, nunca vai mudar” aparece com muita frequência.

O uso de variados tipos de fonte foi de essencial importância para entender os processos de mudança de sensibilidade. A mídia como um todo, indo de jornais de circulação nacional, que durante muito tempo foram a única fonte de informação da população, até os atuais sites, blogs, redes sociais, demonstram como as pessoas se posicionam, e como se dão os embates sobre o tema. O gradual aumento do conhecimento sobre o assunto nas redes demonstra claramente a nova visão, que vem crescendo, sobre os animais não humanos.

As leis são de extrema relevância para entendermos como a discussão pública afeta os aparatos normativos que regem a sociedade, como as punições e ações são recebidas pela população, e em certa medida, também nos mostram como os avanços e retrocessos acontecem também nesse âmbito, como o caso da aprovação da lei que coloca rodeios e vaquejas como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, vista como um enorme retrocesso para os defensores da causa animal.

As entrevistas e conversas informais, posts e manifestações, a meu ver, acabam por se mostrar as partes mais interessantes da pesquisa, justamente por trazerem a memória recente de quem assumiu uma postura

diferente em relação aos animais não humanos, e serem a voz que ecoa por mudanças, muitas vezes vítimas de represálias dos setores que exploram animais, e tão pouco ouvidas nas mídias hegemônicas do país. A voz da resistência diante de tantos contras que se insiste em colocar.

Buscou-se também demonstrar que o setor econômico e as questões monetárias que envolvem a exploração animal são fortíssimos inimigos na luta, pois, por mais que muitas pesquisas já demonstrem os benefícios de se assumir uma dieta livre de produtos de origem animal, por exemplo, a mídia insiste em lançar pesquisas tentando provar o oposto, em número muito maior. O abate humanitário é outro exemplo claro dos interesses econômicos da exploração, sendo o paliativo para que se acredite num tratamento digno desses animais. Além de outras questões, como as propagandas de produtos de origem animal, altamente presentes em todos os periódicos, sempre mostrando pessoas felizes, ou de uma maneira sádica, animais felizes. Essa perspectiva não foi abordada nesse trabalho, mas se mostra uma perspectiva de análise interessante para reflexão e possíveis trabalhos futuros.

Este trabalho se insere, portanto, como um ponto de partida para novas análises, tendo como principal contribuição o estabelecimento dos níveis de sensibilidade em relação a animais não humanos, que pode ser ferramenta utilizada por pesquisadores vindouros que se interessem pelo tema, e pela sociedade em geral para entender seu lugar no trato para com os animais. É, nesse sentido, também, um esforço para cada vez mais, possamos ouvir falar com uma frequência maior do nível de sensibilidade 3 do que dos que o antecedem.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Leticia; MEDEIROS, Fernanda Luiza Fontoura de. **Rinha de galo: uma expressão de cultura, uma atividade esportiva ou uma ofensa a constituição?** Florianópolis: CONPEDI, 2015.

CAPELATO, Maria Helena. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1988.

CARNEIRO, Enrique S. Comida e Sociedade: Significados sociais na história da alimentação. **Revista Questões & Debates.** Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005.

CORRÊA, Misael Costa. **Costume Proibido: A rinha de galos na grande Florianópolis (1980-2011).** 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

DARNTON, Robert. “Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint-Severin”. In:_____. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 2010, p. 101-136.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira.** São Paulo: Companhia das letras, 1996.

DESCARTES, R. **Descartes Philosophical Letters.** Trad. A. Kenny. Oxford: Oxford University Press, 1970.

DIAS, Juliana Vergueiro. **O rigor da morte: a construção simbólica do “animal de açougue” na produção industrial brasileira.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Campinas, Campinas: [s.n], 2009.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2009, 290p.

DRUMMOND, José Augusto. Por que estudar a história ambiental do Brasil? – ensaio temático. **Varia Historia**. Belo Horizonte, n.26, 2002, p. 13-32.

_____. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 177-197.

FELIPE, Sônia T. Glossário. In: **Acertos Abolicionistas, a vez dos animais: crítica a moralidade especista**. São José: Ecoanima, 2014.

FRANCIONE, Gary. **Animal Exploitation: The Journey Will Not Begin While We Are Walking Backwards**. 2006.

GONÇALVES, Andrea Fermino. **A festa do peão boiadeiro de Barretos/SP como espaço de encontro de culturas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2013, 136 p.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Madeta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 43-62.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2ª Ed., 2008.

MOL, Samylla; VENANCIO, Renato. **A proteção jurídica aos animais no Brasil: uma breve história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

MURPHEY, R. M.; RUIZ-MIRANDA, C. R. Domesticated ruminant behavior. In: Greenberg, G., Haraway, M.M. (eds). **Comparative Psychology: a handbook**, 1998, p. 393-404.

NASSARO, Adilson Luis. A evolução do aparato normativo de proteção à fauna diante dos atos de caça no Brasil. **Tempos Históricos**, Marechal Candido Rondon, v. 1, n. 2, p. 15-44, 2º semestre/2011.

NEPOMUCENO, Luiz. Vai, Vai, Vai Começar a Brincadeira: em meios a uma gargalhada tradicional, algumas notas históricas do

desenvolvimento do circo no Brasil (Notas prévias de pesquisa).

Revista Inter-Legere, UFRN, nº5, 2014.

OLIVEIRA, Wesley Felipe de. **A zoofilia é especista ou tolerável?** In: Fazendo Gênero 10. 2013, Florianópolis. Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, ISSN 2179-510X, Florianópolis, 2013.

PADUA, José Augusto. Bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, p. 81-101, 2010.

POLLAN, Michael. **O dilema do onívoro**: Uma história natural de quatro refeições. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006.

REGAN, Tom. **Jaulas Vazias**: encarando o desafio dos Direitos Animais. Porto Alegre: Editora Lugano, 2004.

SILVA, Danilo Pereira. **Canis familiaris: aspectos da domesticação** (Origem, conceitos, hipóteses). Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Agronomia e veterinária): Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SIMM, G.; CONINGTON J.; BISHOP, S. C.; DWYER, C. M.; PATTINSON, S. Genetic selection for extensive conditions. **Applied Animal Behaviour Science**, v.49, p. 47-59, 1996.

SIMOES, Maria Carolina de Miranda. **Desenvolvimento local da cidade de Cassilândia**: a festa do peão de boiadeiro e a construção da identidade e sentimento de pertença. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Pós-Graduação em Desenvolvimento Local. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande/MS, 2007, p.118.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. Ed. rev. Porto Alegre, São Paulo: Lugano, 2004.

_____. **Practical Ethics**. 3ª ed. New York: Cambridge University Press, 2011.

SOUZA, Mariângela Freitas de Almeida. *Apud*. OLIVEIRA, Thiago Pires; SANTANA, Luciano Rocha. **Guarda responsável e dignidade dos animais**. Acervo do site Abolicionismo animal. Disponível em:

<<http://www.abolicionismoanimal.org.br/artigos/guardaresponsveledignidadedosanimais.pdf>.> Acesso em: 17 de jul. 2017.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TRINDADE, Gabriel Garmendia. **Animais como pessoas**: a abordagem abolicionista de Gary L. Francione. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pós-Graduação em Filosofia. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013, 221 p.

VIGNE, Letícia Mattos de Souza Dantas. J.D. et al. **Early Taming of the Cat in Cyprus**. *Science*, v. 304, n. 9, p. 259, 2004.

WICKBERG, Daniel. What Is the History of Sensibilities? On Cultural Histories, Old and New. **American Historical Review**. Jun. 2007, p. 661-684.